

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL

TRÊS EXPOSIÇÕES E UM BALLET NA

INAUGURAÇÃO DO MARGS

A inauguração do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, marcada para a próxima quinta-feira, dia 26, com a presença do Governador do Estado, Sinval Guazzelli, constará de uma solenidade simples. Na ocasião, serão abertas três exposições: a do acervo do próprio MARGS, no salão principal do prédio, e, em salas complementares, o III^o Salão de Cerâmica e a Exposição de Desenho Industrial Gaúcho. No III^o Salão de Cerâmica estão representados 35 artistas, entre eles Neusa Mattos, Cecilio Holden, e Marilene Englert, os três com Prêmios de Aquisição concedidos pelo júri do Salão, mais Lilliana Moeller, Ingeberg Friedrichá, Marlies Ritter, Maria Teresa Fontoura e Rosemari Alice Spinatto Scotti, que receberam menções honrosas. Na mostra de Desenho Industrial comparecem o arquiteto Rui Crovador e o universitário Nilo Laschuk (Marco-polo S/A- Carreterias e Ônibus), arquiteto Flávio Cauduro e professor Joaquim da Fonseca (Novum Design Studio), engenheiro e professor José Carlos Bornancini e arquiteto Nelson Petzhold (Termolar), Günter Weiler, Arneio Wendhausen, Manlio Gobbi, Sergio Parmagnani e Ivãnio Sanguinetti, integrantes do Núcleo de Trabalho Magnaspazio (Manlio Gobbi S/A), arquiteto Roberto Umasky (Companhia Geral de Indústrias), arquiteto Roberto Bozzetti (Roberto Bozzetti Arquitetura Ltda), o engenheiro e professor José Carlos Bornancini e arquiteto Nilo Petzhold s/n (Hércules S/Z Fábrica de Talheres e Zivi S/Z Cutelaria)

Ainda durante a inauguração da nova sede do MARGS, à Praça Rio Branco s/n, os presentes terão oportunidade de apreciar uma apresentação do grupo de ballet de Ilse Simon, uma coreografia inspirada na música "Mosaico" de Marlos Nobre.

A exposição foi de alto nível: uma retrospectiva de Pedro Weigertner, o mais conhecido artista de Rio Grande do Sul.

Em 1973, o MARGS transferiu-se para o antigo local do Cotillon Club, à Avenida Salgado Filho, nº 235, onde permaneceu até meados do corrente ano, passando, então, à sede conferida por força do Decreto Federal nº 73789, de 14 de março de 1974, através do qual foi permitida à SEC a utilização do prédio da Delegacia Estadual do Ministério da Fazenda como sede do Museu de Arte de Rio Grande do Sul.

A SEDE

Concebido pelo arquiteto Adolfo Gundlach que teve a colaboração do escultor Alfredo Adloff, o prédio do MARGS foi mandado construir em 1913 pelo Ministro da Fazenda, Rivadavia da Cunha Correia. O encarregado da construção foi o engenheiro Rodolfo Ahrens, homem de cultura e sensibilidade, cuja firma construtora levantou em Porto Alegre vários edifícios entre 1900 e 1920 que muito contribuíram para o embelezamento da cidade.

Em estilo neo-clássico, o prédio tem cerca de 4.000m² de área construída, distribuídas em quatro pavimentos, dando lugar a salas de exposições, biblioteca, laboratório fotográfico, salão de conferências, arquivos, dependências para cursos, oficina de restaurações, tudo o que hoje é exigido de um moderno museu de arte, entendido, no seu todo, como um centro atuante de comunicação cultural.

ORGANIZAÇÃO

Para que melhor cumpra suas funções, o MARGS vem de ser reorganizado pelo atual diretor, dr. Luis Inácio Medeiros, que equacionou as diferentes atividades do Museu em cinco núcleos: Administração, Acervo, Núcleo de Galeria (técnico), Documentação e Pesquisa e Núcleo de Extensão. Ampliando seu "convívio", por assim dizer, com a comunidade, o MARGS tem se desdobrar em promoções fora de sua sede, através de cursos, exposições e palestras realizados em diversos locais, na própria capital e no interior do Estado, sempre colhendo ampla receptividade.

DIRETORES DO MUSEU

Desde sua criação o MARGS contou com a assistência e a dedicação de nomes ilustres que contribuíram significativamente para o desenvolvimento das artes plásticas no Estado. Em 1960, sucedendo ao professor e pintor

Ado Malagoli, assumiu a direção do MARGS o pintor, desenhista, gravador e professor Glenis Bianchetti, hoje radicado em Brasília. Francisco Stockinger, pintor, gravador e escultor, dirigiu o Museu de 1963 a 1964, retornado à direção em março de 1967.

Carlos Searineli, professor e crítico de arte, foi diretor de novembro de 64 até 1967. O arquiteto Gilberto Marques respondeu pela direção até janeiro de 1972 deixando o cargo para o jornalista e professor Antônio Hohlfeidt. De junho de 1972 a fevereiro de 1973 o responsável pela direção do Museu foi o gravador, desenhista pintor e professor Armando Almeida, sucedido, por sua vez, pelo pintor Flávio Rocha. Em dezembro de 1973 assumiu o arquiteto e professor Kurt G. Schmeling que permaneceu no cargo até abril de 1974, passando a direção do MARGS ao pintor, desenhista e gravador e professor Plínio Cesar Bernhardt. Luis Inácio Medeiros, o atual diretor, assumiu em maio de 1975 e vê agora concretizado - resultado de muitos esforços - o seu mais caro projeto: o Museu de Arte do Rio Grande do Sul na sede que merece.

O ACERVO

O acervo do Museu foi iniciado por Ado Malagoli, que reuniu as primeiras peças. Obras encontradas em precário estado de conservação foram removidas de repartições públicas estaduais e, posteriormente, limpas ou restauradas. Outras obras valiosas foram adquiridas ao longo dos anos. Dessa primeira base são lembradas, entre outras, obras de Di Cavalcanti, Angélio Guido, Lindindo Ferraz, Oscar Boeira e Pedro Veingärtner.

Com o enriquecimento do acervo, passaram a ser incluídas obras de artistas de renome internacional como Joseph Bail, Rosa Bonheur, Bernardo Bouts, Juan Julio Enrique Geoffroy, Jan Paul Laurens, Franz Von Lembach e Henry Martin. Entre os artistas nacionais, o acervo possui obras importantes como "Menino do Papagaio" de Portinari, "Frevô", de Heitor dos Prazeres, "Navegando Morto" de Aldo Bonadei, "A Dama de Branco" de Artur da Costa Timóteo, "Lança de Mulher" de Eliseu Visconti, a escultura "Cristo Crucificado", de Mario Cravo Júnior, "Tapeçaria" de Genaro de Carvalho e gravuras de Hansen Bahia, Marcelo Grassmann, Osvaldo Goeldi e Maria Bonomi.

Destaque especial merecem as históricas peças de escultura em madeira "S. Francisco Xavier", "Senhor dos Passos" e "Anjo" que representam a arte missioneira no Rio Grande do Sul.

Por especial deferência do Governador do Estado, Sinval Guazzelli, duas telas - "Paisagem", de Ângelo Guido, "Colonas" de DiCavalcanti e "Pintura" de Ibaré Camargo, foram transferidas da ala residencial do Palácio Piratini para o MARGS.

ARTISTAS GAÚCHOS

A representação de artistas gaúchos é a mais expressiva no acervo do MARGS, comendo pinturas, esculturas, desenhos, gravuras, tapeçarias, cerâmicas e objetos. A aquisição para o acervo de obras importantes de artistas de nosso Estado, bem como a exposição e divulgação de seus nomes tem sido uma das preocupações da atual direção do MARGS. Em 1975, quando da elaboração do primeiro catálogo geral das obras do acervo, foram relacionadas 238 obras de arte. Este número cresceu expressivamente, tanto que para o próximo catálogo geral, em vias de conclusão, estarão arroladas cerca de 600 obras.

Entre os artistas gaúchos que tiveram suas obras incorporadas ao acervo do MARGS, estão: Alice Brueggemann, Alice Soares, Eric Lippmann, João Patrício, José Lutzemberger, Circe Saldanha Pilla, Danúbio Gonçalves, Helena Maya D'Ávila, Plínio Cesar Bernhardt, Trindade Leal, Vasco Prado, Cláudio Sória, Leopoldo Getuzzo, Wagner Dotto, Nelson Jungbluth, Leda Flores, Wilson Olmedo, Carla Obino, Avatar Moraes, Ingeborg Friedrich, Armindo Libardi, Magliani, Nélida Bertolucci e Iná Fontoni.

.....





O Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Sinval Guazzelli, tem o prazer de convidá-lo para a inauguração da nova sede do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, órgão do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura, às 17 horas do dia 26 de outubro de 1978 à Praça Barão do Rio Branco, em Porto Alegre.



Neste grande dia a nossa homenagem ao Dr. LUIZ INÁCIO, a cujo esforço, dedicação e amor à ARTE se deve — nós o sabemos — a sede definitiva do Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre 26/10/78

Maria Emu
 Suzana Teixeira
 Torquato Fedrizzi

Djalma
 Wallace

Ruy B. B. Bukley, Tereza Spinelli
 Deglé (Tereza A. Bertolucci) ~~Hamilton~~
 Maria Nívea Antunes, ENANCO
 Eric T. Salgueira Hills, Jussara Louisa
 Flavia ~~Junia~~ Jover
 Liana ~~Jabris~~ ~~Galvão J. Jander~~ 48
 Satis, Elizabeth, Fabli sul mar.
 Alameda, Ligia, Augusto
 Madalena, Ligia, Ruth



Fábio Uair
 Aurea Enanos
 Eugênia
 D. Ana Justicini
 Tereza A. Bertoluci
 (Dedé)
 J. Maria
 Flávia
 Reniza Spinelli
 Juliana de Souza
 N. Spina
 Francis Thomaz
 M. L. M.



O Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Sinval Guazzelli,
 tem o prazer de convidá-lo para a inauguração da nova sede do Museu de
 Arte do Rio Grande do Sul, órgão do Departamento de Assuntos Culturais
 da Secretaria de Educação e Cultura, às 17 horas do dia 26 de outubro de
 1978 à Praça Barão do Rio Branco, em Porto Alegre.

Alice Saldanha



DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

A função tradicional do Museu, desde a revolução Francesa foi a democratização da cultura, pela preservação e abertura a todos de coleções que são a memória da civilização. Os poucos objetos que restam de um período histórico, não mais do que meio por cento segundo recente estudo da Unesco, são assim salvas da destruição, para que o homem saiba de sua origem e possa proseguir seu processo civilizatório e educativo. Sobretudo, num país como o nosso de história curta, a cultura tende a viver do futuro, mas, o conhecimento das origens é importante para que o crescimento seja sólido.

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul recebe nesta semana sua sede definitiva e para ser o maior Museu do Estado.

Foi uma longa luta de afirmação, onde o trabalho de todos criou o respeito que hoje o cerca. Nesse período, o conceito e Museu evoluiu e novas funções lhe foram confiadas. No mundo inteiro. Igualmente aqui ele passa a ser um centro cultural, com atividades que não têm a ver diretamente com a preservação com a preservação, seu objetivo primeiro. Assim, inúmeras atividades passam a ser coordenadas pelo Museu.

Ao assumirmos em 75 a direção três objetivos fixaram a ação: a estruturação interna, a integração comunitária e a obtenção da nova sede. Desde sua criação os locais provisórios, inadequados e quasi sem nenhuma condição a não ser o carinho e a luta de seus dirigentes e funcionários, limitaram a atuação da instituição. Um decreto do Presidente Emilio Garrastazú Medici, já ao final de seu governo, cedia o prédio para o Museu. Esse decreto fixava o prazo de dois anos para sua execução e quando assumimos esse período já transcorreria, graças à compreensão do Delegado do Ministério da Fazenda, Carlos Alberto Peracchi Barcellos e do Delegado do Serviço do Patrimônio da União, Carlos Alberto Morganti, que bem compreenderam as razões apresentadas, o processo foi resolvido. Algumas exposições foram já aqui



DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

.....

realizadas com a paulatina ocupação do prédio. Especialmente ao Senhor Carlos Alberto Peracchi Barcellos deve a comunidade riograndense também a cessão de mobiliário para o Museu.

A estrutura do Museu, foi formalizada com a criação de cinco núcleos que, chefiados por competentes funcionários, são responsáveis pela execução da política fixada pela direção. O regimento interno, já foi aprovado pelo Departamento de Assuntos Culturais, está em vias de aprovação pelo Secretário de Educação. Além da estruturação formal, foram ativados a documentação e estudo do acervo, dentro de regras museológicas modernas e foi grande seu crescimento. No período, de três anos passou de 235 obras para 620.

O Museu, órgão público, sustentado pela comunidade, deve para ela estar voltado. Essa integração é o terceiro ponto da política administrativa, que mereceu o apoio da Direção do DAC, Paulo Amorin, que não tem faltado com seu apoio e incentivo. Assim edita hoje o MARGS um Boletim, realiza cursos, promove seminários, faz sessões de cinema, atua em áreas carenciadas, como Hospital São Pedro e Penitenciária e leva ao interior do Estado exposições de arte. Transformou-se realmente num centro cultural, numa casa aberta para informar e cooperar no processo cultural gaúcho.

Mais recentemente, inclusive, passa a atuar na preservação do que existe de arte fora de suas coleções, no meio-ambiente urbano e rural, compromisso resultante do I Seminário de Museologia realizado em setembro deste ano.

O Rio Grande do Sul passa agora a ter, inaugurado pelo Governador Sinvall Guazzelli, uma casa à altura de seu desenvolvimento cultural, com recursos humanos e técnicos que lhe garantem sucesso. - Afinal a afirmação de Platão de que " a arte deve ser fundamento da educação", tem a merecida e mesmo tardia confirmação.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS
MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL

RELAÇÃO DAS OBRAS CONSTANTES NA EXPOSIÇÃO
DE REINAUGURAÇÃO DO MUSEU - OUTUBRO/78

- 1 ABRAMO, LÍVIO - Mulata, xilogravura
- 2 ALEXANDRINO BORGES, PEDRO - Natureza Morta, óleo sobre tela
- 3 ALMEIDA, ARMANDO VARGAS DE - Caminho VI - Danação, xilogravura
- 4 ALVES, WILSON ANTÔNIO VIEIRA - Reflexões sobre a América Latina, acrílico s/tela
- 5 AMARAL, JOEL - Cristo Morto, óleo sobre tela
- Tema Gaúcho, xilogravura
- 6 AMARAL, PAULO DO BRASIL - Porta I, pintura
- 7 ARAUJO PORTO ALEGRE, MANOEL DE - Croquis para um Cenário, desenho a lápis
- Painel Decorativo, idem
- Tivoli, idem
- Porta da Cidade de Peruggia, idem
- 8 BAIL, JOSEPH. - Empregadinha, óleo sobre tela
- 9 BARCELLOS, VERA GUERRA CHAVES - O Grito, xilogravura
- 10 BARROS, JOÃO ALTAIR - Mamãe Oxum na Cachoeira, óleo sobre tela
- 11 BERNARDELLI, HENRIQUE - Perfil, óleo sobre tela
- 12 BERNHARDT, PLÍNIO CESAR - Desenho N.º 154, lápis conté e sanguínea
- 13 BIANCHETTI, GLÊNIO - Trançando, linoleogravura
- Lázaro, têmpera sobre madeira
- 14 BOEIRA, OSCAR - Paisagem II, óleo sobre tela
- 15 BONADEI, ALDO CLÁUDIO FELIPE - Natureza Morta, óleo sobre tela
- 16 BONHEUR, ROSA - Pequeno Lago na Planície, óleo sobre tela
- 17 BONOMI, MARIA - Severidade de II (pi), litogravura
- 18 BOUTS, BERNARD - O Grande Cacique, laca sobre madeira
- 19 BRITO VELHO, CARLOS CARRION DE - O Retrato, acrílico sobre tela
- 20 BRUEGGMANN, ALICE ESTHER - Garoto, óleo sobre tela
- Óleo I, óleo sobre tela
- 21 BUSTAMANTE SÁ, REBEM FORTES - Place de Tertre, óleo sobre tela
- Vista de Santa Tereza, óleo sobre tela
- 22 CÂMARA FILHO, JOÃO - Peças Móveis, óleo sobre tela
- 23 CAMARGO, IBERÊ - Paisagem, óleo sobre tela
- Figura em Tensão, óleo sobre tela ← d. g. Palazzo Pralini
- Sem Título, gravura em metal
- 24 CARGALEIRO, MANUEL - Encontro com o Azul, óleo sobre tela
- 25 CAROLLO, SOBRAGIL GOMES - Boêmio, óleo sobre tela
- 26 CARRICONDE, CLÁUDIO - Os Inválidos, óleo sobre madeira talhada
- 27 CASTAÑEDA, BENITO MAZON - Vida de Fazenda, óleo sobre tela

- 28 CAVALLEIRO, HENRIQUE CAMPOS - Menina, óleo sobre tela
- 29 CORONA, FERNANDO - Inca, escultura em metal
- 30 COSME, SOTERO - Retrato I, bico-de-pena sobre cartão gessado
- Retrato II, idem
- 31 CRAVO JÚNIOR, MÁRIO - Exu, escultura em pedra sabão
- Cristo Crucificado, escultura em ferro fundido
- 32 CULTURA MISSIONEIRA (Jesuítica) - São Francisco Xavier, escultura em madeira
- Senhor dos Passos, idem
- Anjo, idem
- 33 CURTIS DE ANDRADE, JOSÉ - Praça da Alfândega, aquarela
- 34 DEXHEIMER, LÉO BARCELLOS - Agressão, encáustica sobre madeira
- 35 DI CAVALCANTI, EMILIANO - Composição, óleo sobre tela
- Colheita, óleo sobre tela ← *doar do Palácio Piratini*
- 36 DIMITRIS AGNOSTOPOULOS, DEMETRE - A Volta dos Pesqueiros, óleo sobre tela
- 37 ~~ELL~~, SELVA DELGADO DE - Série Descoberta I, óleo sobre tela
- 38 FAHRION, JOÃO - Vestido Verde, óleo sobre tela
- 39 FERRAZ, LIBINDO - Riacho, óleo sobre tela
- 40 FUHRO, HENRIQUE LEO - Lay-out-Melodrama, xilogravura
- 41 FUKUSHIMA, TAKASHI - Paisagem Vista de Dois Graus Norte, óleo sobre tela
- 42 GARCIA, RODOLFO JOSÉ MACHADO - O Beijo, escultura em madeira
- 43 GEOFFROY, JUAN JULIO ENRIQUE - A Creche, óleo sobre tela
- 44 GOELDI, OSWALDO - Caminho Abandonado, xilogravura
- 45 GOMES, LUIZ GONZAGA DE MELLO - Imagem sobre o Mar, escultura em fibras e resinas
- 46 GONÇALVES, DANÚBIO VILLAMIL - Intimidade Necessária, tinta acrílica sobre tela
- Carneadores, xilogravura
- Cai pela Terceira Vez, tinta acrílica sobre tela
- 47 ~~GOTUZZO~~, LEOPOLDO - Homem Nu, desenho a lápis
- Auto-Retrato, idem
- 48 GRADY, N. - A Emigrante, óleo sobre tela
- 49 GRASSMANN, MARCELO - Gravura VIII, água-forte
- 50 GUIDO, ANGELO - Marinha, óleo sobre tela
- Entardecer, óleo sobre tela
- Paisagem, idem
- 51 GUIMARÃES, NATHANIEL M. - Velha Casa, aquarela
- GUMA (GOMERCINDO DA SILVA PACHECO) - Anastácio, escultura em madeira
- José e Maria, idem
- 52 HOFSTETTER, GASTÃO - Natureza Morta, óleo sobre tela
- 53 HWA, LILY - Movimento, óleo sobre tela
- 54 HWA, PATRICK - pintura
- 55 JUNGBLUTH, NELSON - Iemanjá, óleo sobre tela
- 56 JACI (JACI CORDEIRO DOS SANTOS) - Banzo, escultura em madeira
- 57 KAMINAGAI, TADASHI - Ver o Peso, óleo sobre tela
- 58 KELLING, SUELY ANNA - Passantes da Terra, óleo sobre tela

- 59 KNIGHT, JOHN BUXTON - Paisagem, óleo sobre tela
- 60 KOETZ, EDGARD - A Fábrica, têmpera sobre cartão
- 61 LAURENS, JEAN PAUL - Dr. Faust, óleo sobre tela
- 62 LAVADIAS GELLA, MANUEL SAVAS - Natureza Morta, óleo sobre tela
- 63 LEAL, GERALDO TRINDADE - Ginete, óleo sobre tela
- 64 LEAL, PAULO ROBERTO - Linha Verde entre Tela, tela costurada
- 65 LEMBACH, FRANZ VON - Retrato, óleo sobre tela
- 66 LIPPMANN, ENIO - Vermelho III, óleo sobre tela
- Quadro III, idem
- 67 LOCATELLI, ALDO - O Bêbado, óleo sobre tela - *encomenda de Presidência da Assembleia Legislativa*
- 68 LUTZENBERGER, JOSÉ - Carnaval, aquarela
- Gaúcho da Serra, idem
- Gaúcho na Campanha, idem
- 69 LUTZENBERGER, ROSE - Tramas, escultura em alumínio
- 70 MABE, MANABU - Composição em Bege, óleo sobre tela
- 71 MACIEL, ANTÔNIO CARLOS - Scafandre, gravura em metal
- 72 MAGLIANI, MARIA LIDIA - Pintura I da série Anotações para uma Estória - Passantes
óleo sobre tela
- Ela, desenho
- 73 MALAGOLI, ADO - O Homem do Gato Preto, óleo sobre tela
- 74 MARTIN, HENRIQUE J. G. - Juramento de Lafayette, óleo sobre tela
- 75 MARTINS, ROMANITA DISCONZI - Não Vi mas me Contaram sobre as Abelhas, serigrafia
- Totens, sólidos geométricos
- 76 MAYER, CHARLES SEBASTIÃO - Magnus V, tinta acrílica sobre duratex
- 77 MONTEIRO, ILSA - Ocaso, objeto de acrílico
- Leitura do Óbvio I, óleo sobre tela
- 78 MORAES, AVATAR - Obelisco, escultura-objeto
- 79 MORAES, GLAUCO PINTO DE - Locomotiva, óleo sobre tela
- 80 MOTTA, EDSON - Interior, óleo sobre tela
- 81 MUGNAINI, TÚLIO - Velhas Árvores, óleo sobre tela
- 82 NERLY, CHRISTIAN FREDRICH VON - Napolitana, desenho a lápis
- 83 OSIR, PAULO CLÁUDIO ROSSI - O Pobre Menino, óleo sobre tela
- 84 OSTROWER, FAIGA - Ref. 7002, xilogravura
- 85 PAULA, INIMÁ DE - Retrato de Luiz Cosme, óleo sobre tela *encomenda de Biblioteca Pública*
- 86 PELICHEK, FRANCIS - Barcos, guache sobre cartão
- 87 PERETTI, CLOVIS - Kalêndola, objeto em acrílico
- 88 PETRUCCI, CARLOS ALBERTO - Prédio da Farmácia Carvalho, aquarela com cera
- 89 PILOTTO, GIROLAMO - Santo Antônio, escultura em madeira
- 90 PINTO, JOSÉ JÚLIO SOUZA - Cabeça de Velha, óleo sobre tela
- 91 PIZA, ARTHUR LUIZ - Le Grand Bleu, gravura em metal
- 92 PORCELLA, PAULO MAGALI DE MELLO - Magia dos Espaços, acrílico e vinil sobre tela
- O Ponto, tinta acrílica sobre tela

- 93 PORTINARI, CÂNDIDO - O Menino do Papagaio, óleo sobre tela
- 94 PRADO, VASCO - Nu, terracota
- Moça Sentada, idem
- Soldado Morto, xilogravura; - Gaúcho, escultura em gesso patinado
- 95 PRAZERES, HEITOR DOS - Frevo, têmpera sobre tela
- 96 ROTH, LUIZ CARLOS - Desenho I, técnica mista
- 97 REIFF, J. C. - Christian Hirsch, reprodução
- 98 SCHAEFFER, FRANK - Parati, óleo sobre tela
- Guindaste, idem
- 99 SCHLEINIGER, JOYCE - escultura em madeira
- 100 SCHMITZ, RUI PEDRO - Sem Título, pintura
- 101 SCLUAR, CARLOS - Galpão, gravura em camafeu
- Natureza Morta, têmpera encerada
- 102 SILVA, OSCAR PEREIRA DA - Moça, óleo sobre cartão
- 103 SILVEIRA, REGINA SCALZILLI - Presságio, técnica mista
- 104 SIMON, LUCIEN - Baile em Pont L'Abbe, óleo sobre tela
- 105 SIQUEIRA, JADER OSÓRIO - Triptico I, óleo sobre tela
- 106 SOARES, ALICE ARDOHAIN - Natureza Morta, óleo sobre tela
- Desenho, lápis conté
- 107 SORIA, CLÉBIO GUILLON - Circense, acrílico sobre tela
- 108 STOCKINGER, FRANCISCO - Arqueiro, metal e madeira
- Guerreiro, escultura em metal
- 109 STRIXNER, JOHAN NEPCOMUCK - Circuncisão, desenho a lápis
- 110 TAVARES, ANESTOR - Repouso, xilogravura
- Velha, escultura em madeira
- 111 TENIUS, CARLOS GUSTAVO - Visão Branca, escultura em ferro
- 112 THIMÓTEC, ARTHUR DA COSTA - A Dama de Branco, óleo sobre tela
- 113 TOYOTA, YATAKA - Mandala I, óleo sobre eucatex
- 114 TRIUNFO, CLEGÁRIO - São Francisco, óleo sobre tela
- Senhora do Rosário, idem
- 115 VALOR, ERNESTO - Tropilha, óleo sobre tela
- 116 VASCONCELLOS, ERNANI MENDES - Composição Nº 3, óleo sobre tela
- 117 VELLOSO, FERNANDO - Grande Composição em Vermelho, óleo sobre tela
- 118 VIANNA, JOÃO FARIA - Rua da Ladeira, xilogravura
- 119 VISCONTI, ELISEU D'ANGELO - Dorso de Mulher, óleo sobre tela
- 120 WEINGARTNER, PEDRO - Cozinha, óleo sobre tela
- Estudo de Interior, idem
- Paisagem, idem
- Ruínas, óleo sobre madeira
- Estudo de Figuras, óleo sobre tela
- Paisagem, gravura em metal
- Garças, idem

121 WEINGARTNER, PEDRO - Têmpora Mutantur, óleo sobre tela *4* *empastado do Palácio Piretini*

- Retrato de Silveira Martins, idem

- Figura, gravura em metal

122 ZEUNER, ERNEST - Auto-retrato aos Quinze Anos, lápis sobre cartão

123 BERTOLUCCI, NÉLIDE CASÁCCIA - Encontro, barro queimado (escultura)

Jornal:
Data: / /
Pagina: Congratulações
Assunto: Recebidas

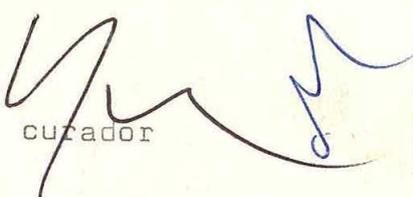
Museu Dom Diogo de Souza
Bagé - R.S. - BRASIL

Foto J.M.C.
TABORDA



Congratulo-me com a inauguração da nova sede desse Museu. Formulo votos de felicidades, augurando grandes realizações no campo da documentação de nossa cultura artística.

IMPRESSO NO BRASIL -
TIP. INSTITUTO DE MEMÓRIAS, BAGÉ - RS.


curador

Ao senhor Diretor do
Museu de Arte do RGS
Praça da Alfândega
Porto Alegre - RS
90.000



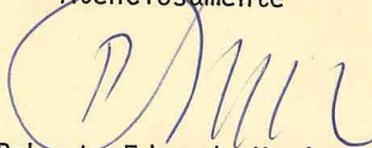
PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
Secretaria Municipal do Meio Ambiente

Porto Alegre, 19 de Novembro de 1978

Senhor Diretor:

Unindo-nos às homenagens que lhe são dirigidas, apresentamos à V.Sa. os nossos efusivos cumprimentos pela inauguração do novo prédio do M.A.R.G.S., augurando a continuidade do sucesso do importante trabalho que realiza em benefício da cultura riograndense.

Atenciosamente



Roberto Eduardo Xavier
Secretário Municipal do Meio Ambiente



ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE IMPRENSA

SEDE: Av. Borges de Medeiros, 915 - Caixa Postal, 742 - Telefone 24-7490
90 000 - Porto Alegre - Rio Grande do Sul

C-842/78

PORTO ALEGRE, 25 de outubro de 1978

Senhor Diretor

É com grande satisfação que a Associação Riograndense de Imprensa cumprimenta o ilustre diretor e amigo, no momento em que o nobre Museu de Arte do Rio Grande do Sul entra em sua casa nova, onde encontrará outras e mais amplas possibilidades de prestar seus já notáveis serviços à cultura do nosso Estado e do País.

Este destaque ganha maiores contornos por coincidir com o empreendimento de unificação das praças da Âlfandega e Visconde do Rio Branco, sendo assim um sólido e efetivo elo de constituição do Centro Cultural de Porto Alegre. O projeto de anos atrás, com a presença do Museu, vai assim ganhando perspectivas definitivas, da mais alta projeção cultural, social e turística.

Com a extensão destas congratulações a todos os que atuam no MARGS e os votos pela realização plena dos programas do Museu, reitero-lhe os protestos de admiração e apreço.


ALBERTO ANDRÉ
Presidente

Ilmo.Sr.

Dr. Luiz Inácio Medeiros

DD. Diretor do Museu de Arte do Rio Grande do Sul

NC

LUÍS INÁCIO MEDEIROS

aqui teremos condições de ser museu aberto e vivo

Está para se concretizar, com a inauguração oficial, a meta prioritária do diretor do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Luiz Inácio Medeiros, de localizá-lo no antigo prédio da Delegacia Estadual do Ministério da Fazenda. Esse pensamento me ocorre enquanto entro no prédio e hesito entre tomar uma das escadarias, esquerda e direita, que levam ao primeiro andar.

Ao chegar ao salão central, ainda deserto, apenas com a pequena elevação dos estrados atapetados insinuando a espera das obras de arte, tenho certeza do acerto na escolha do local. Um imenso salão cercado pelas galerias do segundo andar e o teto em arco, com lindos vitrais permitindo a iluminação natural para as obras expostas, parece especialmente construído para abrigar as obras representativas de nossa cultura artística. Fico por instantes a imaginar como ficará daqui a bem pouco quando a Arte lhe der vida.

Vou encontrar Luiz Inácio, ainda entre andaimas e pintores, orientando seus assessores. Embora pária das coisas realizadas segundo uma planificação, a movimentação seja grande, sente-se a calma pré-falo-lhe de meu entusiasmo pela beleza e adequação do prédio a sua nova finalidade.

"Acredito que aqui, com melhores condições de espaço físico, teremos, realmente, condições de ser Museu. Aberto e vivo", diz o diretor do MARGS.

HISTÓRICO

Realmente, o Museu levou 24 anos para se instalar em sua sede própria. Quando da criação da Divisão Cultural da SEC foi prevista, também, a do Museu de Arte do Estado, como organismo necessário à preservação e divulgação de nosso patrimônio artístico e cultural.

Segundo recorda Luiz Inácio, o êxito dessa iniciativa se deve à receptividade do então governador Ildo Meneghetti e sua compreensão das necessidades culturais do Estado. O diretor da Diretoria de Artes, prof Ado Malagoli, foi então designado para organizar e dirigir o MARGS.

Em 1957 foi oficialmente aberta a sala de exposições preparada por Malagoli, no foyer do Teatro São Pedro, sede provisória da instituição. Tratando-se de um museu rio-grandense, foi escolhida para a inauguração uma mostra retrospectiva de Pedro Weingartner, um dos mais autênticos artistas gaúchos.

Posteriormente, o Museu funcionou, provisoriamente, na av. Salgado Filho, onde permaneceu até transferir-se, definitivamente, para sua sede própria, onde poderá vir a desempenhar com maior abrangência e profundidade, sua função de Instituição Educacional, Científica e Cultural.

NOVA SEDE

Enquanto visitamos as dependências do MARGS, fico sabendo que o edifício da antiga Delegacia Fiscal (na atual praça Visconde de Rio Branco), foi mandado construir, em 1913, pelo Ministro da Fazenda, Rivadávia da Cunha Corrêa.

O prédio pertence ao período do engenheiro Rodolfo Ahrons, homem de cultura e sensibilidade estética, cuja firma foi responsável pelos mais característicos edifícios de Porto Alegre, no período compreendido entre 1900 e 1920.

O projeto do prédio foi feito de maneira a harmonizá-lo com o dos Correios e Telégrafos, situado ao lado. Seu autor foi o arquiteto Adolfo Gundlach, com a colaboração do escultor Alfred Adloff.

As amplas dependências da antiga Delegacia servem perfeitamente para suprir as necessidades do Museu. Na parte térrea, há espaço suficiente para várias atividades, como atendimento de escolas, ateliers de pesquisa e criatividade de grupos de artistas, auditórios, para palestras e cursos, cinema, audiovisuais, sala de serigrafia, laboratório fotográfico, atelier de restauração e oficina de marcenaria.

No primeiro andar, a exposição do acervo será subdividida em seções de escultura (no salão central e vestibulo), pintura, gravura e desenho (nas duas alas laterais), e dois outros locais para cerâmica e tapeçaria. Nesse setor haverá ainda bar e loja.

No segundo andar, além da galeria das exposições temporária, haverá uma sala para abrigar parte da coleção de Arte Popular Gaúcha, de Dona Lourdes Noronha Pinto.

Os núcleos de Acervo, Administração, Documentação e Pesquisa, Técnico e de Promoções estarão distribuídos pelos três pavimentos do novo prédio cuja área total é de 686,22 m².

ORIENTAÇÃO

Pela descrição da nova sede, pode-se ter uma idéia da abrangência do MARGS.

"O centro da coleção deve ser ligado à terra, à comunidade que o sustenta", afirma o diretor ao explicar que o setor de óleos do museu possuirá duas alas: uma nacional e internacional e outra gaúcha.

Além de expor ainda peças de escultura, gravura, desenho, cerâmica e tapeçaria, o MARGS visa buscar seu visitante, procurando atraí-lo das mais diversas formas e mesmo ir ao seu encontro. Sessões de cinema (três vezes por semana, aberta ao público), audiovisuais, exposições no interior do Estado, um boletim informativo, visitas guiadas, etc. tem motivado um público novo a apreciar a obra de arte, formando critérios de julgamentos próprios e educando visualmente.

Dentro dessa orientação de acabar com o elitismo na arte contemporânea, um dos projetos mais interessantes executados pelo Museu é "O Museu vai à Indústria". Levando a arte ao local de trabalho, possibilitam a grande número de funcionários a apreciar as obras, sensibilizando-os e motivando-os a descobertas de novos valores e horizontes.

No setor interno merece ainda destaque o trabalho de restauração do acervo, desde 1975 a cargo de Ado Malagoli, reconhecida autoridade em conservação e restauração de obras de arte. Esse trabalho era indispensável, sob risco de danos irreparáveis ao patrimônio artístico-cultural do Estado. Dentre as peças que estavam a necessitar de cuidados mais urgentes já foram restauradas: *Cabeça de Velha* de J. J. de Souza Pinto; *Dr. Fausto*, de Jean Paul Laurens; *Perfil*, de H. Bernardelli e *Pequeno Lago na Planície*, de Rosa Bonheur.



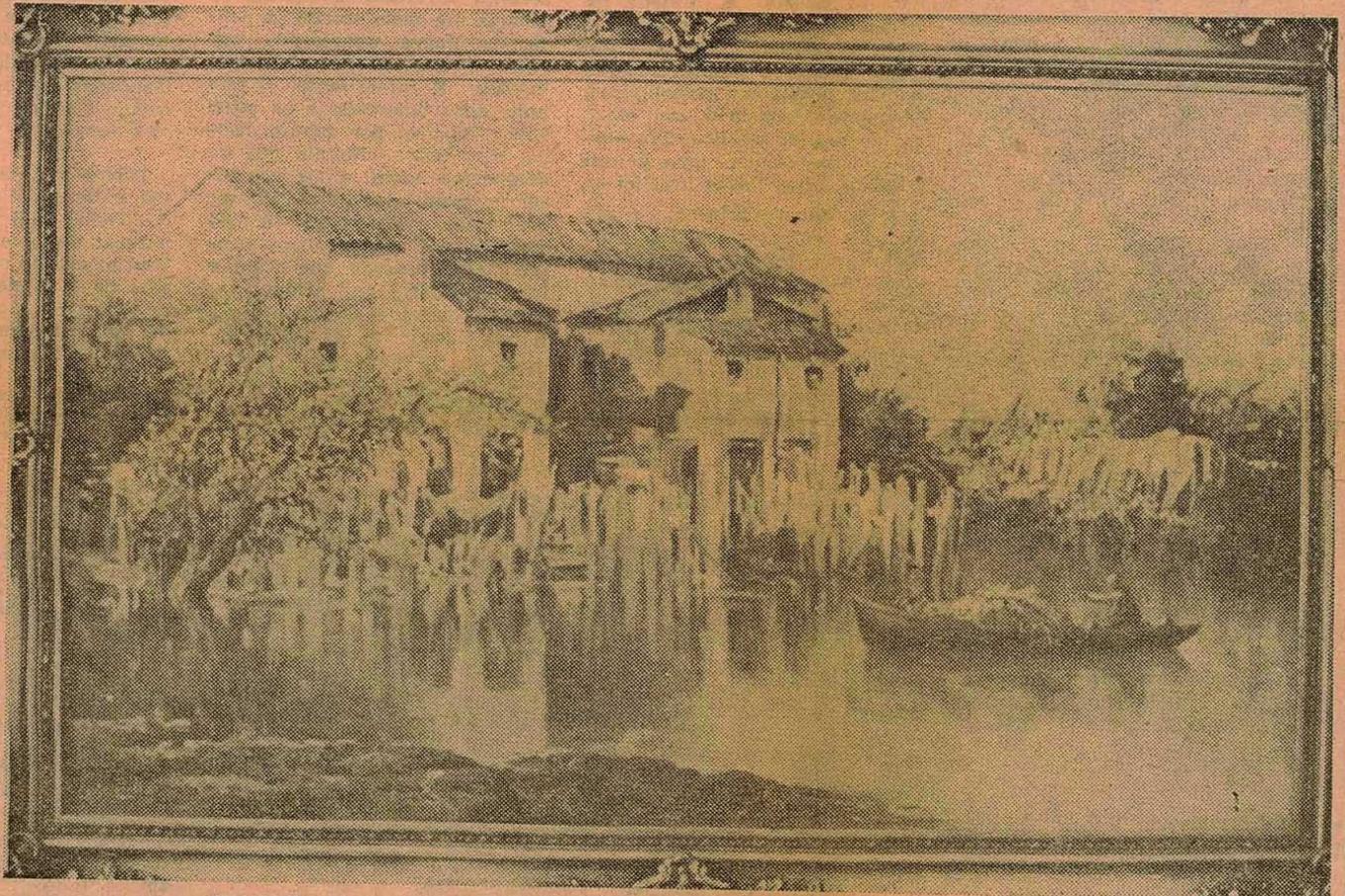
VESTIDO VERDE — de João Fahrion — um dos pintores gaúchos mais importantes

INAUGURAÇÃO

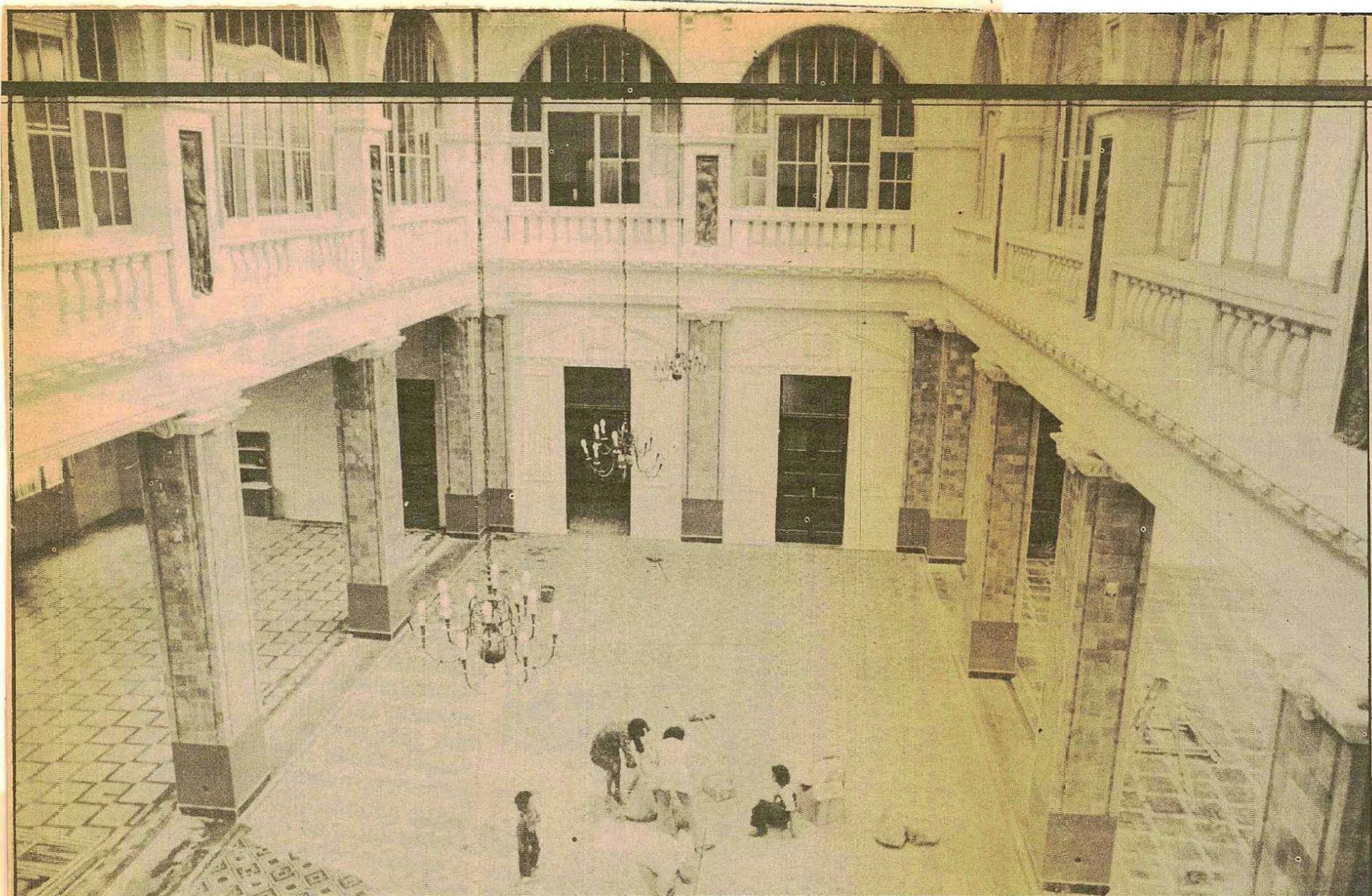
Desse acervo, 180 obras estarão expostas ao visitante (colocadas com sentido didático) a partir do dia 26, quando, às 17h, num ato simples, o novo prédio será inaugurado pelo Governador Sinal Guazzelli. Durante a visita do Governador, vai acontecer um balê executado, junto às esculturas, pelas alunas de Ilse Simon ao som do *Segundo Movimento do Mosaico*, de Marlos Nobre.

Será também inaugurado, na mesma oportunidade, o 3.º Salão de Cerâmica, com a exposição das peças selecionadas e premiadas.

Haverá ainda uma exposição de Desenho Industrial, visando mostrar "que a arte e a técnica são formas distintas mas complementares e indispensáveis num homem civilizado", concluiu o diretor do Museu de Arte do Estado do Rio Grande do Sul.



RIACHO, de autoria de Libindo Ferraz, artista de grande destaque no Estado na primeira metade do século



Em 11 dias, Museu ganha novo prédio

As adaptações do edifício construído em 1913 já estão quase concluídas para se transformar num centro de artes, dentro dos mais modernos critérios de conservação das obras expostas

Adquirindo um espaço que muitos museus gostariam de ter, o MARGS (Museu de Arte do Rio Grande do Sul), ao se transferir para o antigo prédio da Delegacia Fiscal, na Praça da Alfândega, inaugura no próximo dia 26 uma nova fase de atividades. Com a mudança sob a direção de Luiz Inácio Medeiros, o MARGS, órgão do DAC/SEC, transforma-se num verdadeiro centro de artes, atingindo assim o moderno conceito de museu. Nos últimos dias que antecedem à inauguração, o movimento dos funcionários é muito grande, concluindo as adaptações do velho edifício às suas novas funções. Já funcionaram ali na Delegacia do Ministério da Fazenda, o Serviço do Patrimônio da União, a Inspeção Seccional de Finanças, a Procuradoria Fiscal da Fazenda Nacional e o Tribunal de Contas da União. Todos órgãos com finalidades diferentes que as do MARGS, mas que de certa forma virão beneficiar o museu sob o aspecto da segurança do acervo, uma vez que o prédio foi construído para guardar dinheiro.

Com muitos cursos de segurança de museus, Luiz Inácio Medeiros, procura criar no novo prédio do MARGS condições recomendáveis sob este aspecto, como iluminação adequada com adaptação de filtros que reduzem os raios ultra violeta, controle de umidade com instalação de higrograf (um aparelho alemão que mede o grau de umidade gravando a informação), e eliminação do grande número de divisórias de material inflamável.

Além da segurança oferecida pelo próprio prédio, que tem grades em todas as aberturas externas, será também redobrado o número do pessoal que guardará o Museu. Ainda com a finalidade de preservar o acervo do MARGS, foram criadas duas salas pretas, com paredes, cortinas e carpetes pretos, para permitir a luz baixa e o destaque dos trabalhos expostos, apenas gravuras e desenhos. Estas duas salas, que terão mostras rotativas, foram instaladas no primeiro andar do prédio. Também como medida preventiva contra incêndios, foram refeitas diversas partes da instalação elétrica do edifício, que apesar de antigo, pois foi construído em 1913, tem inclusive uma subestação própria de energia, pela necessidade de manutenção dos computadores que havia antes ali. Entre as restaurações, a principal realizada foi

a do vitral da clarabóia, que por si só representa uma verdadeira obra-de-arte, e que foi feita pela Vidraçaria Werres.

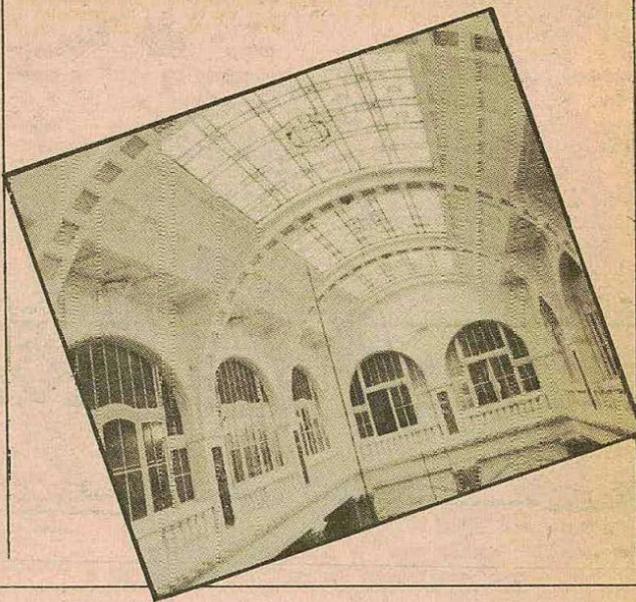
Com novas instalações, o MARGS passa a ser o maior museu do Estado e um dos maiores museus de arte do Brasil. Suas atividades foram divididas em cinco núcleos: o da administração, do acervo, de extensão (que realiza cursos fora do Museu), da galeria e de pesquisa e

documentação. Todos eles, de forma reduzida pelas próprias condições do espaço, já funcionavam no antigo prédio do MARGS, na Salgado Filho. O de Pesquisa e Documentação, por exemplo, tem arquivadas as biografias de todos os artistas gaúchos, mesmo dos novos.

Tem também diversos audiovisuais deles e um arquivo de todas as notícias publicadas nos últimos anos sobre artes plásticas. Além de ainda ser o responsável pela biblioteca do Museu, o setor de Pesquisa e Documentação também edita o Boletim Informativo do MARGS, produzindo todos os seus cartazes de promoção.

Criado pelo arquiteto Adolfo Gundlach, o novo prédio do Museu de Artes está dividido em térreo, primeiro, segundo e terceiro andares. No térreo, onde ainda permanece instalado o Tribunal de Contas da União, que deverá se mudar até o próximo dia 20, haverá a biblioteca especializada e aberta à consulta pública; duas salas de criatividade para as crianças que costumam visitar o Museu; um laboratório de fotografias que possibilitará o registro fotográfico de todas as obras do acervo; um laboratório de serigrafia e um setor de restauração, com serviços de marcenaria e carpintaria. No primeiro andar, na parte central, haverá o salão de exposição permanente do acervo do MARGS e ao redor dele, duas pinacotecas.

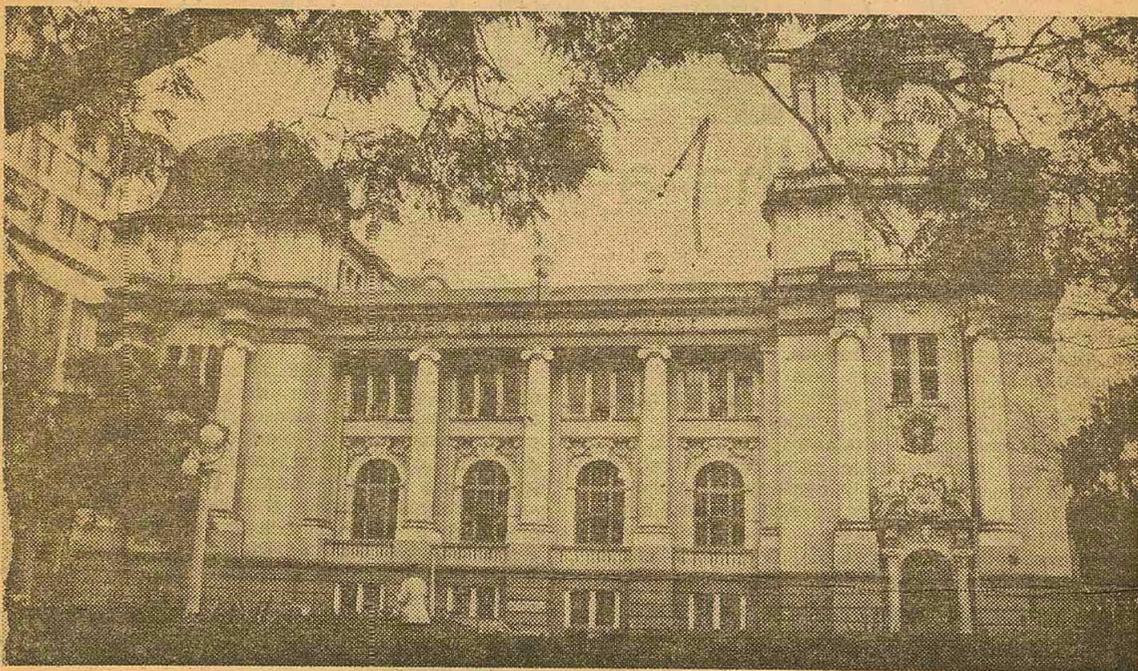
No mesmo andar ficarão também as salas para exposições de gravuras e desenhos. Já, no segundo andar, onde estão instalados os núcleos de administração, pesquisa e documentação e o de extensão, haverá uma galeria que, por seu tamanho, comporta três mostras simultâneas e um salão de cerâmica. No terraço, ou terceiro andar, onde estão as quatro torres e de onde se tem uma ampla visão do centro da cidade, haverá diversas salas para cursos, que inclusive já estão sendo desenvolvidos. Ao mesmo tempo, uma das torres do prédio será aproveitada para a instalação de um salão de chá, numa tentativa de reavivar o antigo hábito da cidade. No próximo dia 26, o MARGS estará iniciando sua nova fase de atividades, com a inauguração da I Exposição de Desenho Industrial Gaúcho e do III Salão de Cerâmica, que terá trabalhos de artistas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.



MULHER / arte

FT. 21.10.78

«Conviver com a Arte educa. Desconhecendo-a ninguém pode considerar-se civilizado» afirma o diretor do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, às vésperas da inauguração de sua sede própria. Num prédio construído no início do século, em lugar privilegiado, defronte à Praça da Alfândega, o MARGS terá possibilidade de mostrar ao público gaúcho e visitante o que de melhor se fez e faz no Estado no setor artístico, colocando Porto Alegre ao lado de outras grandes capitais do País.



O novo prédio, finalmente, terá condições de atender às necessidades do Museu de Arte do RS

ACERVO

O acervo do MARGS foi iniciado por seu então diretor, Ado Malagoli, que reuniu as primeiras peças. Obras encontradas em precário estado de conservação foram removidas de outras repartições públicas estaduais, limpas e restauradas.

Entre essas estão: **Cristo Morto**, de Di Cavalcanti; **Paineira**, de Angelo Guido; **Riacho**, de Libindo Ferraz; **Pobre Menino**, de Rossi Ozir e **Paisagem**, de Oscar Boeira.

As primeiras peças adquiridas pelo Museu foram as pinturas de Weingartner, compradas em 1954 e expostas na citada exposição do Teatro São Pedro.

Dentre as obras de artistas internacionais, o diretor do MARGS salienta um retrato de Franz von Lembach (a pinacoteca de Munique tem seu nome) — talvez a única obra desse artista no Brasil; José Júlio de Souza Pinto e Rosa Bonheur.

O acervo conta com obras de autores nacionais de renome, como **Menino do Papagaio**, de Portinari; **A Dama de Branco**, de Artur da Costa Timóteo; **O Dorso de Mulher**, de Visconti e **Cristo Morto**, de Di Cavalcanti (de grande importância devido ao inusitado do tema) e uma escultura de Mário Cravo — **O Cristo Crucificado**.

Merecem destaque especial as peças históricas de escultura em madeira **São Francisco Xavier**, **Senhor dos Passos** e **Anjo**, representantes da arte missionária no Rio Grande do Sul. Essas obras, aliás, devido a sua importância, deverão permanecer no vestíbulo do Museu.

A representação gaúcha é, naturalmente, a mais expressiva, contando com pinturas, esculturas, desenhos, gravuras, tapeçarias, cerâmicas e objetos (de difícil definição — formas que utilizam as três dimensões — entre a escultura e a montagem).

A aquisição para o acervo de obras importantes de artistas de nosso Estado, bem como a exposição e divulgação de seus nomes, tem sido uma das preocupações da atual diretoria do MARGS.

“Há um critério de seleção em termos de qualidade artística. Não temos sido muito exigentes devido aos caminhos diversificados da arte contemporânea. Aos poucos, porém, estamos ficando mais rígidos. Quanto à certeza da escolha, só o tempo saberá dizer”, explica Luiz Inácio.

Dos artistas gaúchos, o de maior destaque é Weingartner; o museu possui 16 peças de sua autoria, entre gravuras e óleos. Dentre esses, merece especial atenção **Tempora Mutantur**, há pouco cedido pelo Palácio Piratini.

“Weingartner foi o primeiro pintor gaúcho a ter expressão nacional”, salienta o diretor do MARGS, “apesar de não ter criado uma escola nacional. Em termos de Rio Grande do Sul é muito importante porque foi nosso primeiro artista de qualidade.”

Ainda entre os nossos artistas merecem referência especial Angelo Guido, Fahrion, Libindo Ferraz, Malagoli, Scliar; Iberê Camargo, Xico Stockinger e Vasco Prado.

A obra de pintor gaúcho mais antiga é de autoria de Araújo Porto Alegre; o MARGS possui uma aquarela e três desenhos seus da primeira metade do século XIX.



Os vitrais restaurados contribuirão para a estética e permitirão iluminação natural às obras

MARGS INAUGURA NOVA SEDE *J. de Comércio*

No próximo dia 26, quinta-feira, será oficialmente aberto o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, órgão do Departamento de Assuntos Culturais da SEC, agora em sua sede permanente, no prédio anteriormente ocupado pela Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda, à Praça Rio Branco, s/n.

O ato inaugural contará com a presença do Governador Sival Guazzelli, do Secretário de Educação, Plácido Steffens, e demais Secretários de Estado e de figuras de destaques na vida administrativa, cultural, artística e social da cidade.

Revestida de simplicidade, a cerimônia de inauguração do MARGS constará de visita às salas de exposição do acervo, apresentação do «ballet» de Ilse Simon, abertura da I Exposição de Desenho Industrial Gaúcho e, após, abertura do III° Salão de Cêramica do Rio Grande do Sul.

HISTÓRICO DO MUSEU

Com a criação da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado — pela Lei nº 2345 de 29 de janeiro de 1954 — foi prevista a instalação de um Museu de Arte como organismo necessário à preservação e divulgação do nosso patrimônio artístico e cultural.

O êxito da iniciativa foi devido, em primeiro lugar, à receptividade do então governador Ildo Meneghetti e, igualmente, ao dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha, a esse tempo Secretário de Educação e Cultura e a seu sucessor, dr. Ariosto Jaeger. Na posição de diretor da Divisão de cultura, o professor Enio de Freitas e Castro convidou o professor Ado Malagoli para organizar e dirigir o Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

A primeira mostra do MARGS teve lugar em 1955, na galeria da Casa das Molduras. Intitulada «Exposição de Arte Brasileira Contemporânea», reuniu 33 pintores de várias tendências. Dois anos mais tarde, em 1957, foi oficialmente aberta a sala de exposições preparada por Ado Malagoli no «foyer» do Teatro São Pedro, local designado para sede provisória do Museu.

A exposição foi de alto nível: uma retrospectiva de Pedro Weigärtner, o mais festejado artista do Rio Grande do Sul.

Em 1973, o MARGS transferiu-se para o antigo local do Cotillon Club, à Avenida Salgado Filho, nº 235, onde permaneceu até meados do corrente ano, passando, então, à sede conferida por força do Decreto Federal nº 73789, de 11 de março de 1974, através do qual foi permitida à SEC a utilização do prédio da Delegacia Estadual do Ministério da Fazenda como sede do Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

A SEDE

Concebido pelo arquiteto Adolfo Gundlach que teve a colaboração do escultor Alfredo Adloff, o prédio do MARGS foi mandado construir em 1913 pelo Ministro da Fazenda, Rivadávia da Cunha Corrêa. O encarregado da construção foi o engenheiro Rodolfo Ahrons, homem de cultura e sensibilidade, cuja firma construtora levantou em Porto Alegre vários edifícios entre 1900 e 1920 que muito contribuíram para o embelezamento da cidade.

Em estilo neo-clássico, o prédio tem cerca de 4.000m² de área contruída, distribuídos em quatro pavimentos, dando lugar a salas de exposições, biblioteca, laboratório fotográfico, salão de conferências, arquivos, dependências para cursos, oficina de restaurações, tudo o que hoje é exigido de um moderno museu de arte, entendido, no seu todo, como um centro atuante de comunicação cultural.

ORGANIZAÇÃO

Para que melhor cumpra suas funções, o MARGS vem de ser reorganizado pelo atual diretor, dr. Luís Inácio Medeiros, que equacionou as diferentes atividades do Museu em cinco núcleos: Administração, Acervo, Núcleo de Galeria (técnico), Documentação e Pesquisa e Núcleo de Extensão. Ampliando seu «convívio», por assim dizer, com a comunidade, o MARGS tem se desdobrado em promoções fora de sua sede, através de cursos, exposições e palestras realizados em diversos locais, na própria capital e no interior do Estado, sempre colhendo ampla receptividade.

DIRETORES DO MUSEU

Desde sua criação o MARGS contou com a assistência e a dedicação de nomes ilustres que contribuíram significativamente para o desenvolvimento das artes plásticas no Estado. Em 1960, sucedendo ao professor e pintor Ado Malagoli, assumiu a direção do MARGS o pintor, desenhista, gravador e professor Glênio Bianchetti, hoje radicado em Brasília. Francisco Stockinger, pintor, gravador e escultor, dirigiu o Museu de 1963 a 1964, retornado à direção em março de 1967.

Carlos Scarinci, professor e crítico de arte, foi diretor de novembro de 64 até 1967. O arquiteto Gilberto Marques respondeu pela direção até janeiro de 1972 deixando o cargo para o jornalista e professor Antônio Hohlfeldt. De julho de 1972 a fevereiro de 1973 o responsável pela direção do Museu foi o gravador, desenhista pintor e professor Armando Almeida, sucedido, por sua vez, pelo pintor Flávio Rocha. Em dezembro de 1973 assumiu o arquiteto e professor Kurt G. Schmeling que permaneceu no cargo até abril de 1974, passando a direção do MARGS ao pintor, desenhista gravador e professor Plínio Cesar Bernhardt. Luís Inácio Medeiros, o atual diretor, assumiu em maio de 1975 e vê agora concretizado — resultado de muitos esforços — o seu mais caro projeto: o Museu de Arte do Rio Grande do Sul na sede que merece.

O ACERVO

O acervo do Museu foi iniciado por Ado Malagoli, que reuniu as primeiras peças. Obras encontradas em precário estado de conservação foram removidas de repartições públicas estaduais e, posteriormente, limpas ou restauradas. Outras obras valiosas foram adquiridas ao longo dos anos. Dessa primeira fase são lembradas, entre outras, obras de Di Cavalcanti, Ângelo Guido, Libindo Ferraz, Oscar Boeira e Pedro Weingärtner.

Com o enriquecimento do acervo, passaram a ser incluídas obras de artistas de renome internacional como Joseph Bail, Rosa Bonheur, Bernardo Bouÿs, Juan Julio Enrique Geoffroy, Jan Paul Laurens, Franz Von Lembach e Henry Martin. Entre os artistas nacionais, o acervo possui obras importantes como «Menino do Papagaio» de Portinari, «Frevô», de Heitor dos Prazeres, «Natureza Morta» de Aldo Bonadei, «A Dama de Branco» de Artur da Costa Timóteo, «Dorso de Mulher» de Eliseu Visconti, a escultura «Cristo Crucificado», de Mario Cravo Júnior, «Tapeçaria» de Genaro de Carvalho e gravuras de Hansen Bahia, Marcelo Grassmann, Osvaldo Goeldi e Maria Bonomi.

Destaque especial merecem as históricas peças de escultura em madeira «São Francisco Xavier», «Senhor dos Passos» e «Anjo» que representam a arte missionária no Rio Grande do Sul.

Por especial deferência do Governador do Estado, Sival Guazzelli, três telas — «Paisagem», de Ângelo Guido, «Colonas» de DiCavalcanti e «Pintura» de Iberê Camargo, foram transferidas da alta residencial do Palácio Piratini para o MARGS.

Jornal: C. P.
Data: 24 / 10 / 78
Página: Exposição e balé na
Assunto: Inauguração Margs

24.10.78

CORREIO DO POVO

Exposição e balé na inauguração do MARGS

A inauguração do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, marcada para a próxima quinta-feira, dia 26 às 17 horas com a presença do Governador do Estado, Sinval Guazzelli, constará de um solenidade simples. Na ocasião, serão atadas três exposições, a do acervo do próprio MARGS, no salão principal do prédio, e, em salas complementares o III Salão de Cerâmica e a Exposição de Desenho Industrial Gaúcho. No III Salão de Cerâmica estão representados 35 artistas, entre eles Neusa Mattos, Cecilio Holdon, e Marilene Engletr, os três com Prêmios de Aquisição concedidos pelo júri do Salão, mais Lilliana Moeller, Ingeberg Friedricha, Marlies Ritter, Maria Teresa Fontoura e Rosemari Alice Spinatto Scotti, que receberam menções honrosas. Na mostra de Desenho Industrial compõem o arquiteto Rui Crevador e o universitário Nilo Laschuk (Marcopo S/A - Carrocerias e ônibus), ar-

quiteto Flávio Cauduro e professor Joaquim da Fonseca (Novum Design Studio), engenheiro e professor José Carlos Bornancini e arquiteto Nilton Petzhold (Termolar), Günther Weimer, Armenio Wendhausen, Manlio Gobbi, Sérgio Parmagnani e Ivânio Sanguinetti, integrantes do Núcleo de Trabalho Magnaspazio (Manlio Gobbi S/A), arquiteto Roberto Umasky (Companhia Geral de Indústrias), arquiteto Norberto Bozzetti (Norberto Bozzetti Arquitetura Ltda), o engenheiro professor José Carlos Bornancini e arquiteto Nilo Petzhold (Hércules S/A - Fábrica de Talhares e Zivi S/Z Cutelaria)

Ainda durante a inauguração da nova sede da MARGS, à Praça Rio Branco s/n os presentes terão oportunidade de apreciar uma apresentação do grupo de ballet de Ilse Simon, coreografia inspirada na música "Mosaico" de Marlos Nobre.

DOMINGO — 22 DE OUTUBRO DE 1978

Museu em sede própria

Da sucursal de
PORTO ALEGRE

Depois de ter sido instalado em vários locais inadequados durante 24 anos, o Museu de Artes do Rio Grande do Sul finalmente vai ter sua sede definitiva inaugurada na

proxima quinta-feira. O museu ocupará o prédio que pertenceu à Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda, construído em 1913, em estilo neoclássico, e que tem 4 mil metros quadrados de área construída. O edifício, na zona mais central de Porto Alegre, foi restaurado, adaptado e

conta com os mais modernos equipamentos de segurança, conforme explica Luis Inácio Medeiros, diretor do museu.

O ato inaugural, será presidido pelo governador Sinval Guazzelli, vai ser marcado por uma apresentação do balé de Ilse Simon e pela abertura da I Exposição de Desenho Indus-

trial Gaúcho e III Salão de Cerâmica do Rio Grande do Sul. A exposição de desenho industrial constará de trabalhos de arquitetos, professores e estudantes para diérmicas até fabricantes de talheres, fogões, moveis, carrocerias e ônibus.

O museu de Artes do Rio Grande do Sul, criado pelo então governador Ildo Meneghetti, foi organizado pelo professor Ado Malagoli que começou reunindo obras en-

contradas em precário estado de conservação em muitas repartições públicas. Outras obras foram sendo adquiridas ao longo dos anos. A primeira exposição organizada pelo Margs, em 1955, ocorreu numa galeria particular. Dois anos mais tarde, foi oficialmente aberta a sala de exposições preparada no foyer do teatro São Pedro, local designado para sede provisória do museu, quando o teatro teve que mudar-se para um prédio resi-

dencial, ocupando um andar inteiro. Neste ano, mudou-se para sua sede definitiva, com quatro pavimentos, onde há salas de exposições, biblioteca, laboratório fotográfico, salão de conferências, arquivos, dependências para cursos, oficina de restaurações.

Entre as primeiras obras recolhidas por Ado Malagoli, muitas vezes dos porões das repartições públicas, estão trabalhos de Di Cavalcanti, Angeio Guido, Lidindo Fer-

raz, Oscar Boeira e Pedro Weingartner, este último o artista mais respeitado do Rio Grande do Sul. Com o enriquecimento do acervo, passaram a ser incluídas obras de artistas internacionais como Joseph Bail, Rosa Bonheur, Bernardo Bouts, Juan Julio Enrique Geoffroy, Jan Paul Laurens, Franz Von Lembach e Henry Martin. Entre os artistas nacionais, o Margs possui obras importantes como "Menino do Papagaio", de Porti-

O ESTADO DE S. PAULO — 39

nari, "Frevo", de Heitor dos Prazeres; "Natureza Morta", de Aldo Bonadei; "A Dama de Branco", de Artur da Costa Timoteo; "Dorso de mulher", de Eliseu Visconti; a escultura "Cristo Crucificado", de Mário Cravo Júnior.

O destaque especial do acervo são as peças históricas de escultura em madeira "São Francisco Xavier", "Senhor dos Passos" e "Anjo", que representam a arte missioneira do Rio Grande do Sul.

27/10/78 III Salão de Cerâmica J. do Comércio

O DAC/SEC, através de seu órgão MARGS (Museu de Arte do Rio Grande do Sul) realizará até 14 de novembro, a exposição do III Salão de Cerâmica, com todos os trabalhos premiados e selecionados. Os principais objetivos desta promoção são valorizar a criatividade, as técnicas e as tendências de artistas expositores, oferecer à comunidade porto-alegrense e, em especial aos in-

teressados em cerâmica como expressão de arte, os trabalhos selecionados para o III Salão, além de procurar despertar ou desenvolver o interesse dos visitantes para essa forma de expressão artística, motivando-os ao aprendizado dessa técnica para o seu emprego como recurso de expressão artesanal ou artística.

O III Salão de Cerâmica do Rio Grande do Sul, organizado pelo MARGS vai reunir no período anunciado acima, obras de artistas dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com a finalidade primordial de documentar e incentivar a arte ceramista. A exposição estará à mostra na galeria do próprio museu, somente com obras inéditas, cujo processo de realização tenha sido eminentemente ceramístico.

Jornal do Comércio 26/10/78

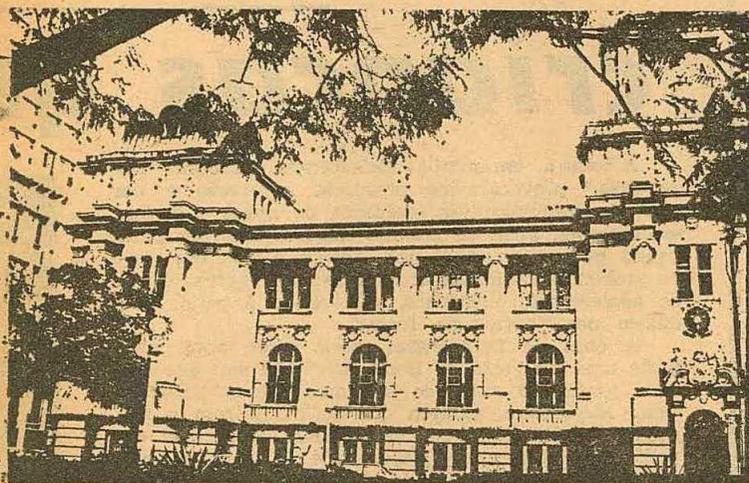
SOLEINIDADE SIMPLES NA INAUGURAÇÃO DO MARGS

A inauguração do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, marcada para hoje às 17 horas, com a presença do governador do Estado, Sinval Guazzelli, constará de uma solenidade simples. Na ocasião, serão abertas três exposições: a do acervo do próprio MARGS, no salão principal do prédio, e, em salas complementares, o III Salão de Cerâmica e a Exposição de Desenho Industrial Gaúcho. No III Salão de Cerâmica estão representados 35 artistas, entre eles Neusa Mattos, Cecilio Holden, e Marilene Englert, os três com Prêmios de Aquisição concedidos pelo júri do Salão, mais Lilians Moeller, Ingeberg Friedrich, Marlies Ritter, Maria Teresa Fontoura e Rosemari Alice Spinatto Scotti, que receberam menções honrosas. Na mostra de Desenho Industrial comparecem o arquiteto Rui Crovador e o universitário Nilo Laschuk (Marcopolo S/A — Carrocerias e ônibus), arquiteto Flávio Cauduro e professor Joaquim da Fonseca (Novum Design Studio), engenheiro e professor José Carlos Bornancini e arquiteto Nelson Petzhold (Termolar), Günter Weimer, Armenio Wendhausen, Manlio Gobbi, Sérgio Parmagnani e Ivânio Sanguinetti, integrantes do Núcleo de Trabalho Magnaspazio (Manlio Gobbi S/A), arquiteto Roberto Umasky (Companhia Geral de Indústrias), arquiteto Norberto Bozzetti (Norberto Bozzetti Arquitetura Ltda), o engenheiro e professor José Carlos Bornancini e arquiteto Nilo Petzhold (Hércules S/A Fábrica de Talheres e Zivi S/A Cutelaria).

Ainda durante a inauguração da nova sede do MARGS, à Praça Rio Branco s/n, os presentes terão oportunidade de apreciar uma apresentação do grupo de ballet de Ilse Simon, com coreografia inspirada na música "Moisaico" de Marlos Nobre.

Fim de Semana

SUPLEMENTO DA FOLHA DA TARDE
21 e 22 de outubro de 1978



A nova sede do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, órgão do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura, será inaugurado no próximo dia 26, às 17 horas, à Praça Barão do Rio Branco, em Porto Alegre. (Texto na página 13)

PEOPLE

FT - 12.10.78

* Mônica Fernandes Guazzelli, Eliana Fernandes Marques, Maria Virginia Fernandes Schneider e Márcia Lemberg Estrougo assinam o convite para o coquetel que se realiza, amanhã, no Palácio Piratini.

* Stella e Clóvis do Couto e Silva estão em Pelotas, onde ele faz conferência no Congresso Jurídico, assim como Marcelo Caetano. Eles vão ser recebidos, num almoço, por Annelise Thofehr Abrantes, no seu muito bem decorado apartamento.

* Horst Valh é o anfitrião, na noite de hoje, de um grande número de convidados, quando estará sendo inaugurada a Casa de Gramado: arquitetura bávara, café colonial, artesanato, chocolates, malharias... um "cartão postal" da cidade serrana dentro da nossa rua da Praia, onde existiu anteriormente a Editora Globo.

* Luiz Inácio Franco de Medeiros na preparação da inauguração do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, que será no dia 26, às 17 horas. Três mostras em exibição: o acervo, o III Salão de Cerâmica e a exposição do desenho industrial.

● No MARGS, acaba de ser encerrado o III Salão de Cerâmica, devendo os artistas classificados e selecionados retirar seus trabalhos com a máxima brevidade possível. A exposição "Desenho Industrial Gaúcho" ainda poderá ser visitada neste final de semana, das 10 às 17 horas.

FT 17-11-78

Jornal: _____
Data: _____ / _____ / _____
Página: _____
Assunto: Margs - inauguração
sede

Inauguração da sede nova D.N. do Margs 26-10-78

A partir das 17 horas de hoje, contando com a presença do governador Sival Guazzelli, acontecerá a inauguração do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, órgão DAC/SEC, agora em sua sede permanente (no prédio anteriormente ocupado pela Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda, à Praça Rio Branco). Revestida de simplicidade, a cerimônia de inauguração constará de visita às salas de exposições do acervo, apresentação do ballet e abertura de três exposições.

O grupo de ballet de Ilse Simon estará apresentando uma coreografia inspirada na música "Mosaico", de Marlos Nobre. No mesmo tempo serão abertas as exposições: do próprio acervo do Margs, salão principal do prédio; a I Exposição de Desenho Industrial Gaúcho e III Salão de Cerâmica, ambas em salas complementares.

No III Salão de Cerâmica estão representados 35 artistas, entre outros eles Neusa Mattos, Cecílio Holden, e Marlene Englert, os três com Prêmios de Aquisição concedidos pelo júri do Salão, mais Líliliana Moeller, Ingeberg Friedrich, Marlies Ritter, Maria Teresa Fontoura e Rosemari Alice Spinatto Scotti, que receberam menções honrosas.

Especiais

• A partir de terça-feira, estará à venda por Cr\$ 1.500,00 álbum com 18 gravuras de Debret sobre o Rio Grande do Sul no início do século XIX, no Museu de Arte do Estado. • Até o fim deste ano, a Legião Brasileira de Assistência vai promover o registro civil de 900 mil brasileiros que sequer têm certidões de nascimento. • Com um completo levantamento sobre a economia do País, editado pelo Índice Banco de Dados, acaba de sair o livro Índice do Brasil 78-79.

24 - 29.10.78

PEOPLE

* É o governador Sival Guazzelli quem convida para a inauguração da nova sede do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, órgão do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura, que vai acontecer dia 26, às 17 horas. Luiz Inácio Franco de Medeiros dos mais contentes com a inauguração.

FT - 20.10.78

MARGS faz um trabalho educativo para romper o elitismo cultural

O diretor do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Luís Inácio Medeiros, acha que o problema está diretamente ligado ao caráter elitista de que se reveste a arte contemporânea — realçado no Brasil pelo baixo nível cultural da população e pela má distribuição da renda. Em função disso, o Museu procura fazer um trabalho educativo e formativo. Agora, por exemplo, está em andamento um projeto de popularização, levar a obra de arte até fábricas.

A experiência-piloto foi realizada na Indústria Zivi-Hércules. Apesar do diretor, Wolff Soffer, ser um dos bons colecionadores gaúchos, ofereceu, de início, alguma resistência: “Não, operário não gosta disso. Em realidade, são pessoas que recebem informações de reduzido valor cultural, a nível de televisão. Mesmo assim, ou talvez por isso mesmo, não têm preconceitos nem fazem julgamentos e reagiram muito bem, pois se tratava de algo novo, capaz de causar impacto.

Luís Inácio parte do princípio de que “arte não é algo supérfluo, mas uma necessidade básica do ser humano, visto que há manifestações em todas as camadas da população e nas civilizações mais primitivas, desde a Pré-História. O mercado não funciona por falta de conhecimento da grande maioria da população.

As pessoas precisam se acostumar a julgar e a conviver com a obra de arte. Não se deve esquecer, também, que a cultura está vinculada ao nível sócio-econômico”.

“É mais barato comprar um Chagal na Europa do que um quadro de certos pintores gaúchos”, comenta uma jovem arquiteta interessada em arte, mas sem condições para comprar. Este foi outro dos problemas que o diretor do MARGS abandonou: “Um mercado pequeno gera distorções, os preços tendem a subir; é a lei da oferta e da procura que rege o sistema capitalista”.

No sentido de abrir novos horizontes, o MARGS procura atrair, especialmente estudantes, através de filmes, palestras, exposições, cursos permanentes e mostras no interior. Além disso funciona como um centro de documentação: dispõe de biblioteca especializada, arquivo de recortes de jornais e pastas individuais de cada artista. Tudo é aberto ao público.

Hoje, o MARGS está se mudando para o antigo e bonito prédio da Delegacia Regional do Ministério da Fazenda, ao lado do velho prédio dos Correios e Telégrafos. Lá terá melhores condições de mostrar suas 560 peças aos interessados. Se, ao menos uma vez por ano, cada pessoa entrar ali para dar uma olhada, para se familiarizar com a obra de arte, seu trabalho estará plenamente recompensado.

Jornal: *Tribuna da Imprensa* ^{R.T.}

Data: *25 / 10 / 78*

Página:

Assunto: *Inauguração Margs*

Artes Visuais

FRANCISCO BITTENCOURT

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE

No Rio Grande do Sul, o principal acontecimento do mês de outubro é a inauguração da nova sede do MARGS (Museu de Arte do Estado). Depois de vários anos de luta, apertado num apartamento residencial, com o acervo instalado de forma precária, consegue finalmente o MARGS mudar-se para o seu espaço definitivo, num belo edifício de estilo neoclássico da Praça da Alfândega, a antiga Delegacia da Receita Federal.

O diretor do museu, Luiz Inácio Medeiros, é sem dúvida a figura a quem devemos o feito notável. Agora é preciso que os artistas gaúchos e de todo o Brasil o auxiliem na pesada tarefa de impor de forma definitiva no cenário nacional mais esse excelente espaço conquistado para as artes visuais. O MARGS já conta com uma ótima organização administrativa, tem acervo razoável e uma história de luta pela arte brasileira que, nestes últimos anos, tornou-se ainda mais clara e definida. O grande problema do MARGS, como o de todos os museus brasileiros, é a falta de verbas. Para fazer funcionar a sua nova e ampla sede, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul precisa de um apoio firme e decidido não só do Governo gaúcho como do Ministério da Educação e Cultura, através da FUNARTE. Luiz Inácio Medeiros tem planos de primeira qualidade para colocar em

prática nas novas instalações; é importante que os setores oficiais não o deixem de mão estendida muito tempo à espera das famosas verbas, que muitas vezes vão minguando e acabam desaparecendo.

O MARGS pretende ser ainda mais atuante do que tem sido até agora. Para dinamizar sua programação o órgão terá de contar com o apoio de todos os interessados na difusão da cultura e, naturalmente, com a boa vontade daqueles capazes de subsidiá-lo com justiça. No Brasil, só o setor público é capaz disso. Temos exemplos recentes de campanhas de museus para arrecadar entre particulares os numerários suficientes para libertá-los das algemas das dívidas e sabemos que tais campanhas redundaram no mais completo fracasso. Que ninguém se engane portanto a esse respeito e, se o MARGS quer tornar-se realmente um centro regional e nacional de difusão cultural, terá de lutar de todas as maneiras — através da pressão da imprensa e dos próprios artistas interessados — para conseguir junto aos governantes, em todos os seus níveis — municipais, estaduais e federais —, as verbas de que precisa para a realização de seus projetos. Luiz Inácio Medeiros deve contar com o auxílio de todos para encher a nova sede do MARGS da criativi-

dade que o transformará de fato num núcleo representativo do desenvolvimento da arte brasileira.

O conceito de museu estático, voltado apenas para a conservação de obras do passado não condiz mais com as exigências da vida contemporânea. No mundo inteiro, os museus tradicionais estão se transformando de simples depósitos empoeirados de obras em centros de criação para a coletividade. Em 1971, o crítico holandês Willen Sandberg fez uma importantíssima conferência no Rio sobre a nova concepção dessas casas de cultura que devem englobar todas as manifestações capazes de despertar nas populações às quais estão ligadas o interesse que as torne vivas e interatuantes. Para Sandberg, o museu clássico, estático, saudosista, encontra-se numa encruzilhada que o levará, se não procurar compreender os anseios das novas gerações e os métodos modernos de comunicação de massa, ao beco sem saída das instituições que são mantidas vivas apenas para servir de palco para o pavoneio de nulidades e de idéias ultrapassadas.

O MARGS teve agora a rara oportunidade de conseguir o local adequado para o desenvolvimento de seus planos. Paralelamente, possui uma respeitável coleção para servir de base ao seu trabalho de emulação criadora. Tem ainda a experiência museológica convencional que é o patamar de onde po-

derá se lançar para novos e mais arrojados projetos. É um museu que não nasceu do nada, tem um quarto de século de existência e, apesar de seus vários períodos de estagnação e inércia, representou para o artista gaúcho, desde sua fundação, a única esperança fora do circuito comercial.

E é essa talvez a principal função do museu contemporâneo: apoiar a arte que nem sempre é bem recebida pelo esquema de galerias por ser ou muito avançada ou muito experimental. Mas, para o subsídio da pesquisa, os museus têm de contar com muitos recursos. O MARGS, estamos certos, pretende caminhar nesse sentido de apoio à pesquisa, como deixa claro uma das exposições com que inaugura sua nova sede, a de Desenho Industrial Gaúcho. É necessário agora que o Estado dê toda a ajuda financeira necessária para a continuação dessa trajetória. A criatividade nacional tem sido muito marginalizada no processo de expansão em que vivemos. No entanto, a sede ampla e digna que acaba de ser entregue ao Museu de Arte do Rio Grande é um sinal de que essa mentalidade começa a mudar. Todos nós, produtores e promotores de cultura, esperamos que esse prenúncio se transforme na maneira de agir no dia-dia das autoridades encarregadas de financiar e proteger a cultura do país.

Tribuna da Imprensa

Rio de Janeiro

25/10/78



Têmpera de Weingartner (1892), do acervo do MARGS

Três mostras e balé, na inauguração do novo prédio do Museu de Arte

A abertura da I Exposição de Desenho Industrial Gaúcho, do III Salão de Cerâmica, da mostra do acervo e uma apresentação do balé de Ilse Simon, marcam, hoje, a solenidade de inauguração oficial da nova sede do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, no prédio que anteriormente era ocupado pela Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda, na Praça Barão do Rio Branco.

Concebido pelo arquiteto Adolfo Gumlach, que teve a colaboração do escultor Alfredo Adloff, o prédio teve sua construção iniciada em 1913 pelo Ministro da Fazenda, Rivadávia da Cunha Corvea. O encarregado da construção foi o engenheiro Rodolfo Ahrons, cuja firma construtora levantou entre 1900 e 1920 em Porto Alegre, vários edifícios que contribuíram para o embelezamento da cidade. Seu estilo é neo-clássico e ocupa uma área de quatro mil metros quadrados, distribuídos em quatro pavimentos. Por isso o MARGS, terá agora, salas de exposições, biblioteca, laboratório fotográfico, salão de conferências, arquivos, dependências para cursos, oficina de restauração, para atender as necessidades de um centro de atuação cultural, como propõem as novas filosofias de operação dos modernos museus do mundo.

O Museu de Arte atualmente está organizado em diferentes atividades, denominadas núcleos: Administração, Acervo, Galeria, Documentação e Pesquisa e Extensão. Seu acervo, que hoje será exibido, teve início com Ado Malagoli, que reuniu obras encontradas em péssimo estado de conservação, dentro de repartições públicas estaduais. Outras

foram adquiridas ao longo dos anos, sendo as primeiras de Di Cavalcanti, Angelo Guido, Libindo Ferraz, Oscar Boeira e Pedro Weingartner.

Aos poucos a coleção passou a ter trabalhos de artistas como Joseph Bail, Rosa Bonheur, Bernardo Bouts, Juan Julio Geofroy, Jan Paul Laurens, entre os conhecidos internacionalmente. De brasileiros o MARGS conta com *Menino do Papagaio*, de Portinari, *Frevo*, de Heitor dos Prazeres, *Natureza Morta*, de Aldo Bonadei, *A Dama de Branco*, de Artur da Costa Timóteo, *Dorso de Mulher*, de Eliseu Visconti, *Cristo Crucificado*, de Mário Cravo Júnior, *Tapeçaria*, de Genaro de Carvalho, além de gravuras de Hensen Bahia, Marcello Grasmann, Osvaldo Goeldi e Maria Bonomi.

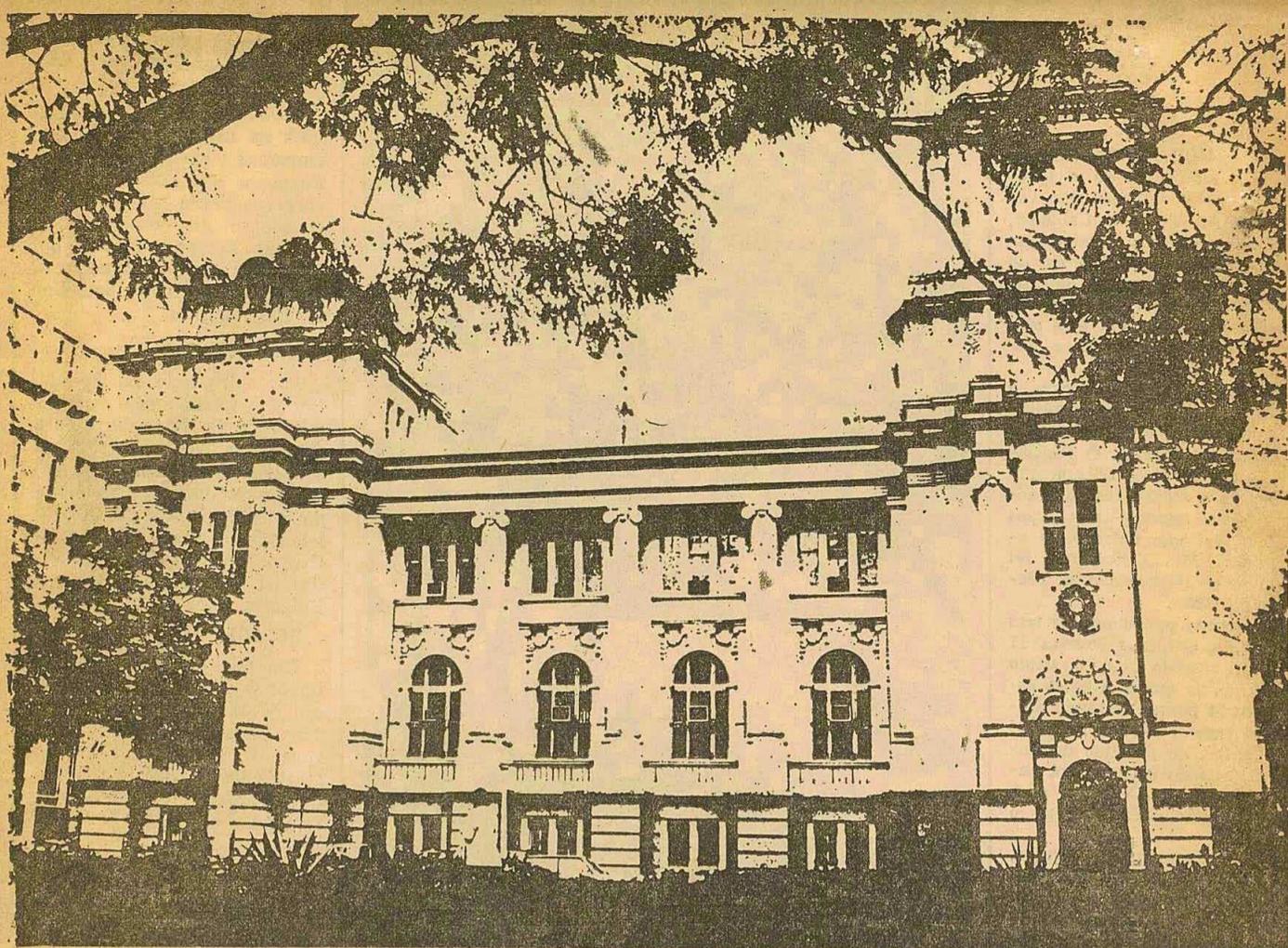
Representando a arte missioneira do Rio Grande do Sul, o MARGS tem três peças em madeira: São Francisco Xavier, Senhor dos Passos e Anjo. Recentemente, por deferência do governador Sinal Guazzelli, três telas — *Paisagem*, de Angelo Guido, *Colonas*, de Di Cavalcanti, e *Pintura*, de Iberê Camargo, foram transferidas da ala residencial do Palácio Piratini para o acervo do Museu.

A fundação do Museu de Arte do Rio Grande do Sul foi prevista quando da criação da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, em 29 de janeiro de 1954. No momento achava-se importante a criação de um órgão capaz e necessário à preservação e divulgação do nosso patrimônio artístico e cultural. Era secretário da Educação e Cultura Liberato

Salzano Vieira da Cunha e governador Ildo Meneghetti que, através do professor Enio de Freitas e Castro, convidaram o professor Ado Malagoli para organizar e dirigir a entidade.

A primeira mostra do MARGS foi na Casa das Molduras, em 1955. Intitulada *Exposição de Arte Brasileira Contemporânea*, estava composta por 33 pintores de várias tendências. Dois anos depois é que foi oficialmente aberta a primeira sala do Museu, na entrada do Teatro São Pedro, com uma retrospectiva de Pedro Weingartner, na época o mais festejado artista do Estado. Em 1973, nova mudança para o Cotillon Club, na avenida Salgado Filho, onde permaneceu até o início deste ano, passando então à sede do prédio da Delegacia Fiscal.

Sucedendo a direção do professor Ado Malagoli, assumiu como chefe do MARGS o artista e professor Glênio Bianchetti, hoje radicado em Brasília. Em seguida, passou para Francisco Stockinger, entre 1963 e 1964, que novamente retornou em 1967. Neste meio tempo o Museu ficou sob a responsabilidade de Carlos Scarinci, substituído por Gilberto Marques que permaneceu até 1972, deixando o cargo para o jornalista Antônio Hohlfeldt. De junho de 1972 a fevereiro de 1973, Armando Almeida assumiu o cargo, substituído por Flávio Rocha. Em dezembro de 1973 estava na direção Kurt Schmeling, que saiu em 1974, passando então para Plínio Bernhardt. Luís Inácio Meireiros atual diretor, assumiu em maio de 1975 e vê agora a concretização de seu mais caro projeto.



No antigo prédio da Delegacia Fiscal, a nova sede do Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

Museu de Arte do Rio Grande do Sul inaugura hoje sua nova sede central

Será oficialmente aberto hoje o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, órgão do Departamento de Assuntos Culturais da SEC, agora em sua sede permanente, no prédio anteriormente ocupado pela Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda, à Praça Rio Branco, s/n.

O ato inaugural contará com a presença do governador Sinval Guazzelli, do secretário de Educação, Plácido Steffens, e demais secretários de Estado e de figuras de destaque na vida administrativa, cultural, artística e social da cidade.

A cerimônia de inauguração do MARGS constará de visita às salas de exposição do acervo, apresentação do "ballet" de Ilse Simon, abertura da 1.ª Exposição de Desenho Industrial Gaúcho e, após, abertura do III Salão de Cerâmica do Rio Grande do Sul.

HISTÓRICO DO MUSEU

Com a criação da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado — pela Lei n.º 2345 de 29 de janeiro de 1954 — foi prevista a instalação de um Museu de Arte como organismo necessário à preservação e divulgação do nosso patrimônio artístico e cultural.

O êxito da iniciativa foi devido, em primeiro lugar, à receptividade do então governador Ildo Meneghetti e, igualmente, ao dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha, a esse tempo secretário de Educação e Cultura, e a seu sucessor, dr. Ariosto Jaeger. Na posição de diretor da Divisão de Cultura, o professor Enio de Freitas e Castro convidou o professor Ado Malagoli para organizar e dirigir o Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

A primeira mostra do MARGS teve lugar em 1955, na galeria da Casa das Molduras. Intitulada "Exposição de Arte Brasileira Contemporânea", reuniu 33 pintores de várias tendências. Dois anos mais tarde, em 1957, foi oficialmente aberta a sala de exposições preparada por Ado Malagoli no "foyer" do Teatro São Pedro local designado para sede provisória do Museu.

A exposição foi de alto nível: uma retrospectiva de Pedro Weingärtner, o mais festejado artista do Rio Grande do Sul.

Em 1973, o MARGS transferiu-se para o antigo local

do Cotillon Club, à Avenida Salgado Filho, n.º 235, onde permaneceu até meados do corrente ano, passando, então, à sede que lhe foi conferida por força do Decreto Federal, através do qual foi permitida à SEC a utilização do prédio da Delegacia Estadual do Ministério de Fazenda como sede do Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

A SEDE

Concebido pelo arquiteto Adolfo Gundlach, que teve a colaboração do escultor Alfredo Adloff, o prédio do MARGS foi mandado construir em 1913 pelo Ministro da Fazenda, Rivadávia da Cunha Corrêa. O encarregado da construção foi o engenheiro Rodolfo Ahrens, homem de cultura e sensibilidade, cuja firma construtora levantou em Porto Alegre vários edifícios entre 1900 e 1920, que muito contribuíram para embelezamento da cidade.

Em estilo neo-clássico, o prédio tem cerca de 4.000m² de área construída, distribuídos em quatro pavimentos, dando lugar a salas de exposições, biblioteca, laboratório fotográfico, salão de conferências, arquivos, dependências para cursos, oficina de restaurações, tudo o que hoje é exigido de um moderno museu de arte, entendido, no seu todo, como um centro atuante de comunicação cultural.

ORGANIZAÇÃO

Para que melhor cumpra suas funções, o MARGS vem de ser reorganizado pelo atual diretor, dr. Luís Inácio Medeiros, que equacionou as diferentes atividades do Museu em cinco núcleos: Administração, Acervo, Núcleo de Galeria (técnico, Documentação e Pesquisa e Núcleo de Extensão. Ampliando seu "convívio", por assim dizer, com a comunidade, o MARGS tem se desdobrado em promoções fora de sua sede, através de cursos, exposições e palestras realizados em diversos locais, na própria capital e no interior do Estado, sempre colhendo ampla receptividade.

DIRETORES DO MUSEU

Desde sua criação o MARGS contou com a assistência e a dedicação de nomes ilustres que contribuíram significativamente para o desenvolvimento das artes plásticas no Estado. Em 1960, sucedendo ao professor e pintor Ado Malagoli, assumiu a direção do MARGS o pintor, desenhista, gravador e professor Glênio Bianchetti, hoje radicado em Brasília. Francisco Stokinger, pintor, gravador e escultor, dirigiu o Museu de 1953 a 1964, retornando à direção em março de 1967.

Carlos Scarinci, professor e crítico de arte, foi diretor de nov. de 64 até 1967. O arquiteto Gilberto Marques respondeu

pela direção até janeiro de 72, deixando o cargo para o jornalista Antônio Hohfeldt. De junho de 1972 a fevereiro de 1973 o responsável pela direção do Museu foi o gravador, desenhista, pintor e professor Armando Almeida, sucedido, por sua vez, pelo pintor Flávio Rocha. Em dezembro de 1973 assumiu o arquiteto e professor Kurt G. Schmeling que permaneceu no cargo até abril de 1974, passando a direção do MARGS ao pintor, desenhista e gravador e professor Plínio César Bernhardt. Inácio Medeiros, o atual diretor, assumiu em maio de 1975 e vê agora concretizado — resultado de muitos esforços o seu mais caro projeto: o Museu de Arte do Rio Grande do Sul na sede que merece.

O ACERVO

O acervo do Museu foi iniciado por Ado Malagoli, que reuniu as primeiras peças. Obras encontradas em precário estado de conservação foram removidas de repartições públicas estaduais e, posteriormente, limpas ou restauradas. Outras obras valiosas foram adquiridas ao longo dos anos. Dessa primeira fase são lembradas, entre outras, obras de Di Cavalcanti, Angelo Guido Libindo Ferrez, Oscar Boeira e Pedro Weingärtner.

Com o enriquecimento do acervo, passaram a ser incluídas obras de artistas de renome internacional como Joseph Bail, Rosa Bonheur, Bernardo Bouts, Juan Julio Enrique Geoffrey, Jan Paul Laurens, Franz Von Lembach e Henry Martin. Entre os artistas nacionais, o acervo possui obras importantes como "Menino do Papagaio" de Portinari, "Fervo", de Heitor dos Prazeres, "Natureza Morta" de Aldo Bonadei, "A Dama de Branco" de Artur de Costa Timóteo, "Dorso de Mulher" de Eliseu Visconti, a escultura "Cristo Crucificado", de Mário Cravo Júnior, "Tapeçaria" de Genaro de Carvalho e gravuras de Hansen Bahia, Mar-

celo Grassmann, Osvaldo Goeldi e Maria Bonomi.

Destaques especiais merecem as históricas peças de escultura em madeira "São Francisco Xavier", "Senhor dos Passos" e "Anjo" que representam a arte missionária no Rio Grande do Sul.

Cedidas pelo Governador do Estado, Sinval Guazzelli, três telas — "Paisagem", de Angelo Guido, "Colonas" de Di Cavalcanti e "Pintura" de Iberê Camargo, foram transferidas da ala residencial do Palácio Piratini para o MARGS.

ARTISTAS GAÚCHOS

A representação de artistas gaúchos é a mais expressiva no acervo do MARGS, somando pinturas, esculturas, desenhos, gravuras, tapeçarias, cerâmicas e objetos. A aquisição para o acervo de obras importantes de artistas de nosso Estado, bem como a exposição e divulgação de seu nomes, tem sido uma das preocupações da atual direção do MARGS. Em 1975, quando da elaboração do primeiro catálogo geral das obras do acervo, foram relacionadas 238 obras de arte. Este número cresceu expressivamente, tanto que para o próximo catálogo geral, em vias de conclusão, estarão arroladas cerca de 600 obras.

Entre os artistas gaúchos que tiveram suas obras incorporadas ao acervo do MARGS, estão: Alice Brueggemann, Alice Soares, Enio Lippmann, João Fahrion, José Lutzemberger, Circe Saldanha Pilla, Danúbio Gonçalves, Helena Maya D'Ávila, Plínio Cesar Bernhardt, Trindade Leal, Vasco Prado, Clébio Sória, Leopoldo Gotuzzo, Wagner Dotto, Nelson Jungbluth, Leda Flores, Wilbur Olmedo, Carlo Obino, Avatar Moraes, Ingeborg Friedrich, Armindo Libardi, Magliani, Nélida Bertolucci e Iná Fantoni.

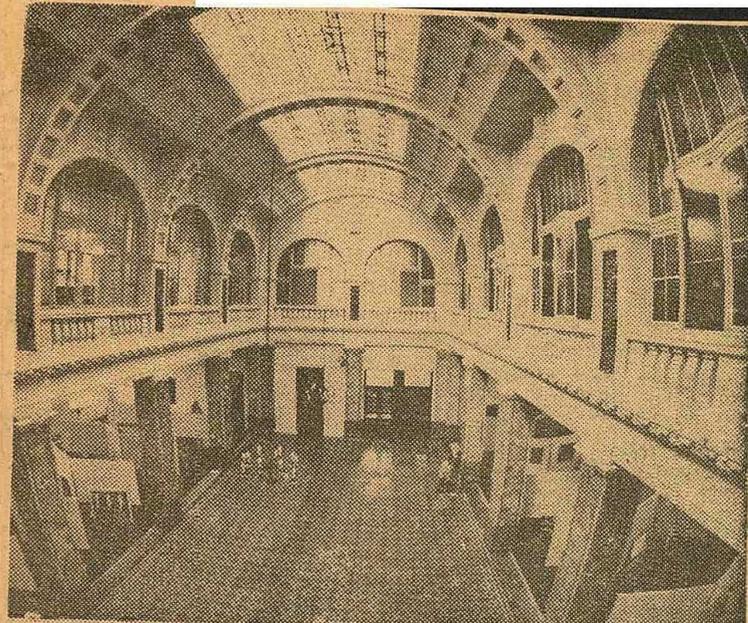
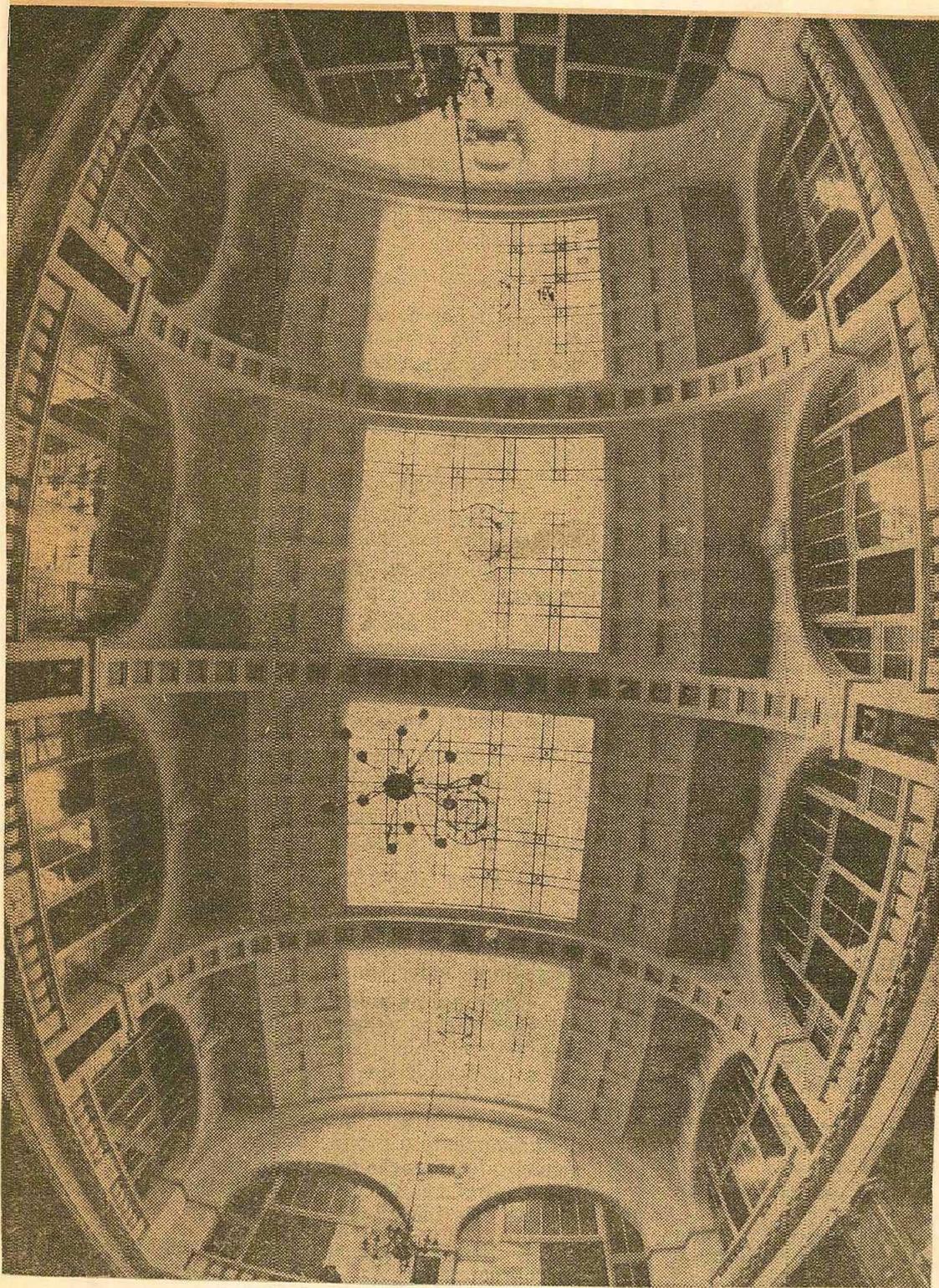
CP-26-10-78

Jornal: F.T.

Data: 26 / 10 / 78

Página:

Assunto: Margs - Inauguração
sede



FT 26-10-78
Porto Alegre ganha
um museu digno de
uma grande cidade

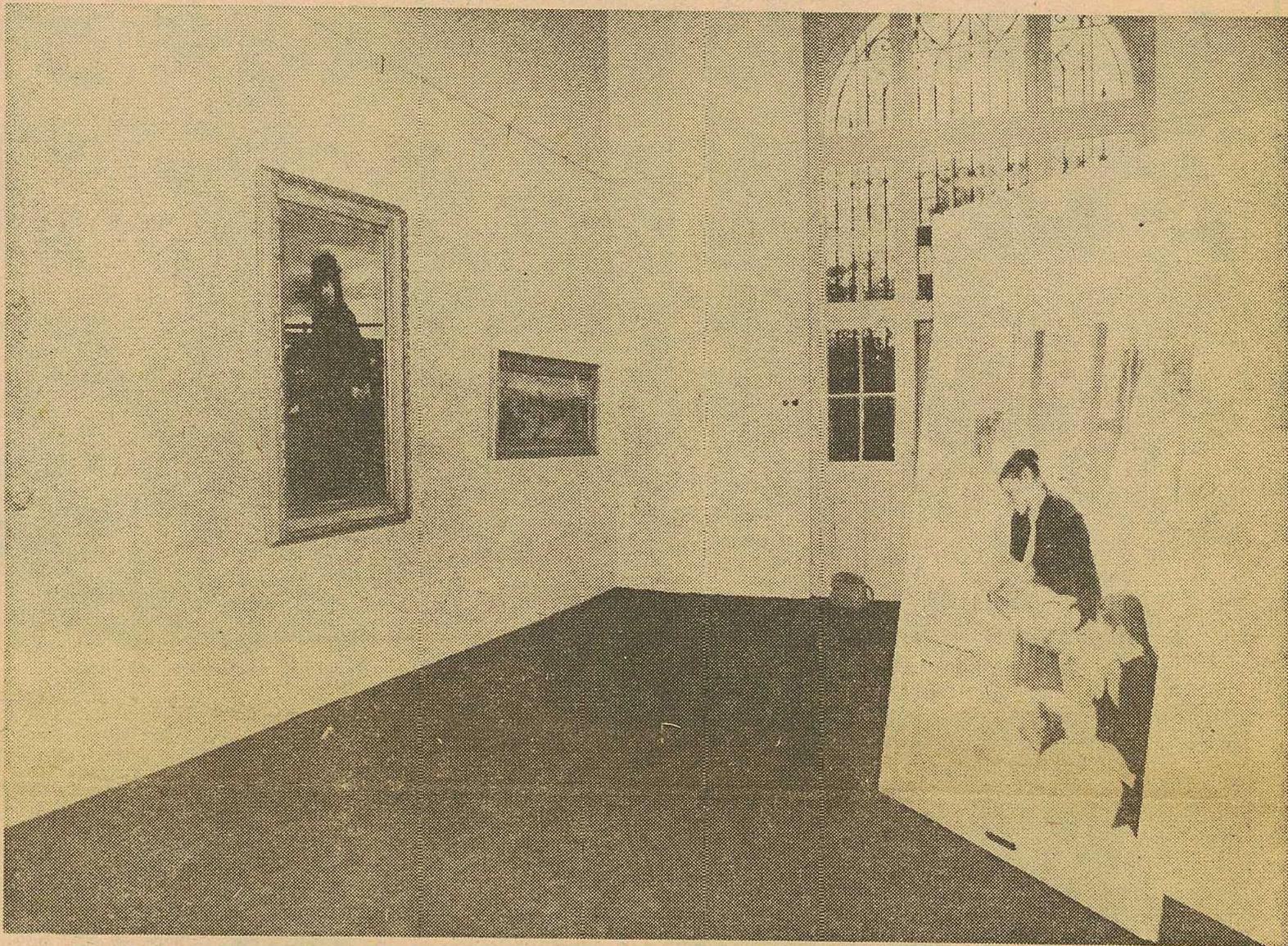
As 5 horas da tarde de hoje a cidade ganha um museu de artes do mais alto gabarito, ocupando o antigo prédio da Delegacia Fiscal, construído há 50 anos, e que se constitui, juntamente com o edifício dos Correios e Telégrafos, em um conjunto arquitetônico que destaca o centro de Porto Alegre. O Museu de Arte do Rio Grande do Sul, o MARGS, passa, hoje, oficialmente a ocupar o novo prédio, obtendo condições para daqui por diante crescer e se colocar entre os maiores organismos do País neste setor. Páginas 46 e 47

FT CADERNO

A inauguração da sede permanente do Museu de Arte do Rio Grande do Sul marca uma nova fase da cultura gaúcha.

Localizando-se no centro da cidade, num antigo prédio neoclássico do início do século, o MARGS finalmente conquistou a sede que merece.

A solenidade será hoje à tarde, às 17 horas, contando com a presença do Governador do Estado, Sival Guazzelli e outras autoridades, estando aberto a todos aqueles que apreciam a arte e preservam a cultura gaúcha.



Inauguração da sede do MARGS marca época na história gaúcha

A inauguração da sede permanente do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, hoje à tarde, às 17 horas, marcará uma nova época para o patrimônio histórico-cultural do Estado. A solenidade contará com inúmeras autoridades entre elas o Governador do Estado, Sival Guazzelli, e o secretário de Educação, Plácido Steffen.

A nova sede permanente do MARGS, antiga Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda, localizada na praça da Alfândega (ex-praça Rio Branco) é um dos mais belos prédios de Porto Alegre. Em estilo neo-clássico, foi construído pelo arquiteto Adolfo Gundlach com a colaboração do escultor Alfred Adolff.

Nela os porto-alegrenses poderão ver obras de artistas gaúchos, brasileiros e estrangeiros e apreciar as três exposições abertas ao público: a do próprio acervo do MARGS, no salão principal e nas salas complementares o III Salão de Cerâmica e a Exposição de Desenho Industrial Gaúcho.

O III Salão de Cerâmica reúne peças de 35 artistas incluindo nomes como o de Neusa Matos, Cecília Holden e Marilene Englert. A mostra de Desenho Industrial apresentará trabalhos de arquitetos e engenheiros do Estado. Os presentes terão oportunidade de assistir ainda a apresentação do grupo de balé de Ilse Simon, com coreografia inspirada na música de Marlos Nobre. "Moisaco".

As três exposições estão organizadas de modo didático para melhor facilitar ao público. O Museu foi dividido em cinco núcleos: a Administração, o Acervo, o Núcleo da Galeria (parte técnica) e Pesquisa e Núcleo de Extensão, que também poderão ser visitados por pesquisadores, professores, estudantes ou qualquer interessado.

O ACERVO

O acervo do MARGS iniciou-se através do trabalho de Ado Malagoli que reuniu as primeiras peças. Estas estavam em precário estado de conservação, sendo muito removidas de repartições públicas estaduais. Outras obras foram adquiridas ou doadas com o correr dos anos.

Hoje é possível encontrar no Museu peças de artistas de renome como Di Cavalcanti, Ângelo Guido, Libindo Ferraz, Oscar Boeira e Pedro Weingartner na ala nacional. Na parte internacional existem obras de Joseph Bail, Rosa Bonheur, Bernard Bouts, Juan Júlio Enrique Geoffrey, Paul Leurens e outros.

Há peças ainda de Mário Cravo Júnior, com a escultura "Cristo Crucificado" e as históricas esculturas em madeira "São Francisco Xavier", "Senhor dos Passos" e "Anjo", que representam a arte das Missões realizadas pelos jesuítas no século passado.

Houve ainda uma doação especial do Governador Sival Guazzelli de três telas que foram transferidas da ala residencial do Palácio Piratini para o MARGS. As obras são "Paisagem", de Ângelo Guido, "Colocas", de Di Cavalcanti e, "Pintura", de Iberê Camargo.

O talento dos artistas gaúchos é expressivo. Encontram-se no acervo obras que vão da pintura, escultura, desenhos, gravuras, tapeçarias, cerâmicas e objetos de pessoas que fizeram história no Estado. O primeiro catálogo do MARGS foi realizado em 1975 relacionando 238 peças, enquanto que o segundo catálogo realizado em 77 já mostrava um total de quase 600 obras.

Entre os artistas gaúchos que tiveram suas obras incorporadas ao acervo do MARGS encontram-se Alice Brueggemann, Alice Soares, Emio Lippmann, João Fahrion, José Lutzenberg, Circe Saldanha Pilla, Danúbio Gonçalves, Helena Maya D'Ávila, Plínio Bernhardt, Trindade Leal, Vasco Prado, Clébio Sória, Leopoldo Gotuzzo, Wagner Dotto, Nelson Jungbluth, Leda Flores, Wilbur Olmedo, Carla Obino, Avatar Moraes, Ingeborg Friedrich, Armindo Libardi, Magliani, Nélide Bertolucci e Iná Fontoni.

HISTÓRICO

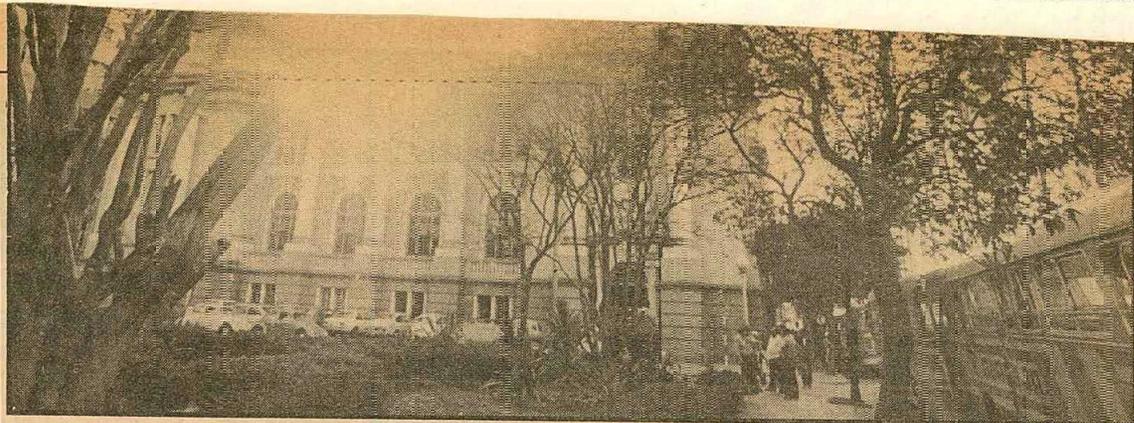
A primeira mostra do MARGS foi em 1955, na Galeria da Casa das Molduras, com o título de "Exposição de

Arte Brasileira Contemporânea". A mostra reuniu 33 pintores de várias tendências. No entanto, foi dois anos mais tarde que o MARGS abriu suas portas a nível oficial com uma sala de exposições preparada por Ado Malagoli no foyer do Teatro São Pedro, local designado para sede provisória do Museu.

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul foi criado como um organismo necessário à preservação e divulgação do patrimônio histórico, artístico e cultural do Estado, através da elaboração da Lei n.º 2345, de 29 de janeiro de 1954, quando da instituição da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado.

O MARGS funcionou durante muito tempo no Teatro São Pedro transferindo-se em 1973 para o antigo Cotillon Club, na Avenida Salgado Filho. Lá permaneceu até meados deste ano, quando o Decreto Federal n.º 73.789, de 11 de março de 1974 permitiu que a SEC utilizasse o prédio da Delegacia Estadual do Ministério da Fazenda como sua sede.

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul teve como primeiro diretor o professor e pintor Ado Malagoli. Seus sucessores foram Glênio Bianchetti, Francisco Stockinger, Carlos Scarinci, Gilberto Marques, Antônio Hohlfeldt, Armando Almeida, Flávio Rocha, Kurt Schmeling, Plínio César Bernhardt e o atual, Luís Inácio Medeiros.



Prédio onde começa a funcionar hoje o MARGS

Uma nova história para o MARGS

Com a inauguração, às 17 horas de hoje, no novo prédio do MARGS (Museu de Arte do Rio Grande do Sul), onde antes estava a Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda (na Praça da Alfândega), Porto Alegre passa a ter um dos mais bem dotados museus do país, sob o aspecto de segurança. Com diversos cursos sobre preservação e segurança de obras de arte, seu diretor, Luis Inácio Medeiros, procurou equipar o novo prédio de forma que atendessem aos novos conceitos de museu bem como para evitar que tragédia semelhante a do MAM (Museu de Arte Moderna), no Rio, ocorresse com ele. Assim, o MARGS, que já vinha desenvolvendo uma intensa programação no prédio da Salgado Filho, com o maior espaço adquirido — graças ao perseverante empenho de seu diretor —, torna-se um verdadeiro centro de atividades, indo além da simples função de expositor.

“Além de ser um centro de preservação e de mostra, o conceito de museu moderno engloba uma série de atividades de extensão (cursos e mostras fora do museu) e além disso um apoio ao desenvolvimento das artes no Estado e dos artistas. Eu acredito que a própria inauguração do Museu vai gerar para as artes gaúchas um aumento do mercado”, diz Luis Inácio. Com esses objetivos, o MARGS promoverá conferências, sessões de audiovisuais, cinema, concursos, salões e cursos, além de manter uma oficina de restauração, um laboratório fotográfico, uma biblioteca e um centro de documentação abertos à consulta pública, como também um salão de chá que funcionará no terraço como um local de reunião e encontro de artistas e pessoas ligadas ao setor. O papel mais importante do Museu será certamente o de se tornar um centro de registro e documentação das atividades dos artistas gaúchos, um trabalho que servirá inclusive para a posteridade. Já existem, inclusive, mais de 500 pastas individuais arquivadas contendo biografia e dados sobre o trabalho de nossos artistas. Correspondendo ao conceito moderno de museu, o MARGS também abrirá oportunidade para os alunos do Instituto de Arte, ligados à área musical, que terão um local para seus recitais no auditório com capacidade para abrigar 100 pessoas. Ali, também serão realizados pequenos concertos e assim a cidade ainda adquire um novo local para a apresentação de seus músicos.

A programação já definida para até agosto de 79, inicia com a inauguração do novo prédio quando serão abertos a exposição do acervo do MARGS, no saguão central que fica no primeiro andar, o III Salão de Cerâmica e o I Salão de Desenho Industrial Gaúcho, que contará com a participação de diversas empresas locais. Na galeria que fica no segundo andar, será inaugurada, no dia 24 de novembro, uma retrospectiva de Paulo Osório Flores. Já, no dia 7 de dezembro, inaugura no Rio, na Galeria Rodrigo Mello Franco, uma mostra de artistas gaúchos que nunca expuseram lá apesar do renome que têm aqui e que foi organizada pelo MARGS. Entre os artistas, estão Alice Brueggmann, Plínio Bernhardt Magilani, Enio Lippmann, Carlos Alberto Petrucci e Carlos Pasquetti. Em janeiro e fevereiro, o Museu estará desenvolvendo junto com a RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações) uma mostra itinerante que será levada a Gramado e depois a todo o litoral gaúcho, começando por Torres. Junto das gravuras e xilogravuras serão apresentados os materiais usados para a sua realização, como a pedra, tacos, golvins e rolo. Luis Inácio Medeiros adianta, entretanto, que mesmo durante esta mostra o MARGS continuará com suas atividades aqui em Porto Alegre. Em mar-

ço, será realizada uma individual do pintor português, radicado em Paris, Manuel Cargaleiro, que exporá trabalhos de pintura a óleo e têmpera. Ele é um dos mais famosos pintores portugueses, tendo exposto em São Paulo, em 1964.

Em abril, será inaugurada a mostra do acervo da Sul América Seguros, adquirida nos anos 50 e que possui cerca de 40 obras, inclusive de Portinari, Vicente Rego Monteiro, Tarsila e Volpi. Ao mesmo tempo, continuarão sendo desenvolvidas as promoções antigas como a do Museu vai à Indústria e a de levar os artistas às escolas de II Grau, bem como a recepção de escolas no Museu que não se resumem à visitação, pois depois dela os alunos trabalham sob a supervisão da Escolinha de Arte, do DAC/SEC. Por uma questão até de preservação das obras, a sala de desenho e gravura será renovada a cada três meses. Permanentemente, também serão realizados cursos, já estando dois anunciados que são o de serigrafia e o de fotografia como arte. Mas antes de toda esta programação, ainda no final de outubro, será feito o lançamento de álbum de reproduções de gravuras de Debret, selecionadas e organizadas por Salomão Schlar, com texto de Paixão Cortes.

O MARGS, que foi criado em 1954 e que realizou sua primeira mostra em 55, na galeria da Casa das Molduras, até três anos atrás tinha 235 obras em seu acervo e hoje já conta com 620 peças. Com o maior espaço adquirido certamente aumentará a coleção e Luis Inácio Medeiros fala na possibilidade de transferência das obras do patrimônio público para o MARGS. A Prefeitura também pretende enviar suas peças. Do Museu Júlio de Castilhos, que tem muitas obras que deveriam estar no MARGS, foram recebidas quatro desenhos de Araújo Porto Alegre, retratando trechos de sua viagem à Europa. No Júlio de Castilhos, ainda permanecem 36 desenhos que correm o risco de se estragarem pela falta de condições técnicas de conservação. O Museu está, inclusive, aceitando doações que possam enriquecer seu acervo. Entre as peças que já possuem estão algumas de Alice Brueggmann, Alice Soares, Enio Lippmann, João Fahrion, José Lutemberger, Circe Saldanha Pilla, Danúbio Gonçalves, Helena Maya D'Ávila, Plínio Bernhardt, Trindade Leal, Vasco Prado, Clélio Sória, Leopoldo Gofuzzo, Wagner Dotto, Nelson Jungbluth, Leda Flores, Wilbrun Olmedo, Carla Obino, Avatar Moraes, Ingeborg Friedrich, Armino Libardi, Magilani, Néldo Bertolucci e Iná Fantoni, além de outros.

Planejado para a segurança e preservação das obras, o prédio, do MARGS sofreu uma série de modificações e reformas que atingiram um total de Cr\$ 600 mil. Muitos serviços foram prestados gratuitamente como a restauração do vitral da clarabóia central, que foi realizado pela Vidraria Werres. A antiga locadora do prédio, a Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda, cedeu grande parte do mobiliário. Entre as reformas estão a remoção das divisórias, pintura interna do prédio, arrumação das salas de trabalhos, confecção de painéis e instalação de equipamentos próprios para a preservação das obras expostas, como do aparelho alemão para medir e controlar a umidade do local, filtros nas janelas para evitar a radiação de ultravioleta sobre as peças. Também foram instaladas lâmpadas fluorescentes especiais que têm uma luz amarelada para não prejudicar as telas. Entre outras medidas de segurança, foram criadas salas negras, onde as paredes, o carpete e as cortinas são pretas para destacar e diminuir a intensidade da luz, sobre os desenhos e gravuras que ficarão ali expostos.



Balê de Ilse Simon dançou, durante a inauguração, com música de Marlos Nobre.

COM NOVA SEDE

MUSEU DE ARTE

AMPLIA AGORA

SUAS ATIVIDADES

Numa solenidade simples, mas importante para as artes plásticas gaúcha, foi cortada ontem, às 17h, pelo Governador Sinval Guazzelli e pela primeira Dama Dona Ecléa Guazzelli, a fita simbólica que marcou a inauguração da nova sede do Museu de Arte do Rio Grande do Sul no antigo prédio da Delegacia Fiscal. Estavam presentes outras autoridades do Estado, além do prefeito municipal, Guilherme Socias Villella, que também se fazia acompanhar por representantes de pastas municipais, artistas e convidados especiais.

Passado o primeiro ato, todos se dirigiram ao andar superior, onde fica o acervo, distribuído numa ampla sala subdividida com obras de artistas internacionais, nacionais e estaduais. Sem muita demora, os presentes deixaram a parte de entrada para o salão, para que se apresentasse o balê de Ilse Simon, composto por 18 figurantes. Por fim, as autoridades e convidados subiram ao segundo andar, sempre acompanhados pelo diretor do MARGS, Luís Inácio Medeiros, para olhar as exposições de desenho industrial gaúcho e o III Salão de Cerâmica do Estado.

Com este fato, de hoje em diante, o Rio Grande do Sul passa a ter uma sede de Museu que há muito merecia e que vinham sendo constantemente solicitada. Ele ainda não dispõe de todas as salas em funcionamento, pois as cinematecas, biblioteca e restauração, ainda fazem parte de reformas, para um funcionamento contínuo, de acordo com as novas filosofias de ação de todos os museus do mundo.

Contudo, qualquer visitante já pode atualmente admirar num conjunto obras de Iberê Camargo, Manabu Mabe, Pedro Weingartner, Boeira, Di Cavalcanti, Portinari, Heitor dos Pra-

zeres, Genaro de Carvalho, Angelo Guido, ao lado de esculturas missioneiras, constituindo-se numa coleção representativa da cultura nacional.

Na exposição de desenho industrial, os objetos que a compõem são os mais diversos, como aparelhos de utensílios domésticos, estande para escritórios, painéis fotográficos, projetos de ônibus, todos criados pelo arquiteto Rui Crovador e Nilo Laschuk (da Marcopolo), Flávio Cauduro e Joaquim da Fonseca (Novum Design Studio), José Carlos Bornancini e Nelson Petzhold (termolar), Gunter Weimer, Armênio Wendhausen, Manlio Gobbi, Sérgio Parmagnani e Invânio Sanguinetti (Manlio Gobbi S.A.), entre outros.

A outra exposição, o III Salão de Cerâmica, está com 90 peças de artistas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, entre os quais Cecílio Garland, Marile Thomé Englert, Nilza Mattos, Ingeborg Friedrich, Leda Flores, Cláudia Stern, Tunuca, Miriam Obino, Zilda Marques, Lígia Osório Malmann e Arlette Sauer.

A direção do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, não esqueceu de realizar uma homenagem a Ado Malagoli, o artista responsável pela existência do MARGS e seu fundador, em 1954, instalando na sala de Luís Inácio Medeiros, uma fotografia do professor, cuja cerimônia o governador também presidiu.

O prédio atual do Museu, teve a concepção do arquiteto Adolfo Gunlach que, com a colaboração do escultor Alfred Adloff, começou a ser construído em 1913, pelo Ministro Rivadavia da Cunha Correa. Seu estilo é neo-clássico e ocupa uma área de quatro mil metros quadrados, distribuídos em quatro pavimentos, por onde se distribuirão os diversos núcleos que hoje compõem a entidade.

EXECUTIVO/LEGISLATIVO

Z. H. 27-10-78

GUAZZELLI ABRE O MUSEU DE ARTE E VAI HOJE A SÃO PAULO

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul foi aberto oficialmente ontem à tarde, em cerimônia presidida pelo governador Sinval Guazzelli e sua esposa, dona Ecléa Guazzelli, e que contou também com a presença das mais altas autoridades do Estado e do Município de Porto Alegre, entre elas o desembargador Niro Teixeira de Souza, presidente do Tribunal de Justiça do Estado, e o prefeito Guilherme Socias Villela.

Antes de realizar uma visita aos salões onde estão expostas 620 peças de artistas estrangeiros, nacionais e gaúchos, o Governador, em companhia de sua esposa, desatou a fita dando por inaugurada a nova sede do Museu de Arte, agora no antigo prédio da Receita Federal, na Praça da Alfândega.

Em seguida, as autoridades, que foram recebidas pelo diretor do Museu, Luiz Inácio Medeiros, pelo secretário de Educação e Cultura, professor Plácido Steffen, e pelo diretor do Departamento de Assuntos Culturais da SEC, ao qual o museu está subordinado, iniciaram uma demorada visita ao andar inferior, onde está o salão de artistas estrangeiros, nacionais e do Rio Grande do Sul, e mais duas salas reservadas a quadros de gravura e desenho.

BALLET

Como parte da programação de inauguração do Museu, o Governador e demais autoridades, bem como convidados e representantes do Corpo Consular, assistiram no "hall" do salão principal a apresentação do "ballet" de Ilse Simon, que durou cerca de oito minutos.

Logo após, no andar superior, o sr. Sinval Guazzelli e d. Ecléa des-

cerraram uma placa alusiva aos atos de inauguração do museu, e visitaram a Primeira Mostra de Desenho Industrial Gaúcho, onde sete firmas do Rio Grande do Sul, previamente selecionadas, expõem os seus modelos de fabricação.

Antes de encerrar a visita, o Governador inaugurou também o 3º Salão de Cerâmica do Rio Grande do Sul, onde 38 autores apresentam mais de cem trabalhos.

Na sala do diretor do Museu, o sr. Sinval Guazzelli presidiu ainda a instalação do quadro com a fotografia de Ado Malagoli, fundador e 1º diretor do Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Na saída, o Governador e demais autoridades foram convidadas a deixar suas assinaturas no livro de visitas, recebendo, como lembrança, uma fotogravura do prédio ocupado pelo Museu, atualmente, que serviu, desde 1913, à Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda.

VIAGEM

O governador Sinval Guazzelli, em companhia de d. Ecléa, viajará às 15h30min de amanhã para São Paulo, onde já será aguardado pelo Secretário de Turismo, sr. Flavio Ioppi. Guazzelli deverá presidir a inauguração do acampamento gaúcho, uma promoção turística de nosso Estado.

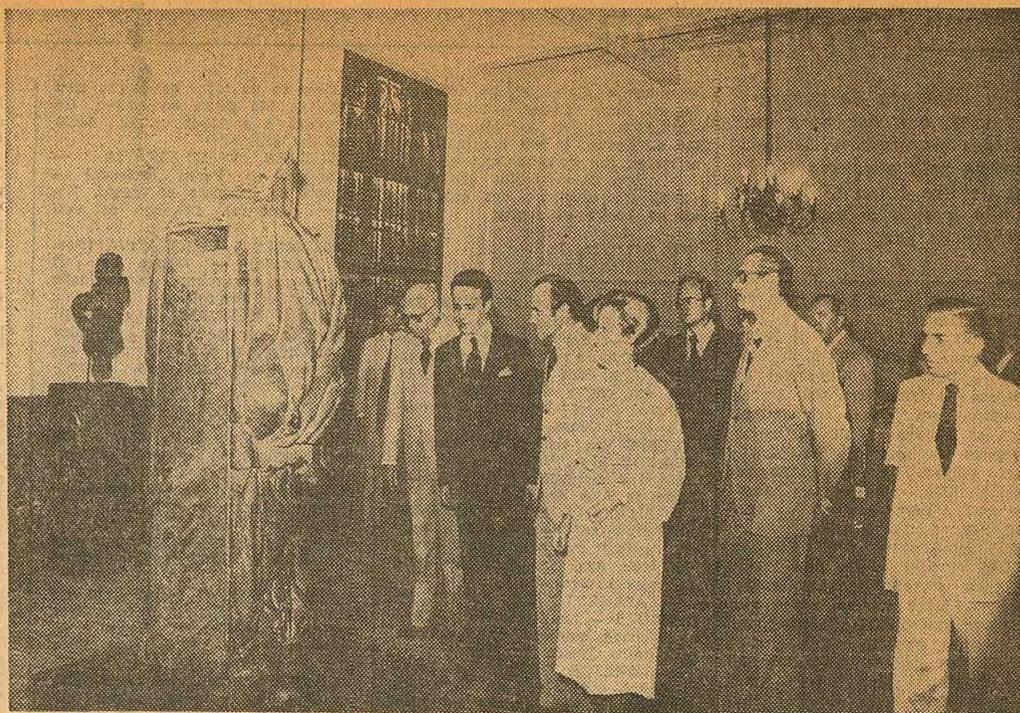
A cerimônia de inauguração, para a qual foram convidadas altas autoridades de São Paulo, está marcada para às 19 horas. Depois da apresentação de grupos folclóricos de nosso Estado, Sinval Guazzelli e d. Ecléa participarão de um jantar típico, oferecido a autoridades e jornalistas, às 21h30min.

Sinval Guazzelli deverá permanecer até sábado à tarde em São Paulo. O acampamento promovido pela Secretaria de Turismo do Estado apresentará diversas atrações até o dia 31. Ele está situado no Parque Anhembi.



Governador e esposa no museu

* O governador Sinval Guazzelli convida para inauguração da nova sede do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, no final da tarde de hoje. O museu expõe seu acervo e inclusive telas do acervo do Palácio Piratini, pois deverá concentrar a mais expressiva representação da arte gaúcha. Z. H. 10.78



Governador Sinval Guazzelli, presente sua esposa, d. Ecléa, no ato de abertura oficial do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, no antigo prédio da Delegacia Fiscal

CP-27.10.78

ABERTURA OFICIAL ONTEM DO MUSEU DE ARTE EM NOVA SEDE

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul foi aberto oficialmente, ontem à tarde, em cerimônia presidida pelo governador Sinval Guazzelli e sua esposa, dona Ecléa Guazzelli, e que contou também com a presença das mais altas autoridades do Estado e do Município de Porto Alegre, entre elas o desembargador Niro Teixeira de Souza, presidente do Tribunal de Justiça do Estado, e o prefeito Guilherme Socias Villela.

Antes de realizar uma visita aos salões onde estão expostas 620 peças de artistas estrangeiros, nacionais e gaúchos, o governador, em companhia de sua esposa, desatou a fita dando por

inaugurada a nova sede do Museu de Arte, agora no antigo prédio da Receita Federal, na Praça da Alfândega.

Em seguida, as autoridades, que foram recebidas pelo diretor do Museu, Luiz Inácio Medeiros, pelo secretário de Educação e Cultura, professor Plácido Steffen, e pelo diretor do Departamento de Assuntos Culturais da SEC, jornalista Paulo Amorim, ao qual o museu está subordinado, iniciaram uma demorada visita ao andar inferior, onde está o salão de artistas estrangeiros, nacionais e do Rio Grande do Sul, e mais duas salas reservadas a quadros de gravura e desenho.

BALE

Como parte da programação de inauguração do Museu, o governador e demais autoridades, bem como convidados e representantes do Corpo Consular, assistiram no "hall" do salão principal a apresentação do balê de Ilse Simon, que durou cerca de oito minutos.

Logo após, no andar superior, o sr. Sinval Guazzelli e d. Ecléa descerraram uma placa alusiva aos atos de inauguração do museu, e visitaram a Primeira Mostra de Desenho Industrial Gaúcho, onde sete firmas do Rio Grande do Sul, previamente selecionadas, expõem os seus modelos de fabricação.

Antes de encerrar a visita, o governador inaugurou, também o 3.º Salão de Cerâmica do Rio Grande do Sul, onde 38 autores apresentam mais de cem trabalhos.

Na sala do diretor do Museu, o sr. Sinval Guazzelli presidiu ainda a instalação do quadro com a fotografia de Ado Malagoli, fundador e 1.º diretor do Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Na saída, o governador e demais autoridades foram convidados a sua assinatura no livro de visitas, recebendo, como lembrança, uma fotogravura do prédio ocupado pelo Museu, atualmente, que serviu, desde 1813 à Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda. (Na edição de amanhã, do Caderno de Sábado, estaremos publicando matérias especiais sobre o Museu, suas atuais instalações e sua história).

MARGS já está oficialmente no prédio da Delegacia Fiscal

Diversos atos marcaram a abertura oficial do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, ontem pela tarde, no antigo prédio da Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda. O governador Sival Guazzelli e sua esposa foram recepcionados pelo diretor do MARGS, Luiz Inácio Medeiros, pelo secretário Plácido Steffen, titular da SEC, e pelo diretor do Departamento de Assuntos Culturais, Paulo Amorim.

O Governador e demais autoridades, entre elas destacando-se o desembargador Niro Teixeira de Souza, presidente do Tribunal de Justiça do Estado, e o prefeito Guilherme Socias Villela, percorreram os diversos salões onde estão expostas 620 peças de artistas estrangeiros, nacionais e gaúchos.

Houve uma apresentação do balê de Ilse Simon no salão principal, descerramento de placa alusiva e visita da I Mostra de Desenho Industrial Gaúcho, além da inauguração do 3.º Salão de Cerâmica do Rio Grande do Sul, onde 38 artistas apresentaram mais de cem trabalhos.

Na sala do diretor do Museu, Guazzelli presidiu a instalação do quadro com a fotografia de Ado Malagoli, fundador e primeiro diretor do MARGS. Ao deixarem o prédio, na Praça da Alfândega, o Governador e demais presentes foram convidados a deixar suas assinaturas no livro de visitas, recebendo, como lembrança, uma fotografia do prédio ocupado pelo Museu.



Governador presidiu a inauguração

Jornal: F.T. // 2.H.

Data: 27 / 10 / 78

Página:

Assunto: Margs - Inauguração sede

FOLHA DA MANHÃ

Cr\$ 5,00

ANO IX, PORTO ALEGRE, 27 DE OUTUBRO DE 1978 N.º 2732



Governador Guazzelli entregou novo MARGS à população

MARGS inaugurou sua nova sede

PÁGINA 41

* A inauguração do Museu de Arte do Rio Grande do, no final da tarde de ontem, contou com presença do mundo oficial e muitos convidados que foram recebidos para um brinde simples e apresentação de danças. O acervo do Palácio Piratini cedeu uma das telas de Weingartner, a obra é de 1892, para a inauguração da importante casa de cultura gaúcha. Marcada para dia 31 a inauguração da primeira mostra do Museu. Será exposto o álbum com as 18 gravuras em que Jean Baptiste Debret registra costumes de todo o sul durante sua viagem. Indígenas e primeiros colonizadores da Província de São Pedro foram retratados neste trabalho, que pela primeira vez será apresentado. 24. 27.10.78

* Na recente inauguração do MARGS, a segunda parte de "Mosaico", de Marlos Nobre, coreografado por Ilse Simon foi apresentada deixando uma excelente impressão para o público presente. Hoje às 21h, no Teatro Leopoldina, haverá a possibilidade de conhecer o número completo no espetáculo "Simon Dreher Dança", a cargo dos alunos desta escola. Do programa ainda constam os seguintes números: "Feira" (Ernesto Nazareth), também coreografado por Ilse; "Dançando" (Bee Gees), coreografia de Luciana Burgos; "Ganza" (Conjunto Azimuth) e "Máquinas" (Pink Floyd), ambos coreografados por Eneida Dreher. Os ingressos podem ser obtidos na bilheteria.

FT 7-11-78

Jornal: C. P.

Data: 28 / 10 / 78

Página:

Assunto:

O MARGS, o Japão e a Europa renascentista

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul surgiu em boa hora, nos idos de 1955, com a mostra na antiga e pioneira Galeria da Casa das Molduras e, sob a direção de seu criador Ado Malagoli, se empoleirou por quinze anos no "foyer" do Teatro São Pedro e, posteriormente, foi transferido por cinco anos para o local do Cotillon Clube, à Avenida Salgatto Filho. Sem sede própria, exíguo e com muita dificuldade, mas com a dedicação de mais de dez diretores que teve, na presente gestão de Luís Inácio Medeiros, conseguiu o ideal da sede própria, que é o edifício da Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda, o qual, construindo outra sede na Avenida Beira-Rio, por convênio, passou o mesmo a ser próprio do MARGS.

Essa sede forma casal com o edifício dos Correios e Telégrafos, como Teatro São Pedro com o incendiado edifício do Tribunal de Justiça formou outro simbólico casal arquitetônico, marcos na história de nossa cidade.

Arquitetado por Adolfo Gandalch e colaboração do escultor Alfredo Adolf e a engenharia de Rodolfo Threns, temos agora o Palácio do Fisco Federal sublimado em Palácio das Artes Plásticas, cujo cerne é o prestimoso Museu de Arte do RGS.

Com o sugestivo leilão, o MARGS pôde, com apoio institucional, inaugurar festivamente sua sede própria e definitiva, tendo adaptado o mais possível o amplo centro.

Uma grande assistência acorreu aos pregões inaugurais, lotando o saguão, os patamares, no hall central havendo a sugestão coreográfica da dança do movimento de Ilse Simon e Dreher, com dezoito intérpretes da música de Marlos Nobre, excelentemente animada sobre a rigidez dos mosaicos.

O ato inaugural teve a presença do Governador do Estado e do Prefeito Municipal e muita autoridade, representações e incontáveis artistas plásticos, esses de Fernando Corona e Antônio Carangi, aos novos, além de professores, literatos e representantes de nossa elite social e dos meios de comunicação.

O acervo do MARGS encontrou afinal espaço à altura, ocupando seletivamente o piso maior. No piso superior, encontramos o III Salão de Cerâmica do RGS, por cuja revalorização tanto batalhamos ao tempo em que os regulamentos de salões daqui e de fora exilaram a cerâmica em favor da voga exclusivista dos objetos.

É um salão que merece o relevo que teve.

Noutra ala, encontramos uma mostra de desenho industrial gaúcho.

A sede definitiva do MARGS conta com ótimas áreas espaciais para administração, cursos e departamentos e seu destino é realmente promissor.

Após a transfiguração do Museu Histórico Júlio de Castilhos e da inauguração oficial da sede própria do MARGS, ficamos na expectativa da inauguração do Centro Cultural do Projeto Renascença para breves dias e a reabertura das Pinacotecas da Prefeitura e do Museu de Arte Sacra da Catedral Metropolitana, não esquecendo o Solar Câmara, a ser devidamente restaurado. C.P. - 28.10.78 (Aldo Orsi'na)

MULHER

SUPLEMENTO DA FOLHA DA TARDE — 28 de outubro de 1978

O
margos
em
casa
nova

Páginas 2, 3, 4 e 5



PRESSÃO

Edith Hervé de Souza

Não tenho barco
e se tivesse
vozes diriam:
— O rio secou.

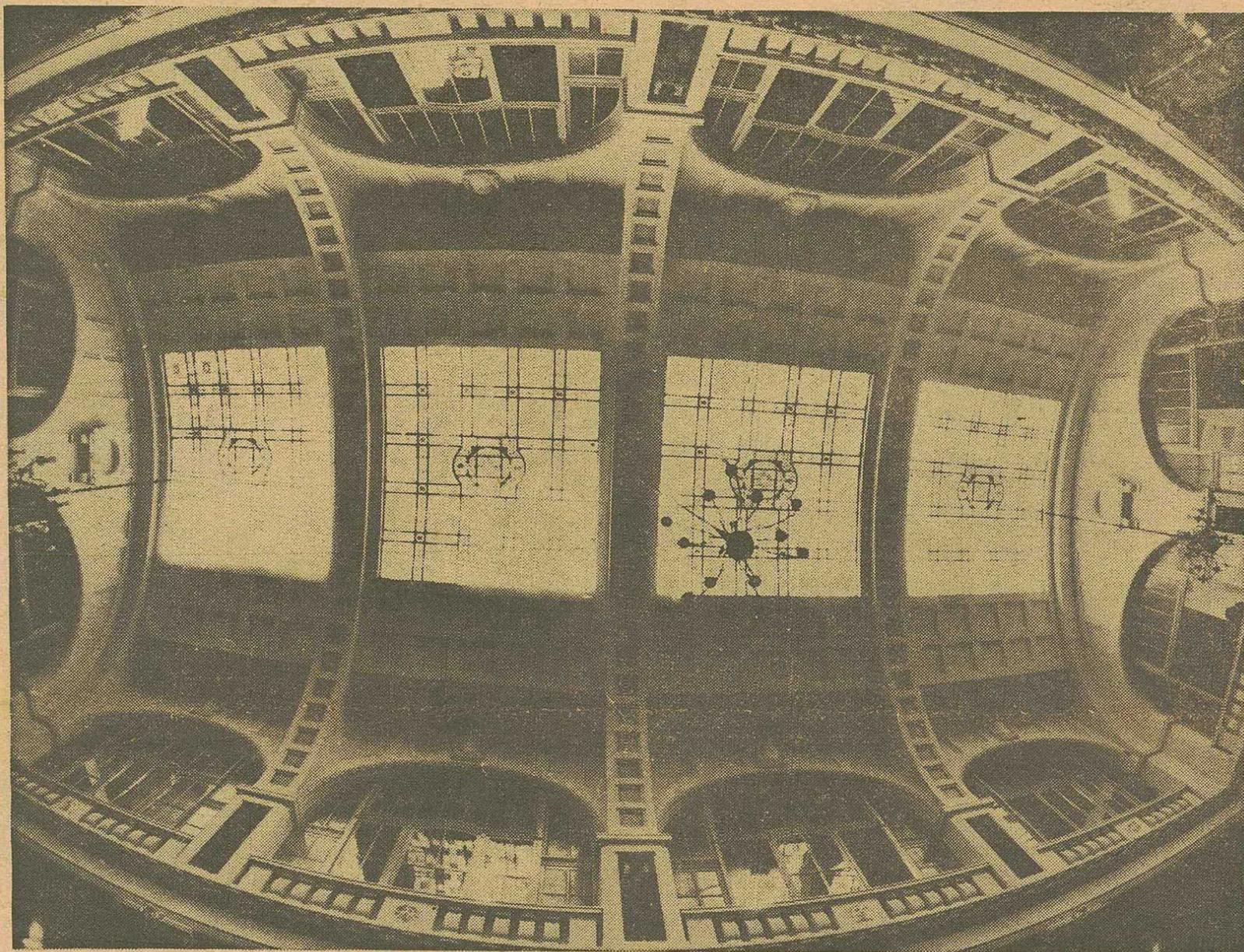
Consolação

[aterradora]

Sob os meus pés,
bem lentamente,
nafraga a terra.

Em minha mão
ainda a âncora.
Ou é a máscara?

o museu está de casa nova quatro mulheres falam sobre seu trabalho



Dos cinco núcleos de que se compõe o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, quatro são dirigidos por mulheres. Constituído como uma grande e unida família, sob as atenções carinhosas e simultaneamente decisivas de Luiz Inácio Franco Medeiros, o MARGS conta com uma equipe integrada. As mulheres que atuam em seus postos de junto com o Museu, cada chefia foram se criando qual desempenhando as mais diversas tarefas. A época era de necessidade, de fazer de tudo um pouco. À medida que o museu foi se ampliando, que as funções foram se tornando mais e mais complexas, cada uma das trabalhadoras-pioneiras foi assumindo a função mais de acordo com sua índole e suas aptidões. Assim foram nascendo os núcleos — de dentro para fora. Nesta quinta-feira, o MARGS realizou seu velho sonho: instalar-se numa sede própria, podendo, assim, oferecer com mais conforto todas as atrações culturais que um museu como o MARGS pode e deve oferecer.

núcleo administrativo

nair silva de carvalho

“Num museu, é importante saber e documentar detalhes sobre o rabo do rato que roeu a moldura do quadro”. Com esta afirmação humorística, Teniza Spinelli caracteriza o papel histórico e documental de um museu, entidade sobre a qual repousa a responsabilidade de legar, às futuras gerações, os fatos da história. Mais do que isso, contudo, o museu representa, hoje, um veículo cultural atuante, que deve sair de suas portas para procurar seu público, integrar as mais diversas manifestações artísticas e criativas do homem, e funcionar, inclusive, como incentivador de manifestações e fatos do talento humano.

Dona Nair Silva de Carvalho coordena o núcleo administrativo do MARGS desde 1973. Antes disso, era assessora técnica do Departamento de Assuntos Culturais da SEC. Durante mais de 20 anos, foi diretora de ensino médio. Assim, tanto em escola como em museu, trabalhou sempre na área administrativa.

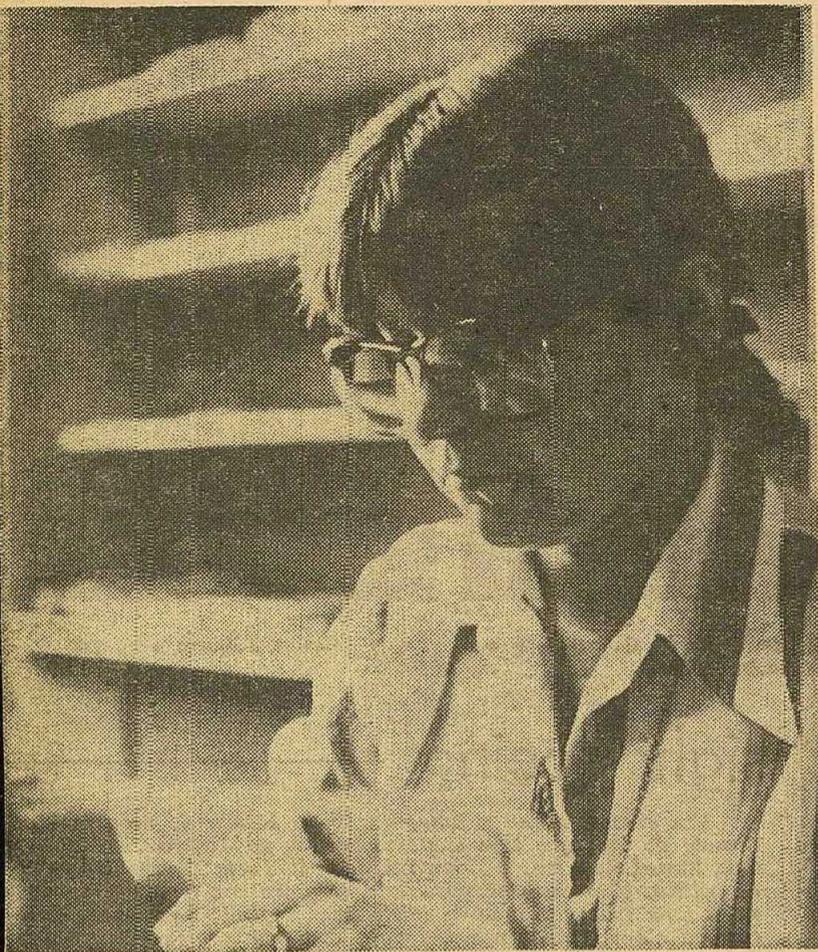
Dona Nair lembra: “Quando me convidaram, como eu não tinha experiência nenhuma em museu, pedi alguns dias para pensar. Ao fim de 15 dias de experiência, fui dar a minha resposta, evidentemente, positiva. O tempo de escola tinha sido muito produtivo, mas também muito desgastante. Desde que entrei para o museu, adorei esse trabalho”.

Cabe ao núcleo administrativo a função de coordenar o pessoal, o material, as finanças e os serviços gerais. No setor pessoal, incluem-se todos os assuntos relativos aos 40 funcionários atualmente em serviço no museu. Tanto o material permanente como o material de consumo passam pelo núcleo de dona Nair, a quem cabe, também, a incumbência de receber as verbas e fazer a devida prestação de contas. Outra das tarefas é dar conta de toda a correspondência, que entra e sai sempre através do Núcleo administrativo, de acordo com a direção do Museu.

Dona Nair acrescenta: “Sinto neste setor uma responsabilidade enorme, pois é através dele que tudo entra e tudo sai do Museu, para chegar aos diversos núcleos. Também cabe a nós providenciar na conservação dos reparos do prédio. Quanto às dificuldades, um dos problemas sérios que enfrentei foi a mudança de diretores. Desde que entrei para cá, já tivemos sete diretores, cada qual com seu próprio método e orientação de trabalho. Essa descontinuidade que sofremos trouxe uma série de dificuldades, que hoje já vencemos”.



Nair Silva de Carvalho



Teniza de Freitas Spinelli

núcleo de acervo ruth blank

Dirigido por Ruth Blank, o núcleo de acervo é a quem cabe a coleta, classificação, catalogação e preservação, conservação e eventual restauração das obras de arte do museu.

"Sempre fui e continuo sendo professora de artes, e foi esse sentido educativo da coisa que me trouxe ao Museu. Isso foi em 1973. Sempre senti que, como instituição a serviço da comunidade, o museu era um riquíssimo recurso didático para os professores. Aqui, como somos professoras, e não técnicas em museologia, o que tentamos sempre é vencer as dificuldades técnicas. Um museu é uma escola viva de arte, e por isso estamos, agora orientando a exposição do nosso acervo segundo um critério didático. Nossas pesquisas mostram que 75 por cento do nosso público é constituído por estudantes de 1.º e 2.º grau. A escola superior representa apenas 5 por cento dos nossos "clientes". O que pretendemos é formar um público para a arte gaúcha".

Por conhecer o tipo de público que prioritariamente visita o museu é que o núcleo de acervo implantou agora, na nova sede da Delegacia Fiscal, um grupo de monitores pedagógicos, todos estudantes de artes plásticas, que orienta-

rão as visitas fornecendo as devidas explicações.

Para atender a tão múltiplas e complexas funções, divide-se o núcleo de acervo em quatro grupos, todos sob a orientação direta de Dona Ruth: **grupo de exposições** — dentro da sede é incumbido de fazer a rotação do acervo, e promover mostras comemorativas, mostras itinerantes e mostras permanentes, bem como avaliar o aproveitamento das visitas; **grupo de tomba e documentação de obras** — faz o inventário das obras pertinentes ao acervo, alerta para eventuais aquisições que se façam necessárias para a complementação do acervo, e organiza o importantíssimo fichário com fotografia, descrição minuciosa, exposições das quais já tenha participado a obra, premiações, se já sofreu restauração, enfim, um histórico completo dos caminhos da obra. Um tombo dois, adianta Dona Ruth, está sendo organizado e transferido para outro local, por questões de segurança; **preservação, conservação, restauro e depósito de obras de arte** — é o grupo que se ocupa da conservação das obras; **monitores pedagógicos** — um orientador e três estagiárias, todas professoras de arte licenciadas, se ocuparão do atendimento didático-pedagógico aos estudantes, nivelando o interesse do professor e a capacidade de absorção da criança.

núcleo de extensão teniza de freitas spinelli

Teniza de Freitas Spinelli é uma entusiasta por tudo que faz. Adora o museu, adora o jornalismo, adora a equipe que com ela luta pela emancipação do museu e o desempenho, o mais perfeito possível, das altas funções que lhe cabem como órgão público. Preocupada com tudo que diz respeito à museologia em particular, e arte de modo geral, ela entrou para o MARGS em 1973, quando ele ainda funcionava nos altos do Teatro São Pedro. Formada em Letras, ela elecionava português e inglês, mas sempre que lhe permitia o tempo metia-se em teatro, artes plásticas, cinema, tudo que de uma maneira ou outra dissesse respeito à cultura. Fazia cenários e figurinos para espetáculos de dança, e foi justamente numa dessas ocasiões que conheceu Antonietta Barone, então diretora do DAC, responsável pelo Museu. Nas visitas que fez às bienais, conheceu Armando Almeida, diretor do museu naquela época.

"Minha vinda não foi algo gratuito", explica ela. "Era uma oportunidade de viver crítica, teatro, cinema, num trabalho de bastidores que a mim muito interessava. O objetivo de um museu é ser a memória das artes plásticas no local onde está inserido, e funcionar como catalizador das sensibilidades. Comecei fazendo trabalhos gerais, correspondência, traduções. Ajudei em trabalhos administrativos, e tive oportunidade de conhecer de perto, todo o acervo. Transei todas as exposições temporárias de 73 para cá, aprendi uma série de pequenas atividades que hoje são importantes para conhecer o mecanismo de um museu como o MARGS. A peculiaridade é que nós nascemos junto com a coisa, ajudamos a organizar, trabalhamos para que a coisa desabrochasse."

Um marco fundamental para Teniza Spinelli foi a participação nos Seminários de Museologia acontecidos em Bagé, em 75 e 77 respectivamente, onde ela pôde ver o que é um trabalho científico em museologia, e associar-se ao Conselho Internacional de Museus, cuja sede para a América Latina encontra-se no Rio. A partir disso, começou a trocar correspondên-

cia, receber material e aprender o que é um trabalho técnico nesse sentido atual de museus.

As atribuições do núcleo de extensão incluem a promoção de cursos, palestras, conferências, encontros, seminários, integração das artes plásticas com outras atividades artísticas como a música o balé, cinema e todas as demais facetas da cultura. Segundo Teniza Spinelli, a função do núcleo de extensão é fazer a ligação do museu com a comunidade, transformando o museu não apenas numa sede, mas num programa cultural, buscando o público onde ele estiver.

"No início, nós tínhamos dois objetivos: um era manter o público que nos freqüentava, constituído de estudantes, professores, intelectuais e artistas. O outro era criar um público novo, deselitizando as artes, e buscando aquelas pessoas que costumemente não freqüentam um museu. As pesquisas mostraram que muita gente nem conhecia o museu. Agora, tendo uma sede, essa tarefa já será bem mais fácil, pois a partir do local apropriado e da formação de uma equipe, teremos melhores condições de trabalho. Ainda assim, não pensamos em ficar aqui encastelados esperando as pessoas. Temos que fazer lá fora um trabalho de divulgação, através da imprensa, da saída do museu às ruas, e de contatos."

Empolgada com essa faceta do núcleo que coordena, Teniza relata as atividades desenvolvidas durante 1978: palestras de Francisco Bittencourt, Danúbio Gonçalves, Carlos von Schmidt e de Vahdat; Seminário de Museologia — preservação e segurança de museus; curso de história da arte no Brasil, por Scarinci; curso de desenvolvimento das artes gráficas, por Maria Inês Kliemann; curso de tapeçaria por Carla Obino, atualmente em desenvolvimento; concurso de monografias sobre o artista plástico rio-grandense, atualmente em fase de julgamento; encontros de artistas plásticos com estudantes, com o apoio da 1.ª Delegacia de Educação; encontros de criatividade no Hospital Psiquiátrico São Pedro e no Presídio Central, e a já vitorioso promoção "O Museu vai à Indústria", que com o apoio do SESI já visitou, no corrente ano, cinco empresas.



Magdalena Lutzemberger

núcleo de documentação e pesquisa magdalena lutzemberger

Magdalena Lutzemberger, uma mulher alta e de grandes olhos azuis, ar firme e decidido de quem está acostumada a lutar, é a coordenadora do Núcleo de Documentação e Pesquisa. Desde novembro de 74 está no Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Ela lembra sobre essa época:

"No início, não havia núcleos específicos para cada tarefa. Cada uma de nós fazia de tudo. Os núcleos foram se definindo a partir das próprias necessidades, foram crescendo de dentro para fora, e cada uma de nós foi, espontaneamente, se dirigindo para uma ou outra tarefa, de acordo com

aptidões pessoais. Nós não tínhamos funções específicas. Como eu tinha tido a experiência de dirigir durante nove anos a Revista do Ensino fui me encaminhando automaticamente para a parte do Boletim, trabalhando junto às gráficas. Aos poucos, foi havendo uma evolução natural. Não acho meu trabalho monótono, pois oferece muitas condições de criatividade. O que nós fazemos é um trabalho de complementação, de apoio aos outros núcleos".

Na realidade, a função primordial do núcleo de documentação e pesquisa é servir como memória das artes plásticas no esta-

do, fazendo pesquisas e atendendo às escolas, levantando informações e dados sobre a arte e os artistas. Dentre as atividades desenvolvidas pelo núcleo, nesse sentido, está a formação da biblioteca, preparação dos currículos e arquivo dos artistas plásticos, documentação fotográfica, elaboração de audiovisuais, publicação de cartazes e catálogos, e a edição do Boletim Informativo do MARGS.

Cinco grupos desempenham essas funções tão diversificadas: documentação, pesquisa, publicações, planejamento gráfico e audiovisual.

Paralelamente às suas funções no

MARGS, Magdalena Lutzemberger é professora de Técnicas Industriais no Instituto de Artes da UFRGS. Antigamente, quando ainda tinha tempo, fazia as célebres vitrines da Casa das Canetas. Ela sabe que o objetivo de reunir a memória das artes plásticas gaúchas é extremamente ousado, pela complexidade das exigências. Mas sabe, também, que com uma assessoria mais eficiente, e com as vantagens que a nova sede oportuniza, terá melhores condições de desenvolver suas metas. O laboratório fotográfico a ser instalado nos próximos dias, e o serviço de serigrafia terão papel relevante nesse sentido.

Quando morre nos Estados Unidos um ídolo da música popular a hipótese de suicídio raramente está ausente, mesmo quando as causas da morte são claramente conhecidas. Assim foi com Elvis Presley, rodeado sempre de circunstâncias estranhas, com suas roupas lantejouladas reverberando à luz do **spot-light**. Entre as razões de seu sucesso, estava a qualidade e beleza da voz que — não fossem os recintos imensos e abertos nos quais se apresentava — era das poucas, entre os cantores populares, que poderiam dispensar os amplificadores e, conseqüentemente, o microfone individual que já passou a integrar o instrumental dos **shows** como ingrediente obrigatório na composição da figura dos vocalistas que o carregam numa das mãos há poucos centímetros da boca em suas circunvoluções pelo palco. Por um lado a má acústica das salas e, por outro, a precariedade vocal dos cantores são a justificativa desse aparato que, pensando bem, guarda estreita relação com um artefato de exigênio, quando o aparelho respiratório não dá conta do recado. É assim. Elvis era um caso a parte com sua voz cheia e de timbre aveludado.

Ele explodiu na década de 50, eletrizando a mocidade do mundo inteiro que esperando por algo que não acontece, prefere o choque ao mistério, a excitação do corpo ao estímulo da imaginação. E aqui se abrem dois mundos diversos. O primeiro é povoado pela mocidade de hoje, numa civilização sem perspectivas e que escapa ao controle dos americanos, mas que nasceu lá e reside lá. Elvis Presley ontem, Jimmy Hendrix que seria o presente se não tivesse submergido no caos como um astronauta que se desagraja no espaço ou então como quem persegue as sensações raras numa viagem cujo destino é o abismo. Janis Joplin e outros mitos que ainda não atravessaram a fronteira que separa a realidade do êxtase — invadindo o espaço cósmico; eles mobilizam a energia passiva do espectador. E quando morrem, no exercício pleno da autodestruição, as manifestações do público se desencadeiam como parte do **show** que ficou em suspense. O frenesi continua.

Mas se o astro é alguém como Jacques Brel, a morte interrompe a cadência obsessiva que uniformiza o ritmo e liberta a canção. Há dez anos ele já não cantava mais. E todos sabiam que estava condenado pela enfermidade que acabou por matá-lo — neste outubro — aos 49 anos.

Seu último disco, lançado ano passado, reestabeleceu o vínculo do amor que ele dizia sentir por seu público — do qual queria ser o intérprete das emoções mais recônditas.

Uma ilha, um iate, um cavalo, foram os instrumentos de sua evasão quando a voz foi silenciada pela doença incurável. Um aventureiro sim, mas da aventura comprometida com a descoberta. Seu desejo de solidão se define numa frase: «Aqui eu procurei o exílio e encontrei o paraíso». Referia-se ao iate que ele chamou **L'Askoy**, no qual navegou entre Tahiti e Toumotou — ganhando depois o Pacífico e finalmente ancorando na ilha d'Hiva-Oa, quase inabitada e ainda «não corrompida pela civilização» — disse o cantor que está agora, próximo a Gogain.

Belga de nascimento, francês por adoção, Jacques Brel é o símbolo do romantismo em seu estado mais puro. A busca de algo indefinido, a identificação com o enigma e o convívio com o mistério, tecem o idioma desse trovador que acordava nas multidões a diferenciação do indivíduo, a identidade esquecida e a consciência do existir. Tudo ao contrário da violência que arrebenta os tímpanos, para contar um segredo suavemente e que — com os intérpretes da música pop — ficaria estrangulado nas cordas da guitarra elétrica.



Luiz Inácio Franco de Medeiros, Dona Ecléa Guazzelli e o Prefeito Guilherme Socias Villela



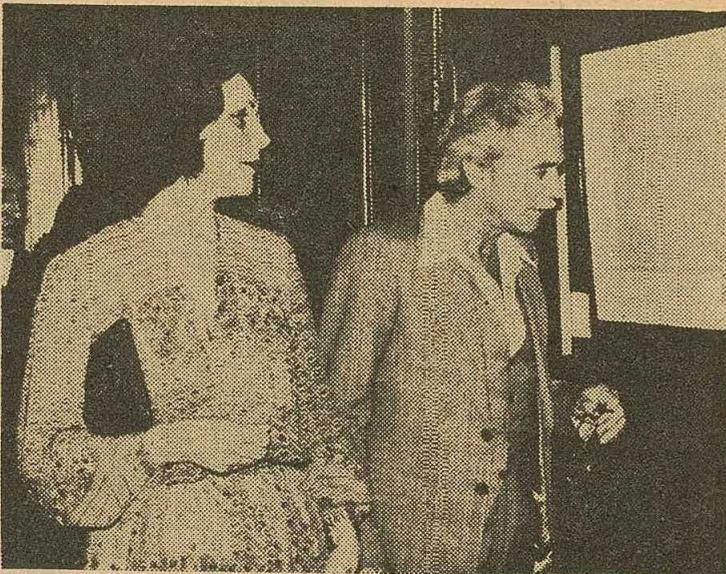
Carlos Alberto Allgayer



Glorinha Miranda Corbetta e Ilca Nunes Vieira Babot Miranda

sight seeing

Um sucesso pleno a inauguração do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, que teve como padrinhos ao Governador do Estado Sinval Guazzelli e Dona Ecléa. Todo Porto Alegre presente, da política para as artes, sociedade, jornalismo e muita gente notícia. Luiz Inácio Franco de Medeiros não podia estar mais contente e ele tem toda a razão pois, com sua esplêndida equipe, soube trabalhar para realizar essa obra, que nos tira um pouco de Porto Alegre, lembrando os museus europeus. Um belo edifício, um prédio nobre, bem adaptado para exibir arte. E, na tarde, foi posto em exibição o acervo, inaugurada a mosira de desenho industrial e o III Salão de Cerâmica. Além disso a apresentação do Ballet de Ilse Simon. É difícil dizer quem estava, pois além das fotos, haviam nomes e mais nomes importantes. Eis parte do "cast": o Secretário Romeo Ramos, o Cônsul da França, Louis Pannier, Rolf Zelmanowicz, o pintor e sra. Ado Malagoli, a escultora Rose Lutzemberger, o pintor Paulo Porcela, Isolda Paes, Maria Alaide da Cunha Poli Maricota Kroeff Corbetta, José Danion e Duse de Oliveira, a bonita Ione Carvalho Medeiros (de rosa), Alberto Hofmeister, a tapeceira Carla Diehl Obino, a pintora Ilsa Monteiro, a escultora Miriam Obino, Freddy e Marlene Wiedenmeyer e o crítico Cláudio Heemann.



Will e Beto Torres



Maria Luísa Fleck Saibro (das mais elegantes)



Maria Marques



Léa Guarisse



O Cônsul de Portugal Fernando de Castro Brandão



Paulo Frederico Scherer e o pintor italiano Roberto Boca

Uma Longa Luta de Afirmação

Luis Inácio Medeiros

A função tradicional do Museu, desde a Revolução Francesa, foi a democratização da cultura, pela preservação e abertura a todos de coleções que são a memória da civilização. Os poucos objetos que restam de um período histórico, não mais do que meio por cento, segundo recente estudo da Unesco, são assim salvas da destruição, para que o homem saiba de suas origens e possa prosseguir seu processo civilizatório e educativo. Sobretudo, num país como o nosso de história curta, a cultura tende a viver do futuro, mas o conhecimento das origens é importante para que o crescimento seja sólido.

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul recebe nesta semana sua sede

definitiva e para ser o maior Museu do Estado.

Foi uma longa luta de afirmação, onde o trabalho de todos criou o respeito que hoje o cerca. Nesse período, o conceito de Museu evoluiu e novas funções lhe foram confiadas. No mundo, inteiro. Igualmente aqui ele passa a ser um centro cultural, com atividades que não têm a ver diretamente com a preservação, seu objetivo primeiro. Assim, inúmeras atividades passam a ser coordenadas pelo Museu.

Ao assumirmos em 75 a direção três objetivos fixaram a ação: a estruturação interna, a integração comunitária e a obtenção da nova sede. Desde sua criação os locais provisórios, madequados e quase sem nenhuma

condição, a não ser o carinho e a luta de seus dirigentes e funcionários, limitaram a atuação da instituição. Um decreto do presidente Emílio Garrastazu Médici, já no final de seu governo, cedia o prédio para o Museu. Esse decreto fixava o prazo de dois anos para sua execução e, quando assumimos, esse período já transcorrera. Graças à compreensão do Delegado do Ministério da Fazenda, Carlos Alberto Peracchi Barcellos e do Delegado do Serviço do Patrimônio da União, Carlos Alberto Morganti, que bem compreenderam as razões apresentadas, o processo foi resolvido. Algumas exposições foram já aqui realizadas com a paulatina ocupação do prédio. Especialmente ao senhor Carlos Alberto Peracchi Barcellos deve a comunidade rio-grandense também a cessão de mobiliário para o Museu.

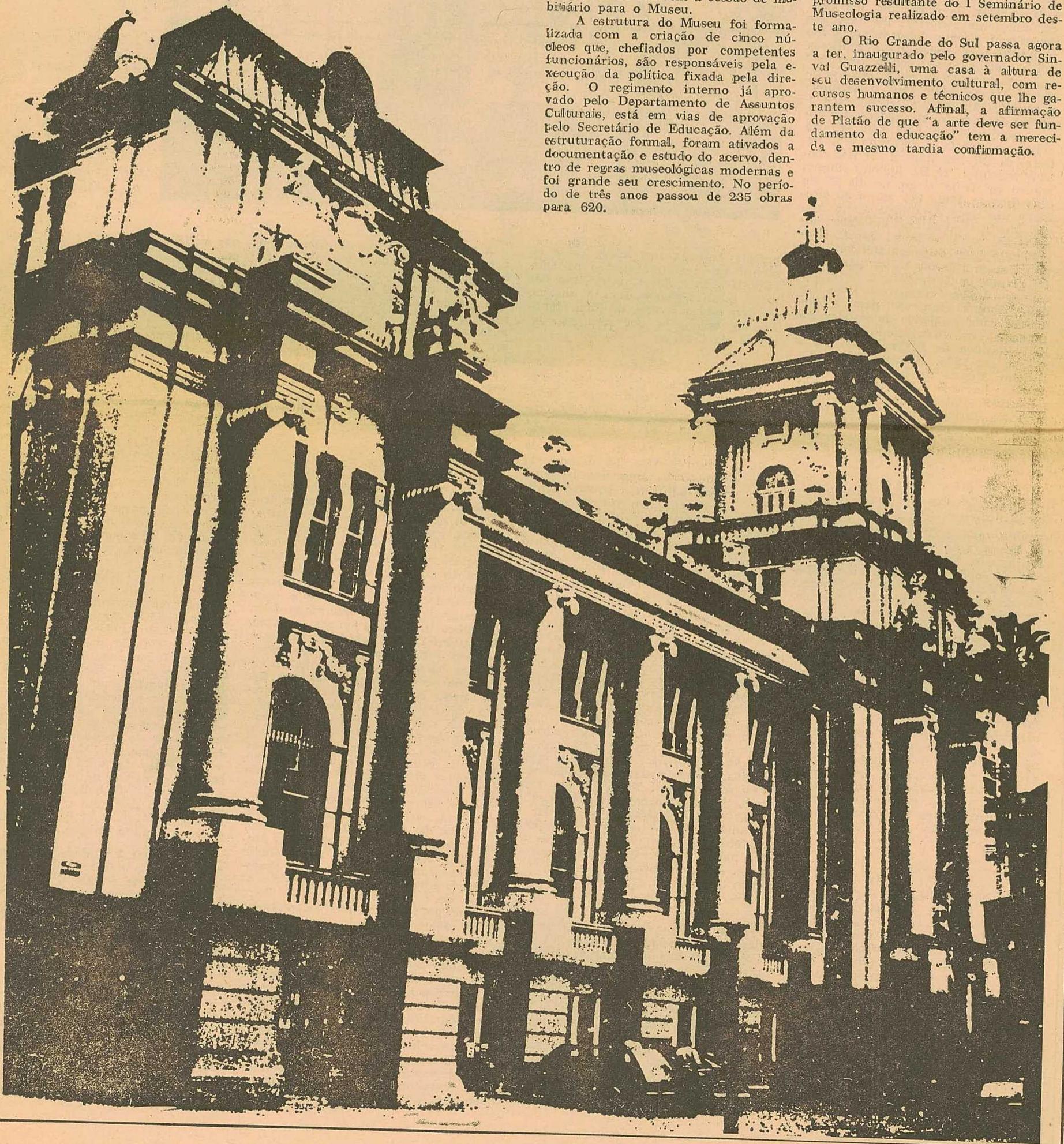
A estrutura do Museu foi formalizada com a criação de cinco núcleos que, chefiados por competentes funcionários, são responsáveis pela execução da política fixada pela direção. O regimento interno já aprovado pelo Departamento de Assuntos Culturais, está em vias de aprovação pelo Secretário de Educação. Além da estruturação formal, foram ativados a documentação e estudo do acervo, dentro de regras museológicas modernas e foi grande seu crescimento. No período de três anos passou de 235 obras para 620.

O Museu, órgão público, sustentado pela comunidade, deve para ela estar voltado. Essa integração é o terceiro ponto da política administrativa, que mereceu o apoio da direção do

DAC, Paulo Amorim, que não tem faltado com seu apoio e incentivo. Assim edita hoje o MARGS um boletim, realiza cursos, promove seminários, faz sessões de cinema, atua em áreas carentes, como Hospital São Pedro e Penitenciária, e leva ao interior do Estado exposições de arte. Transformou-se realmente num centro cultural, numa casa aberta para informar e cooperar no processo cultural gaúcho.

Mais recentemente, inclusive, passa a atuar na preservação do que existe de arte fora de suas coleções, no meio ambiente urbano e rural, compromisso resultante do I Seminário de Museologia realizado em setembro deste ano.

O Rio Grande do Sul passa agora a ter, inaugurado pelo governador Sivaldo Guazzelli, uma casa à altura de seu desenvolvimento cultural, com recursos humanos e técnicos que lhe garantem sucesso. Afinal, a afirmação de Platão de que "a arte deve ser fundamento da educação" tem a merecida e mesmo tardia confirmação.



Destino Feliz

Fernando Corona

Na primeira década do nosso século, a cidade açoriana, um tanto limitada e estrangulada ante a falta de planície no centro urbano, começou a ter aspecto de metrópole com o aterro da enorme área conquistada ao rio Guaíba. Antes, em grande parte, as águas margina-vam a rua 7 de Setembro na Praça da Alfândega. O limite seria a longa amurada do cais do porto. Só assim foi possível o traçado das grandes avenidas e a preservação de áreas para a construção dos edifícios públicos.

Um mágico engenheiro seria o construtor de dois primeiros prédios, aliás monumentais, a mudarem a fisionomia da velha, não tão velha cidade açoriana.

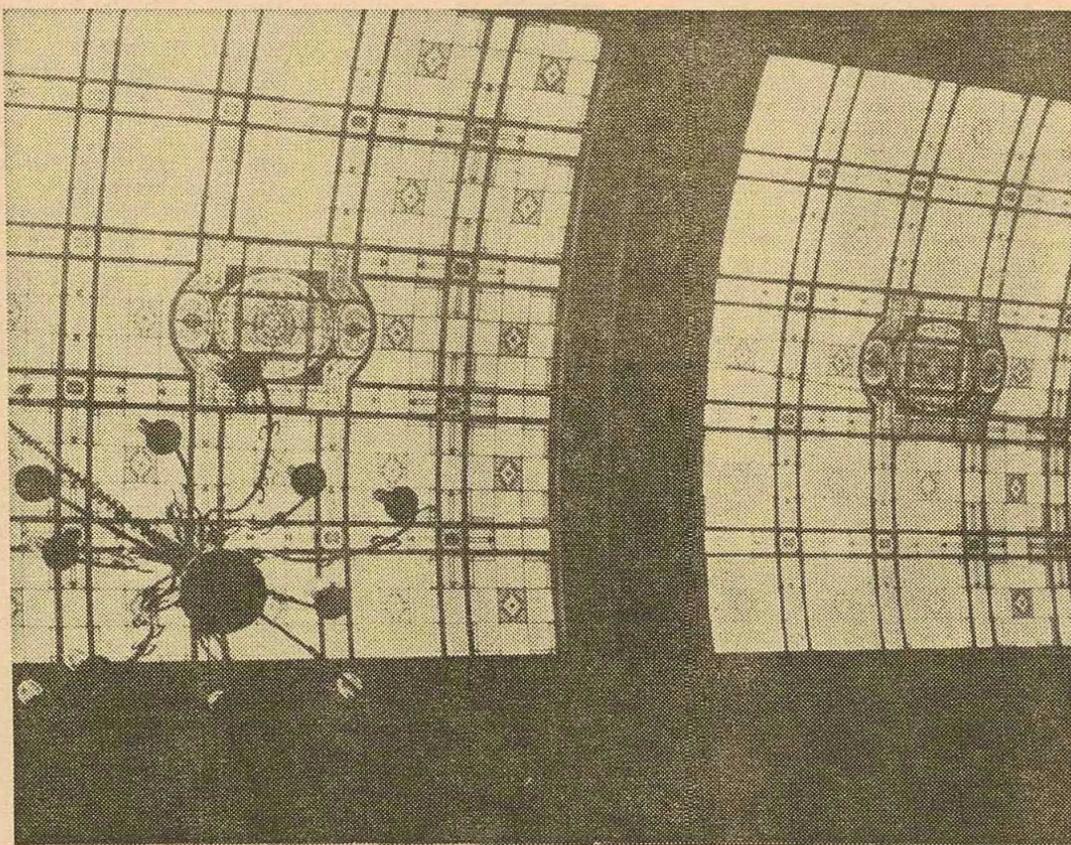
Mas, antes de prosseguir, me parece importante esclarecer um princípio de origem onde o homem preparado manifesta sua competência profissional e o amor ao seu sonho. Neste caso e nessa época de quase duas décadas, o nosso homem seria o engenheiro Rodolfo Ahrons. Guardo em meu arquivado arquivo sua biografia escrita e publicada em 1941 pelo seu ex-aluno na Escola de Engenharia, Dr. Oscar de Oliveira Ramos. Ele nos conta o seguinte: "O Dr. Rodolfo Ahrons nasceu em Porto Alegre no dia 27 de dezembro de 1869. Foi aluno do eminente professor Apolinário Porto Alegre, diretor do Instituto Brasileiro, ingressando mais tarde na Escola Normal para fazer os preparatórios. A seguir, cursou a Escola Militar para prestar exames de Agrimensura. Agraciado com seu diploma técnico em 1889, Rodolfo Ahrons embarcou para a Alemanha com o objetivo de estudar engenharia civil. Matriculou-se na Escola Politécnica de Berlim, onde diplomou-se em 1895. Naquela Politécnica Rodolfo Ahrons recebeu a primeira medalha havendo sido convidado pelo respectivo Ministro de Berlim para professor da cadeira de Grafostática. Não aceitou porque queria voltar à sua Pátria". Eis as credenciais básicas do mágico engenheiro.

xXx

Ainda em 1912, esteiras das águas do rio marginavam a rua 7 de Setembro, onde o Clube de Regatas Porto Alegre, construído em madeira, ali continuava. Naquele mesmo ano, um incêndio o destruiu. Ficava no alinhamento da rua ao lado do antigo prédio do Banco Nacional do Comércio. Do lado oposto do grande largo, à esquerda, onde hoje se encontra o Banco do Rio Grande do Sul, existia o velho pardião da Alfândega. Para o alinhamento dos novos edifícios públicos a serem construídos sobre o aterro, alguém de vistas largas, não sei quem, criou o grande recuo que forma a Praça Rio Branco, agora incorporada à Praça da Alfândega, idéia, aliás felicíssima. Com o afastamento dos prédios do alinhamento da rua 7, a perspectiva iria proporcionar, na distância, a visão mais perfeita dos edifícios isolados, princípio de aspecto monumental para as grandes metrópoles. Amplitude visual com espaços verdes.

xXx

O primeiro edifício a ser construído sobre os aterros, no fim da primeira ou início da segunda década do nosso século, foi o imponente "Correios e Telégrafos", projeto em barroco-tardio do arquiteto Theo Wiederspahn, a serviço do Dr. Ahrons. Procedente da Alemanha, aqui chegara em 1908. A escultura ainda era ligada à arquitetura. Coroa o frontispício dos "Correios", um audacioso "Atlas" da autoria do escultor austríaco Folberger. Conheci-o pessoalmente e ainda conservo uma foto do mestre ante uma de suas obras. O grande escudo do Brasil, ainda no frontispício, foi esculpido na também, a maioria dos ornatos das fa-



Os vitrais da clarabóia que dá luz ao salão principal datam da construção do prédio

própria fachada com areia, cal e cimento pelo escultor alemão de Düsseldorf, Franz Radermacher, um dos meus mestres. São de sua autoria, chadas, exceto alguns, de fácil identificação, esculpidos por meu pai, Jesus Maria Corona.

xXx

Com a abertura da avenida Sepúlveda, vertical ao rio, uma área de aterro semelhante à dos "Correios", ficou disponível para a construção da Delegacia Fiscal. Obra construída também por Rodolfo Ahrons, o autor do projeto a seu serviço, foi o arquiteto alemão Adolfo Gundlag. Era essencial que ambos edifícios fizessem "pendant" ou simetria em seu volume geral, embora em estilos diferentes. Sua característica seriam as cúpulas mais altas, localizadas sobre o alinhamento da avenida Sepúlveda. Realmente, esse conjunto monumental, caracterizava em Porto Alegre um momento de sua evolução transformadora. São relíquias de um passado recente que devem ser conservadas com muito amor. Era uma característica dos arquitetos alemães de princípio de século, buscar no barroco-tardio ou no neo-clássico, uma forma de combater o "art-nouveau" ou "macarrônico" como eles o apelidaram. Acontece que a arte nova não tinha base geométrica, era inspirado na flora natural, quando em arquitetura tudo deve ser estilizado. A reação foi positiva, embora um tanto ilógica, pois os estilos antigos não devem ser copiados. Na Alemanha, cansada de copiar o passado, apareceu o genial Walter Gropius ao criar o "Bauhaus" em Weimar, e a arquitetura foi salva. A arquitetura, como as artes plásticas devem ser contemporâneas. Ai temos dois gênios que se chamam Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

xXx

Agora, após tantos serviços prestados à comunidade, o magnífico edifício da Delegacia Fiscal se transforma em Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Destino feliz, digo eu. Alguém perguntará: por que destino feliz? Por muitas razões. No meu entender não há em Porto Alegre, por muito que se procure, um edifício público tão adequado para a instalação permanente de um Museu de Arte como o da antiga Delegacia. Parece até que seu interior foi projetado para esse nobre destino.

A exposição de obras de arte de seu acervo a crescer cada dia poderá ficar permanente para a visitação pública. Os colegiais com seus mestres irão frequentá-lo para acostumar-se a sentir e amar as artes visuais e seus autores. Felizmente poderá ser um Museu vivo com aulas livres, sala de conferências, projeções, biblioteca, oficina de restauração, laboratório, salas para exposições individuais ou coletivas, bar para repouso, administração bem instalada, tanta coisa mais que não me ocorre, e uma perfeita instalação com aparelhos contra incêndios.

xXx

O arquiteto Adolfo Gundlag (bem o conheci, pois ele foi um dos meus professores de arquitetura) ao projetar edifícios, proporcionava o espaço interno com vistas ao futuro. No caso da Delegacia, por ser destinado à administração pública, muito bem está justificado aquele princípio. Nunca ficou superlotado de funcionários e o grande vestíbulo acolheu com muita folga o público interessado em ser atendido. As quatro fachadas são harmoniosas em seu estilo neoclássico que precedeu ao barroco. Poder-se-ia denominá-lo como neo-renascentista alemão. Cada país, em cada época interpretou os estilos com expressão diferente. Nas artes, a Renascença foi calma na forma pela sua austeridade e simplicidade. Seria curioso constatar que sua estrutura não é de concreto armado. O sistema estrutural usado pelo engenheiro Rodolfo Ahrons era o uso de colunas e vigas de ferro duplo T ou outras em forma de U, revestidas de cimento e areia grossa, com acabamento de massa fina. Ainda não era usado em Porto Alegre o sistema Monier, francês, com vergalhões laminados e armados, mais o concreto de cimento e pedregulho. Pena é que as fachadas estejam pintadas com vários tons de gris, idéia triste para edifícios clássicos. A pintura original, tanto dos Correios e Telégrafos como a da Delegacia Fiscal era de um cinza claro pintado ainda quando o revestimento do reboco estava para secar. Este sistema tinha importância pela durabilidade. Uma coluna é composta de base, fuste e capitel, conjunto de unidade arquitetônica inseparável. Molduras, como por exemplo, o entablamento sobre as colunas, é também uma unidade a harmonizar o conjunto, e não devem ser deturpadas

por variadas tonalidades. Se agora, por acaso, tiverem que pintar as fachadas, façam-no como era a cor original do prédio. Já que tanto se fala agora em preservar a tradição, nada seria mais justo do que pensar em passado. Só o estilo barroco, herdado dos portugueses, especificamente nas Minas Gerais, é onde as lindas Igrejas tem fundo branco de cal e molduras e ornatos em pedra-sabão. Há em Porto Alegre péssimos exemplos produto da ignorância. Verdadeiras caricaturas de quem desconhece o problema. Ai estão, que não me deixam mentir, o magnífico Paço dos Açorianos, em neo-barroco italiano inspirado em Vignola, o Mercado Público, a Faculdade de Medicina com projeto de Theo Wiederspahn, deturpados no frontispício com elementos rococó, obra terminada por outros, e tantos outros que andam por aí como se arquitetura fosse quinquilhata.

xXx

Parece-me importante ressaltar no belo edifício da antiga Delegacia Fiscal, a existência da escultura decorativa e estatutária nas fachadas e no interior. Todas elas são da autoria do grande escultor Alfred Adloff, alemão de Düsseldorf. Também esculpiu, em baixo relevo, o medalhão em bronze do Ministro Rivadávia Corrêa, que ordenara a construção do edifício. Adloff foi o autor do monumento ao Barão de Rio Branco, da "Mulher do Cantaro" na Praça da Alfândega, da herma ao Professor Apolinário Porto Alegre e muito mais. Trabalhamos juntos na decoração a gesso em estilo Luiz XVI na ala residencial do Palácio Piratini e éramos muito amigos.

É por amor à verdade que digo no princípio, um destino feliz. Agora, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul está definitivamente instalado num dos mais belos edifícios da cidade, que, com sua nova fisionomia, um dia pretérito transformaram a linda cidade açoriana em grande metrópole.

Aproveito a oportunidade para fazer uma confissão: possuo dois ótimos quadros do nosso pintor, já falecido, José de Francesco. "Procissão do Encontro" e "Ciranda ao Luar", assim como a "Máscara de Beethoven" da minha autoria, em cerâmica esmaltada sobre chapa de mármore branco, obras destinadas em testamento para o Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

O MARGS em Nova Casa

Guilhermino Cesar

A criação do "Centro Cultural", em Porto Alegre, começa bem. Ao contrário do antigo costume, não foi preciso baixar lei, ou leis, para tornar efetiva essa aspiração de um grupo de artistas, escritores e professores, entre os quais devo incluir, para ser justo, o nome de um morto: Paulo de Tarso da Rocha. Meu colega no Conselho de Cultura, na administração Mauro Rodrigues, nunca vi ninguém falar com tanto entusiasmo, quanto ele, da possibilidade de se concentrar na Praça da Alfândega e cercanias, os vários organismos da administração estadual que servem à difusão da cultura nesta cidade.

A centralização, no caso, será benéfica a todos. O presidente Giscard, nosso hóspede de outro dia, fez coisa idêntica. Paris deve-lhe hoje uma entidade do gênero, à qual se descortina uma atuação fecunda. Praza aos deuses do Olimpo, e da burocracia triunfante em nossa terra, que os enredos da politiquice e da insensibilidade artística não venham perturbar aqui o trabalho ora em começo. O Estado e a Prefeitura se esforçam hoje, eficientemente, nesse sentido. Seria omissão grave, da nossa parte, deixar de louvá-los por isso. Temos compromissos com a nossa gente, com a necessidade de prover, longe e acima das parcialidades políticas, à fome de cultura das classes menos favorecidas. E serão estas, afinal, as grandes beneficiárias de uma iniciativa desse porte. Não posso citar agora os nomes de todos os que se empenham para tanto; o futuro lhes fará justiça.

Quero, porém, dizer uma palavra bem ao pé do ouvido do Dr. Luís Inácio Medeiros, atual diretor do Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Sua repartição está em festas, e com razão. Graças aos felizes entendimentos do governo do Estado com o da União, o prédio da velha Delegacia Fiscal foi cedido ao primeiro, com o objetivo de ali se abrigar o referido museu. Não há palmas bastantes para celebrar o acontecido. Numa casa tradicional, construída à moda antiga, — isto é, com os pés rijamente fincados no chão, estilo aceitável e claridade suficiente para se distinguir, à tardinha, uma lebre de um gato pardo, — o acervo artístico do MARGS — que se achava num edifício da avenida Salgado Filho, em local impróprio, — terá doravante uma apresentação, uma arranjo capaz de valorizá-lo. Sinto não ser pintor para pendurar também ali, nestes dias de festa, um quadro, coisa que na parede doesse bem nos olhos de todos, como dói na gente o poema de Drummond sobre Itabira.

Mas posso, se Deus me ajuda, colocar ali outra coisa, com a sugestão que vou fazer. Ou seja: por que não se reúnem logo, no Museu, vários quadros de Araújo Porto Alegre, o pai da pintura brasileira? Quem diz pintura

romântica, no Brasil, como que diz: — nascimento da pintura. Pois, em verdade salvo o alvo de estrangeiros que nos visitaram até fins do século XVIII, muito pouco nos ficou do passado, antes do aparecimento do Barão de Santo Ângelo. Discípulo de Debret, de Taunay e de David esse rio-pardense foi também um precursor da poesia romântica. Atuou longamente em favor da arte brasileira, fez esculturas, desenhos, panos de boca para teatros; cunhou medalhas, pintou a óleo inúmeros quadros; escreveu as *Brasilianas*, que abriram caminho a Gonçalves Dias, no tocante ao aproveitamento da paisagem nativa; metrificou o mais longo poema de nossa língua, *Colombo*, do qual se disse que vale por uma galeria inteira, tamanha a força de sugestão pictórica dele emanada; trabalhou no campo da história e da sociologia. Em suma, conforme o dizer de Silvio Romero, foi um homem-tudo. Numa terra pobre de atividades artísticas, tal como a brasileira, esse filho do Rio Grande do Sul teve a mesma significação, para o Romantismo, respeitadas as distâncias, que Leonardo encarnou com respeito ao Renascimento.

Chegou a hora de pagar à memória do engenhoso Porto-Alegre a dívida que a Província de São Pedro ainda não resgatou. E a melhor maneira será esta: criar-se no Museu uma sala que lhe seja especialmente dedicada, na qual ao lado dos ali já existentes, sejam reunidos outros trabalhos do insigne artista. Iniciativa meritória se proporia ainda o Museu se mantivesse um serviço audiovisual que nos pudesse dar, num relance, idéia aproximada do con-

junto de obras deixadas pelo Barão de Santo Ângelo. Seu túmulo, que lá se acha, em Rio Pardo, carcomido pelas intempéries, não basta evidentemente para lembrar aos homens de agora, e aos que vierem, a fascinante personalidade desse trabalhador quase clóptico.

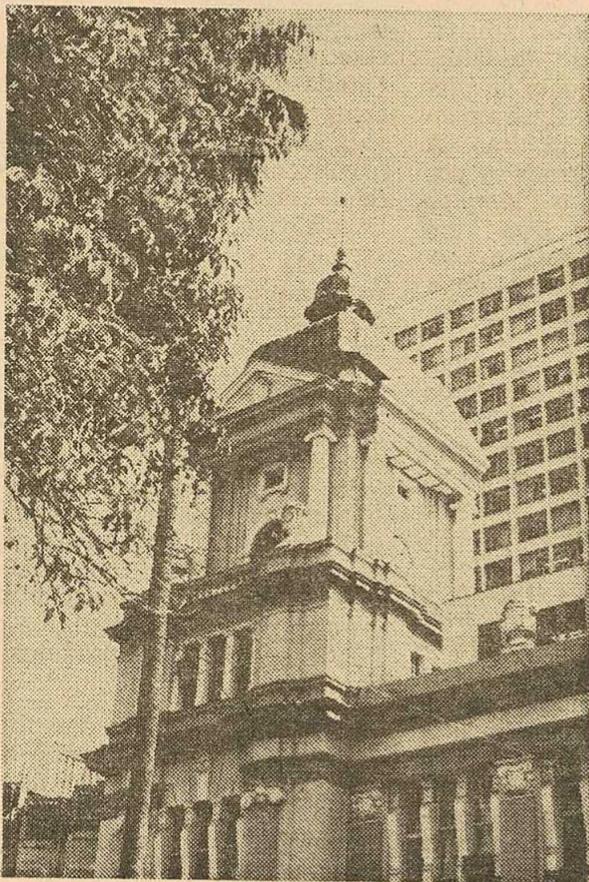
Outra idéia, que de há muito me preocupa, desde que ouvi falar na criação do "Centro Cultural", prende-se à necessidade de poupar esforços e recursos materiais em favor da maior eficácia dos serviços encarregados de difundir arte. E vou logo ao ponto. Existe também em Porto Alegre a Pinacoteca Ruben Berta, hoje confiada à Prefeitura Municipal. Entretanto, esta não dispõe de recursos, ao que parece, para lhe construir sede condigna e ampliar-lhe o espaço e o acervo. Por que não entra o Estado em entendimento com o Município, a fim que seja abrigada ali, no mesmo prédio da antiga Alfândega, essa preciosa coleção? A população ganharia com isso; passaria a dispor, obviamente, de uma casa de cultura maior, com um recheio artístico mais variado e mais rico. E a administração ganharia por igual: despesas menores, vigilância centralizada, preservação melhor desse patrimônio, novas possibilidades de êxito com respeito à obtenção de novas doações. Dois sacos vazios não ficam em pé, diz o meu filósofo particular, Elesbão Lopes Duro, que já emprazou os netos e bisnetos para fazer um comício, se a polícia permitir, no gabinete do Prefeito Socias Villela.

Deleguemos ao Elesbão, os leitores e eu, poderes especiais para falar, pedir, gritar — e, se preci-

so, xingar. O óbvio dispensaria demonstração, caso não houvesse, no meio do caminho, as pedras. Mas as pedras, quando não poéticas, podem ser removidas. Basta um pouco de boa vontade e juventude. Ora, não falta juventude, especialmente a do espírito, aos que hoje se interessam pela preservação do acervo cultural gaúcho. Museu é agora uma palavra mágica. Deixou de ser sinônimo de velharia, de coisa carunchada, de baú de guardados. Um museu, tal como o nosso MARGS, fruto da cooperação de tanta gente, há de ser em Porto Alegre um centro vivaz, onde o acervo recolhido seja "manipulado" (é o termo) em exposições, conferências, planos didáticos, tudo isso de modo a servir, a um tempo, ao lazer, à contemplação desinteressada, tanto quanto a várias disciplinas pertencentes às ciências do homem. E, portanto, lá deverá estar também uma sala especial onde figurem diversos trabalhos de Weingärtner.

Esse pintor, cuja obra é um tratado de sociologia, no que diz respeito às colônias alemãs da Depressão Central e da Encosta Inferior do Nordeste, deixou marca do seu poder criador em cada casa de família abastada, em Porto Alegre. O Estado, se se fizesse um movimento amplo, bem que poderia receber, por doação, muitos desses preciosos documentos artísticos. Dos forretas, dos somíticos, o Museu compraria o resto — e assim ficaríamos dispendo, na Capital, de uma weingärtneriana de respeito. O Museu, assim enriquecido, certamente atrairia visitantes de todos os matizes, de cá e de outros Estados.

E não é isso importante? Muito. Numa idade, como esta, em que o turismo interno, em todas as nações do globo, reveste crescente importância cultural e econômica, é preciso cuidar dessas coisas a sério. Ninguém consegue educar um país, projetá-lo no mundo, com a simples cartilha de alfabetização. Os planos mais elevados do saber, da arte, da ciência pura, da filosofia, tanto quanto os modestos artefatos criados pelo artesanato popular, tudo se alimenta da universalidade de espírito que tem assento em locais como o Museu do Louvre, o Museu do Prado, o Museu de Arte de Nova Iorque. Para lá caminhamos: para imitar, da melhor forma possível, esses bons exemplos. Não fiquemos à margem do caminho, mascando chiclete, quero dizer macaqueando coisas abomináveis que nos chegam do exterior. Pensemos com grandeza. Custa o mesmo que pensar nanico.



Em estilo neo-clássico, o prédio do Museu de Arte do Rio Grande do Sul foi mandado construir em 1913

Desenho Industrial, Urgente

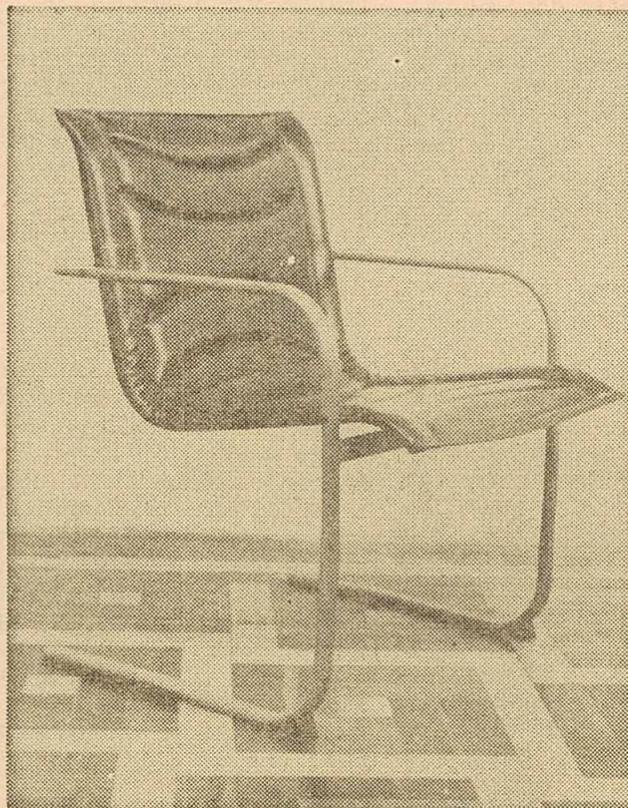
Gunter Weimer

A idéia de que se poderia unir a estética à produção industrial foi concebida na Alemanha antes da primeira guerra mundial. No período de entre-guerras a idéia se consolidou e foi vulgarizada. Chegou mesmo a se expandir para além das fronteiras alemãs, pois encontrou boa acolhida nas associações profissionais de origem artesanal de longa tradição nos países nórdicos. Mas o nazismo foi o fator mais importante em sua expansão pelo mundo a fora: ao expulsar os "artistas degenerados" de seu território, estes levaram a idéia para muitos países. Durante os anos 30 a 40 acontecimentos extraprofissionais não forneceram terra fértil ao desenvolvimento da idéia. A grande depressão, a expansão nazista e a guerra prenderam as atenções do mundo industrial noutros setores.

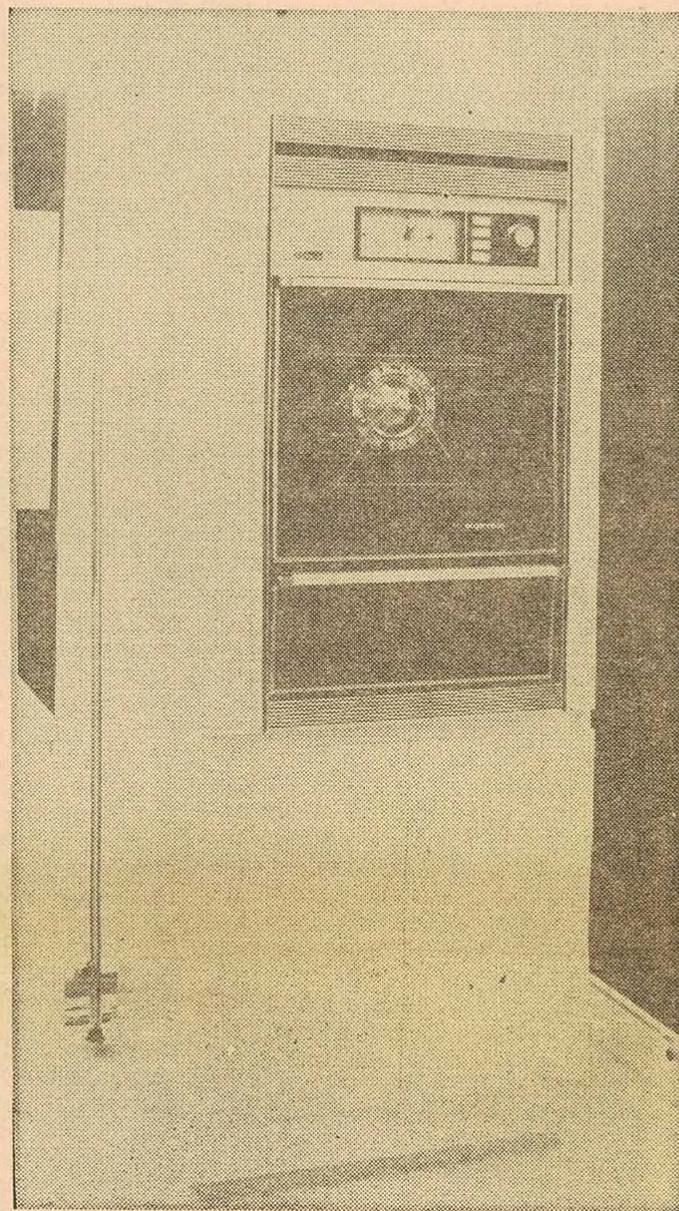
Conseguida a paz e mal refeitos da brutal destruição que a Europa sofreu, a idéia do desenho industrial se espalhou pelos países industrializados com uma rapidez impressionante. Tanto isto é verdade que nos fins dos anos 50 a idéia já era vitoriosa em todo o mundo industrializado. Hoje, naqueles países, já nem se concebe que qualquer produto industrial seja criado sem a participação direta ou indireta de um desenhista industrial. Ali são mesmo comuns as contratações de grandes equipes integradas de desenvolvimento de produtos. Já há notícias da constituição de equipes de quase uma centena de especialistas a trabalhar no desenvolvimento de uma só linha.

No Brasil, as coisas não correram de forma tão sorridente. Tínhamos problemas mais sérios dos quais o principal era consolidar a própria infra-estrutura industrial. De início, quem estava instalando as fábricas não tinha a menor consideração para com a estética. Faltava-nos o capital e uma sólida tradição artesanal. Melhor dito, tradicionalmente, o trabalho manual era praticado por escravos. Com a abolição da escravatura, estes artesãos foram totalmente marginalizados dentro do contexto social. Perdemos, com isto, um grande cabedal de conhecimentos ou de know-how, como se diz hoje.

Assim chegamos à atualidade e o desenho industrial ainda não saiu de sua fase de pioneirismo. E ninguém é pioneiro impunemente. Os primeiros desenhistas industriais que aqui chegaram foram estrangeiros. Concomitantemente, jovens brasileiros — em geral arquitetos — foram ao exterior adquirir estes conhecimentos. Depois de sua volta, inexperientes como todo o recém-formado, começaram com sua atuação profissional. Então se depararam com toda a sorte de dificuldades que hoje, nem de longe, estão resolvidas.



Dois projetos de Gunter Weimer



O primeiro deles é o reconhecimento profissional. Basta abrir os anúncios classificados de nossos jornais para se ter um panorama: procuram-se "desenhistas industriais" aos quais se oferecem remunerações ligeiramente acima do salário mínimo. A confusão é óbvia. Entende-se por desenhista industrial o simples desenhista mecânico! Que um desenhista industrial seja o portador de uma complexa e longa formação superior, nem se cogita.

O segundo problema é a vulgarização generalizada entre nós de uma mercadologia imediatista e limitada. Marketing é a palavra mágica. Nas vendas se consome a maior parte da energia empresarial. E isto não vem por acaso. É o reflexo imediato do espírito mercantilista que nos trouxe o português. Desenho industrial exige pesquisa, investimento, experimentação. Seus resultados trazem frutos a médio prazo. Dentro de nosso espírito imediatista, o desenho industrial tem poucas chances. Preferimos, quando muito, importar a tecnologia pronta das multinacionais que, com seus projetos altamente sofisticados, não encontram a menor dificuldade de se impor no mercado. Os problemas advin-

dos são múltiplos, sendo o domínio da economia nacional e o desvirtuamento de nossa cultura os que mais nos afligem. No pacote dos produtos estrangeiros (ainda que produzidos no Brasil) compramos a própria forma de vida alienígena e daí à nossa alienação cultural é um passo. Correndo atrás da máquina, somos engolidos por ela.

Via de regra, quando alguma empresa solicita o trabalho de desenhista industrial, ela tem em mente a exportação. Ela sabe que no exterior exige-se o "design". Aqui, se vende qualquer coisa. Esta é outra grave deformação, em dois aspectos. Por um lado, somos nós, os desenhistas industriais brasileiros, os menos indicados para interpretar as aspirações de povos que mal conhecemos e por outro, subtrai-se a nosso povo o direito a uma qualidade superior nos produtos que consome.

Isto leva a que o desenho industrial seja, muitas vezes, interpretado como a criação de produtos caros, destinados à alta burguesia. Esta é uma concepção errada porque os produtos requintados têm pouco consumo num país como o nosso, onde mal estamos emergindo da pobreza.

Desenho industrial implica produção de massa, em consumo de massa. E a grande massa de nossa população quer produtos de alta qualidade a preços acessíveis.

Talvez o problema mais grave seja o da proteção ao direito autoral. Não se faz segredo entre nós que a cópia de produtos tem livre trânsito. Copiam-se os produtos concorrentes, os importados, de revistas, de folhetos. E, em geral copia-se mal. A cópia expurga a criação. Nestas condições, o desenhista industrial está totalmente desprotegido na preservação de sua criação. Sem uma lei que proteja o direito autoral, o desenhista industrial, quando se vê roubado em seu trabalho, não tem para onde recorrer. Sem direitos assegurados, seu trabalho vira bagatela.

Por tudo isto, vejo extremamente oportuna a idéia do Museu de Arte promover, em sua inauguração, uma exposição do que temos realizado, no setor. Só assim os problemas poderão ser levantados, discutidos e debatidos. Só assim encontraremos melhores perspectivas para um desenho industrial nosso, autêntico, brasileiro, de que somos tão carentes.

Ainda e Sempre o Mesmo Problema: a Figura

Antonio Hohlfeldt

Já tive a oportunidade de analisar, em 1975, o fato então incontestado da sobrevalência dos gaúchos na área da escultura e da gravura, no panorama geral das artes plásticas brasileiras (1). Contudo, de lá para cá, o processo de descapitalização brasileira aumentou bastante, e o Rio Grande do Sul foi um dos estados mais afetados, devido ao modelo sócio-político-econômico adotado pelo atual regime, que preferiu dar suas prioridades a produtos agrícolas de exportação, diminuindo assim as potencialidades do até então "celeiro do Brasil". Este fato, que refiro sem gauchismo, mas de qualquer maneira com um certo travo amargo, tem repercutido de maneira violenta na área da agricultura e também da pecuária, de tal sorte que o país hoje, de exportador, transformouse em importador de carne bovina, e até mesmo o estado sulino está vivendo esta triste situação. Afastei-me, igualmente, de maneira relativa, da atividade cotidiana dos artistas plásticos gaúchos, embora continuasse a acompanhá-los, à distância, em suas atividades variadas. De tempos em tempos, inclusive, tive a oportunidade de pensar novamente o problema que então colocava criticamente, como no caso do primeiro Projeto Cultur, área de artes plásticas, em que organizei, com Fernando Bittencourt, a exposição do chamado Grupo de Bagé, em setembro de 1976. Pouco antes, em janeiro e fevereiro, acompanhara, justamente em Bagé, o Encontro destes artistas e mais alguns convidados, oriundos do Rio de Janeiro e de São Paulo, e cuja vivência com a campanha gaúcha era praticamente nula. Este acompanhamento, que possibilitou-me inclusive o registro de um importante depoimento dos quatro artistas gaúchos (Glaucio Rodrigues, Glênio Bianchetti, Carlos Scliar e Danúbio Gonçalves) a respeito de suas obras e evolução, propiciaria observação significativa quanto aos demais convidados já que mesmo aqueles acostumados a atuar na faixa do abstracionismo, foram levados a fixar-se na figura, ante a contundente realidade com que se depararam na campanha gaúcha.

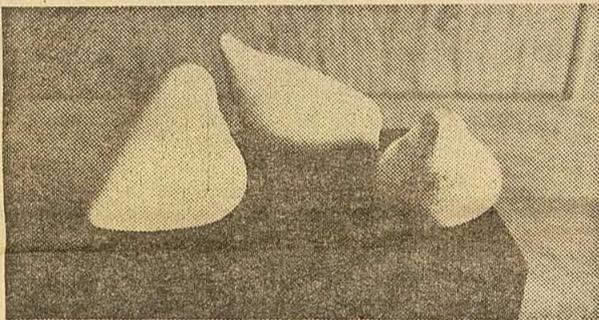
Retomava eu, de certa maneira, a proposta feita em 1975, e que poderia ser resumida no fato de pensar que o isolacionismo relativo em que vivia o Rio Grande do Sul, bem como o nordeste, facilitara a guarda de tradições e de raízes culturais, que aqui puderam ser bem mais conservadas do que no caso dos chamados grandes centros, cujas ligações internacionais serviram para um desfibramento e uma influência estrangeira mais forte e mais descaracterizante. O problema referia-se não apenas a temáticas, mas conseqüentemente, na medida em que não podemos aceitar a dicotomia entre formas e conteúdos, também às técnicas e aos materiais. Observe-se que o nordeste é famoso por seus entalhes, havendo grande parte de seus artistas mais populares que além de excelentes entalhadores são igualmente poetas de mão cheia na manifestação da chamada "poesia de cordel". Estes mesmos artistas, em sua grande maioria, dedicam-se também à escultura, bastando lembrar-se, por exemplo, a manifestação — hoje em vias de extinção, graças aos equívocos da administração federal — das chamadas "carrancas" do Rio São Francisco, trabalhos feitos pelos próprios pescadores, algumas vezes, como função simultaneamente religiosa e de adorno de suas barcas.

O Rio Grande do Sul possui larga tradição arquitetônica e escultórica, devendo lembrar-se o significado do legado dos Sete Povos das Missões (não vamos aqui entrar na polêmica questão em torno de quem mais influuiu em quem: se os padres jesuítas sobre os indígenas ou estes aos padres. Remetemos o leitor, e modo o caso, à obra de Armando Trevisan sobre o tema, que deverá ser lançada nos próximos dias pela Editora Movimento e Instituto Estadual do Livro). Por outro lado, basta viajar-se pela companhia para encontrarmos muitos gaúchos, bons de montaria e de doma, que se divertem trabalhando com pequenos canivetes sobre raízes de árvores, encontradas ao acaso, que eles esculpem carinhosa e cuidado-

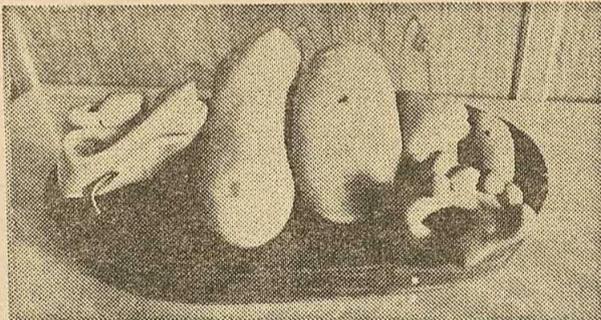
samente, criando peças curiosíssimas. Nos dois casos, está unido o aspecto utilitário (criação de cuias para churrasco, por exemplo), ao estético, uma vez que os adornos inventivos, plenos de curvas, entradas e planos variados, traduzem evidente preocupação de enfeite. A ligação entre o arquitetônico e o escultórico igualmente é antiga, disto sendo exemplo as antigas casas da cidade de Porto Alegre ou igrejas eventualmente salvas da sanha das imobiliárias contemporâneas: por trás da aparente simplicidade de linhas, uma riqueza imensa de adornos apresenta-se aos olhos do visitante.

O Rio Grande do Sul, desde cedo, conta-nos Athos Ferreira, contou com bons professores italianos na área do desenho, e talvez devido à sua pobreza, logo chegava à multiplicidade das imagens através da mais simples técnica de reprodução plástica conhecida, que é a da xilogravura.

Hoje, contamos com um conjunto significativo de artistas nestes dois campos. Observemos o conjunto de obras escultóricas que a cidade de Porto Alegre apresenta, assim como grande parte das cidades interioranas. Por outro lado, há uma certa fidelidade destes artistas aos materiais mais primitivos e — em minha opinião — justamente por mais conhecidos e já utilizados, mas desafiadores na tarefa de criati-



"Outono",
de Cecilio
Holden Garland



"Eva",
de Neusa Mattos

vidade e inovação proposta ao artista: o ferro (Stockinger, Cidade, Vasco, Tenius) e a madeira (Stockinger, Vasco, Guma), sem esquecermos eventualmente a pedra (Stockinger e Vasco, em especial). No caso da gravura, embora se utilizem técnicas mais novas como o silk-screen, a maioria dos artistas continua fiel à xilogravura, e alguns dedicam-se à gravura em metal, de difícil artefato, como bem sabemos.

No mês de setembro, tive a oportunidade de integrar o júri do II Salão de Artes de Pelotas. Ali, de um modo ou outro, tinha-se à disposição a produção básica dos mais novos artistas gaúchos, pois que se contava com quase uma centena de obras. Dos três trabalhos premiados, fomos encontrar um desenho, uma gravura e uma pintura que, no entanto, tem muito de desenho, uma vez que os contornos e os detalhes da imagem não decorrem da organização das massas pictóricas, mas sim da passagem do traço, cujos labirintos valoriza o conjunto cromático, e cujo corte da imagem, embora começa a tender para o conjunto abstrato, mantém-se ainda muito fiel ao figurativismo. Mais do que isso, é importante notar-se que além de figurativos, os três trabalhos possuem significados críticos específicos, facilmente inteligíveis, e que traduzem posicionamento preciso de seus criadores, distanciando-se do elemento puramente decorativo, para situar-se ao nível do ilustrati-

vo, no sentido que lhe dá Bernard Berenson (2), de "representação, através do armazenamento na memória de configurações e padrões concretos".

Das outras dez menções concedidas naquele salão, se não me engano, uma única foi dirigida para uma peça abstrata, um geometrismo sobre o qual, aliás, eu teria sérias restrições por sua pobreza, mas que, enfim, teve o apoio do júri, e assim, aceito em seu resultado final.

Ainda mais recentemente, integrando o júri do II Salão de Cerâmica promovido pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul, voltei a observar a mesma tendência. Note-se sobretudo que, ao menos entre nós, a cerâmica é sobretudo um artesanato, tradicionalmente abastardada na simples função decorativa, ao mesmo tempo em que marginalizada por ser atividade não de artistas, mas geralmente de pessoas que baseam nas artes plásticas muito mais lazer do que expressão.

O Salão, contudo, feita a seleção, e mesmo antes dela, com pouquíssimas exceções, apresentou extraordinário nível de criação, e raras vezes encontramos aquelas peças a que tradicionalmente nos acostumamos a torcer o nariz, uma vez que nada acrescentam ao conjunto de significados plásticos já conhecidos. Pelo contrário, tínhamos uma síntese precisa entre conjuntos

plásticos essencialmente figurativos, embora nem sempre fotograficamente ligados a um elemento existente na realidade. A atomização de uma das peças, a que maior simpatia alcançou de maneira geral junto ao júri; a figura simplificada e de altíssima síntese do trabalho de um ceramista uruguaio, a criatividade de formas longiquamente ligadas a um elemento de realidade circundante, mas que me lembrou, por exemplo, e muito, a um vegetal (como o outro trabalho apresentado pelo mesmo artista: o selecionado para premiação é como um cactus; o outro, espécie de cogumelo); além das cinco peças escolhidas para menções honrosas (uma das quais de mimotismo quase fotográfico; outra, de utilitarismo que não impediu a sensibilidade criativa; as outras, de figurativismo variado), encontramos a persistência da tendência para a figura. Note bem o leitor que não se trata de fotografia, de cópia, de subjugamento da obra de arte pela realidade; apenas uma questão de expressão, de preocupação, de relação que o artista estabelece entre sua obra e seu mundo. Somos ainda, felizmente, em meu entender, um povo essencialmente ligado à terra. Nossa poesia e nossa música vêm conseguindo recuperar o telurismo que nos anos 60 se havia abandonado por mácia importação de uma manifestação massiva, dificilmente artística, que encoberta pela etiqueta da vanguarda e

do internacionalismo, impedia a livre manifestação do artista brasileiro (veja-se, a propósito, o livro de Marta Traba, recentemente traduzido pela editora Paz e Terra, "Duas décadas vulneráveis nas artes plásticas latino-americanas — 1950/1970").

O problema voltou a ser discutido justamente a partir da exposição dos artistas do Grupo de Bagé, em termos de arte brasileira. Muitos são aqueles que teimam em falar de uma universalidade da arte. É evidente para nós, que a tendência à expressão artística seja algo universal, porque humano. Contudo, há elementos específicos desta expressão que encontraremos diferenciados regionalmente, conquanto estes mesmos elementos regionalizados possam ser perfeitamente aprendidos universalmente, justamente na maior medida de sua regionalidade. Jung refere-se a isto como arquétipos. Eu preferiria falar de características do ser humano, comuns em todos os pólos, embora manifestando-se de maneira diversa aqui e ali.

Não se trata, como alguém tentou aventar, tempos atrás, de que os críticos comecem a ditar normas de como fazer ou não fazer a obra de arte ao artista. Isto tornar-se-ia motivo de riso e chacota como ocorre, por exemplo, entre os atuais soviéticos. Contudo, cabe ao crítico, eminentemente conceituador (engquanto o artista é sobretudo um ator, no sentido da prática criativa), discutir e levantar os problemas conceituais que envolvem a obra de arte. Por isso, parece-me extremamente importante esta discussão, que não deve ser evidentemente fechada, mas que tem de ser levada adiante, para não correremos o risco, já mencionado por Teodor Adorno, a propósito da música moderna: aquilo que tudo pode significar, acaba nada significando. Somos um país do Terceiro Mundo. Precisamos, inclusive, numa função mítica de resistência à avassaladora despersonalização causada pela arte dos chamados países desenvolvidos do Hemisfério Norte, manter íntimas relações com a produção artística de nossa própria geografia. Não é por nada que Frederico Moraes reivindica para a gravura a fixação de temas cotidianos. Eles são nossa realidade, ainda que em mutação, pois afinal, também não podemos cair no equívoco contrário (embora particularmente eu ainda o ache menos maléfico. Prefiro correr os riscos do xenofobismo do que da despersonalização. Veja-se, a respeito, a grande tarefa empreendida pela revolução chinesa na revalorização de seu imenso acervo até então escondido aos olhos do mundo e só redescoberto na medida em que o fechamento de fronteiras culturais possibilitou pesquisas e escavações). Ao contrário da propaganda oficial, continuamos um país subdesenvolvido. Mas ser subdesenvolvido, também ao contrário do pensamento oficial, não é degradação. Talvez seja, inclusive, a maneira brasileira e terceiro-mundista de resistir à dominação. As pesquisas já demonstraram cabalmente que esta arte primitiva não precisa ser necessariamente inferior à dos grandes centros. Basta lembrar-se a valorização da literatura de cordel em todo o mundo. No campo das artes plásticas, temos vivido, contudo, avassaladoras influências a que nem sempre nossos artistas sabem resistir. Se o processo de criação artística é eminentemente individualizado, não menos é verdade que, consciente ou não, voluntariamente ou não, o artista e sua obra cumprem uma função social. E a partir desta posicionamento é que devemos nos preocupar com técnicas, materiais e objetos representados, preocupação aliás, que desde mestre Aristóteles é constante no pensamento estético.

NOTAS

- (1) HOHLFELDT, Antônio — "Figura e abstração nas artes plásticas gaúchas", in "Mudanças", Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 1977.
- (2) BERENSON, Bernard — "Estética e História", Perspectivas, São Paulo, 1972.

Os Cinco Núcleos do MARGS

Núcleo do Acervo

O Núcleo do Acervo constitui um dos pólos estruturados dentro das diretrizes da atual direção do MARGS, com as seguintes finalidades: recolher; colecionar; classificar; tomar e documentar, preservar, conservar, restaurar e expor as peças ou documentos da coleção de obras de arte do Museu. A objetivação do trabalho é feita através de quatro grupos com competências específicas: a) Grupo de Exposições (permanentes, itinerantes e comemorativas); b) Grupo de Tombo, Fichário e Documentário das obras; c) Grupo de monitores pedagógicos; d) Grupo de conservadores-técnicos (Reserva, depósito de obras, Laboratório de Conservação e Restauro e Carpintaria).

As obras da pinacoteca — gravuras, desenhos, esculturas, objetos, etc. — estão todas tombadas ou inventariadas. O Fichário e Documentação, em fase de trabalho intensificado.

Dez obras de grande valor foram restauradas e, quase uma centena, em fase de limpeza e restauração de molduras, por técnicos especializados.

Em 1974, o MARGS arrolou em Catálogo Geral 238 obras. Em dezembro de 1977 foi reorganizado um novo Catálogo Geral, contando 547 peças, que, em breve, estará ao dispor do público interessado. Atualmente, o Livro Tombo registra mais de 600 obras, sendo que as doadas desde 1975, somam a importância de mais de dois milhões de cruzeiros.

Por ocasião da abertura solene de inauguração do prédio permanente do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, a pinacoteca ocupará o maior espaço do salão principal. Na ala direita, valorizando e promovendo a produção e o artista do Rio Grande do Sul, serão apresentadas pinturas de artistas gaúchos. Na ala esquerda, obras de renomados artistas nacionais e estrangeiros. No centro, sobre suportes, as esculturas e objetos em geral.

Em duas salas especiais, conjugadas, desenhos e gravuras serão expostos em forma rotativa. A mostra inicial teve escolha dentro do critério histórico-cronológico. A alteração das peças será feita no espaço de 60 dias.

Ruth Elvira Blank

Núcleo de Documentação e Pesquisa

Se um museu antes de mais nada, deve ser um órgão de documentação dedicado a determinados aspectos da cultura ou da ciência, não pode limitar-se à exposição de obras e programações culturais, mas deve também ser a memória de todo um ramo de atividades. No MARGS, esta tarefa cabe ao Núcleo de Documentação e Pesquisa que, através de levantamento sistemático de dados e informações sobre artes plásticas no Rio Grande do Sul, procura ser este agente de pesquisa.

Não desconhecemos a grande responsabilidade que assumimos, nem pretendemos dizer que já atingimos este objetivo. Somos apenas um setor em fase de crescimento que pode e deve ser reestruturado, à medida que novas situações o exigirem.

Atualmente o núcleo desenvolve várias atividades. Entre elas estão: a organização da biblioteca, onde se dá grande destaque à hemeroteca; a preparação de arquivo do currículo dos artistas plásticos; a documentação fotográfica, incluindo a elaboração de audiovisuais; a publicação de catálogos, cartazes, sendo que há três anos já é editado o Boletim Informativo do MARGS. Todas as atividades realizadas pelo Museu também são registradas neste setor.

Para o melhor desenvolvimento destas tarefas, o Núcleo de Documentação e Pesquisa está subdividido em cinco grupos: Documentação, Pesquisa, Publicações, Planejamento Gráfico e Audiovisual.

Embora a meta primordial seja o registro e pesquisa dedicados à arte gaúcha, não nos descuidaremos do movimento artístico nacional e, para tanto, procuraremos o apoio de outros

museus e entidades, através de um permanente intercâmbio de informações.

Magdalena Lutzenberger

Núcleo da Galeria

Cabe ao Núcleo da galeria a promoção das exposições temporárias, numa dinâmica que visa principalmente à renovação periódica de um público interessado em acontecimentos de arte. Como meta principal a Galeria do MARGS, dentro da orientação da atual direção, fará promover tanto exposições de caráter didático, que digam res-

peito mais a acontecimentos de renovação do panorama da arte, como também coletivas, pesquisas e proposições de equipes. As retrospectivas de artistas cuja obra necessite revisão, também estarão incluídas nessa meta.

A equipe da galeria já tem larga experiência no planejamento, organização e montagens de exposições. Hoje contando com uma área aproximada de 200 m², onde poderão ser montadas até três exposições simultâneas. Está também afeta à galeria o planejamento e organização das exposições itinerantes, no País e estrangeiro.

Plínio Cesar Bernhardt

Integração do Museu no Centro Cultural

Alberto André

Quando, quinta-feira última, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul inaugurou sua sede no antigo prédio da Delegacia Fiscal, o Projeto do Centro Cultural de Porto Alegre recebia sua terceira e decisiva peça. Ganha o MARGS edifício amplo, de reconhecida projeção histórica e cultural, onde poderá desenvolver e intensificar suas atividades, ao mesmo tempo em que o Centro passa a contar com valioso hóspede para a consolidação da sua estrutura.

Quem me anunciou isso, recentemente e agora confirmado, foi o diretor Luiz Ignácio Medeiros. "O sonho de ver o Centro Cultural na Praça da Alfândega, está começando a realizar-se. O Museu já se acha na casa nova, em obras de adaptação que vão chegando ao fim" — disse ele num bilhete. As repartições federais que residiam no próprio, tendo à frente a representação da Fazenda Nacional, estão de mudança para a Praia de Belas. Tal acontece quatro anos e meio depois que o ex-presidente Médici fez publicar decreto, autorizando a cessão do imóvel ao Governo do Estado para uso do Museu.

ANTECEDENTES

A origem do projeto do Centro Cultural de Porto Alegre está no Parecer nº 101, do Conselho Estadual de Cultura, aprovado em sua reunião de 15 de janeiro de 1974. A proposição, contida no Processo 24/73 do Conselho, foi de autoria de Paulo de Tarso da Rocha, seu integrante e infelizmente já falecido.

Sugeria o documento fossem as praças e adjacências, com os prédios da Delegacia Fiscal, Correios, Banco Nacional do Comércio, Secretarias de Estado e Imprensa Oficial, incluídos num Centro Cultural, destinado a "abrigar bibliotecas, museus, salas de exposição e outras entidades afins".

A iniciativa coincidia com a idéia do ex-prefeito Thompson Flores de unificar as praças e remodelar todo o espaço de maneira a transformá-lo em pólo de cultura. Estes objetivos foram endossados pelo governador Euclides Triches e incorporados, pela gerência de Reavaliação do Plano Diretor, ao I Plano de Desenvolvimento Urbano de Porto Alegre. Aqui foi seu defensor o arq. Moacyr Moojen Marques, que havia participado das comissões executivas de levantamento do patrimônio cultural da cidade.

Na realidade, o fator mais antigo de todo o expediente foi a reforma da Lei Orgânica do Município, em dezembro de 1970, cujo art. 117 determinou o arrolamento dos bens culturais. Logo após assumir, o prefeito Guilherme Socias Villela encampou o procedimento e lançou uma série de proposições para humanização da cidade, a começar com o núcleo central.

SITUAÇÃO

A esta altura, sem qualquer dúvida, é de se considerar o projeto vitorioso, embora diversas unidades ainda estejam longe de sua inclusão.

É que a administração procede à unificação dos espaços, junta as praças da Alfândega e Rio Branco, prossegue no calçamento da Rua da Praia e faz desaparecer as ruas em torno. Toda uma filosofia de trabalho converge para os objetivos em causa, que vai dotar Porto Alegre de notável equipamento de cultura e lazer. A Secretaria Municipal do Meio Ambiente entrega o novo espaço à população até fins deste ano, para utilização exclusiva dos pedestres.

Antes e como primeira peça, instalou-se no edifício da Imprensa Oficial, velha sede da Federação, o Museu Hipólito José da Costa, da Comunicação Social, fundado em 10 de setembro de 1974. Embora ainda sem a assistência devida do Piratini, o Museu da imprensa é hoje plena realidade. Continua a ação pela salvação dos prédios deteriorados do Cinema Guarany e Farmácia Carvalho. O importante é igualmente incorporar o edifício dos Correios e Telégrafos, que forma com o da Delegacia Fiscal o mais expressivo pórtico realçado pela Avenida Sepúlveda. Não vai ser fácil sua cessão, por depender de empresa pública e do Ministério das Comunicações. Algumas gestões, vindas desde o tempo do ministro Corsetti, foram negativas.

SIGNIFICADO

Por tudo, é legítima adiversa a transferência do MARGS para o prédio da "ar nouveau" da Delegacia pois, à satisfação de suas melhores instalações e de sede que consideramos definitiva, acresce a consagração do Centro Cultural.

Com seu marcante acervo de mais ou menos 500 peças, entre pintura, gravura, desenho, escultura, cerâmica, objetos e tapeçaria, que vem cuidando desde criado em 1954, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul finalmente encontra adequado habitat, 23 anos depois de sua primeira exposição na Casa das Molduras e 21 após sua instalação no Teatro São Pedro com retrospectiva de Pedro Weingartner.

O Decreto federal 73.789, de 11 de março de 1974, autorizou a "cessão gratuita do próprio nacional situado na Praça Visconde do Rio Branco", ficando o prazo de dois anos para a instalação do Museu após firmado o contrato de cessão. Pelo que se observa, trata-se de cessão pura e simples, cabendo ao Estado "promover, sem ônus para a União, a instalação das repartições federais que estão utilizando o imóvel objeto da presente cessão".

É com muita satisfação que registro este evento, dois anos e três meses após reportagem no *Correio do Povo*, em que anunciava as primeiras medidas destinadas à mudança. É, sem dúvida, acontecimento para o Museu, as artes e a cultura da cidade. Na pessoa do diretor Luiz Ignácio Medeiros desejo cumprimentar todos os que lutaram e defenderam esse ideal, o do Centro Cultural em cujo complexo se insere agora o valioso Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

Núcleo de Extensão

O Núcleo de Extensão surgiu da necessidade de sistematizar e intensificar programas educativo-culturais na comunidade. Segundo a orientação da direção, tínhamos, de início, duas metas a cumprir: de um lado, manter e ampliar as relações do museu com seu público freqüentador e, de outro, sensibilizar camadas que não têm acesso à arte por motivos sócio-econômicos. Ao primeiro grupo, composto em sua maioria por intelectuais, artistas, jornalistas, colecionadores, professores e estudantes, o Museu tem procurado oferecer oportunidades de aprimoramento através de palestras, cursos práticos e teóricos, painéis, debates, filmes audiovisuais e outros recursos didáticos. Os críticos Frederico Moraes, Francisco Bittencourt, Carlos Von Schmidt, Carlos Scarinci e artistas de renome ministraram cursos a convite do Museu. Há dois anos estamos promovendo uma série de encontros de artistas plásticos com estudantes em suas escolas, num convênio com a Primeira Delegacia de Educação. Lançamos este ano um curso de monografias sobre artistas plásticos sul-riograndenses para incentivar a pesquisa em nosso meio. Grande repercussão obteve o I Seminário de Museologia, conduzido pelo nosso diretor, sobre "Preservação e Segurança nos Museus". Contamos, então, com a participação de responsáveis por museus do Interior do Estado e da Capital, oportunizando a troca de informações a nível técnico e o convívio direto com profissionais da área. Em relação ao segundo objetivo do núcleo, visando a deselitização da arte, temos realizado programas de grande receptividade, destacando-se o projeto "O Museu vai à Indústria", que, em conjunto com o SESI e o apoio de dirigentes de empresas, atingiu expressivo número de visitantes entre funcionários e operários da Grande Porto Alegre. Consta o mesmo da exposição de 25 gravadores e desenhistas gaúchos selecionados pelo MARGS, mais uma mostra explicativa de técnicas gráficas. Incipientes, porém válidos e importantes, foram os programas de criatividade junto ao Hospital Psiquiátrico São Pedro e Presídio Central orientados por Wagner Dotto, com a finalidade de oferecer oportunidades criativas e liberadoras a uma faixa de público carente e marginalizada. Com todos estes programas, mais o que pretende realizar agora com o espaço da nova sede, o Museu vai assumindo seu papel de agente comunicador e dinamizador da cultura. Por fim, cabe-nos ainda, como atribuição, integrar às artes plásticas, outras manifestações da sensibilidade contemporânea, sem estabelecer barreiras, pois ao museu cabe promover a atualidade do fazer humano.

Teniza de Freitas Spinelli

Núcleo Administrativo

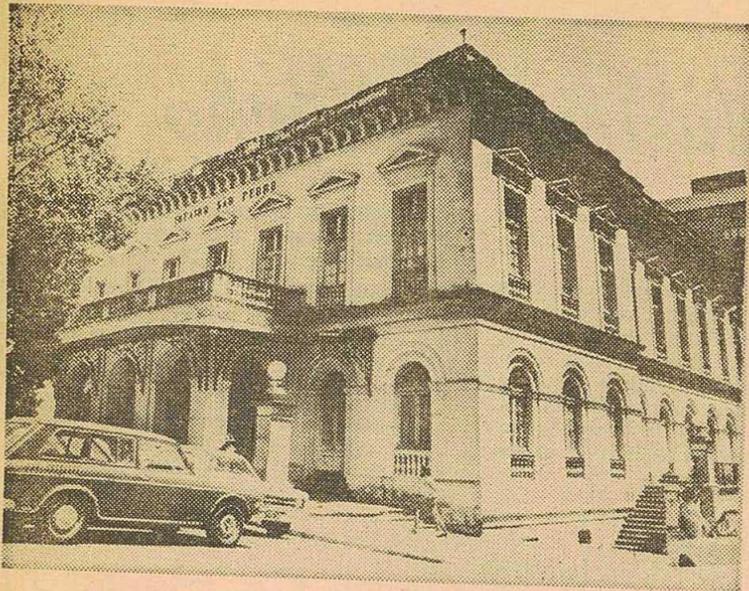
Como sabemos, "Administração é um conjunto de princípios, normas e funções que tem por objetivo ordenar, dirigir e controlar os esforços de grupos de indivíduos para um fim comum: os resultados, os fins almejados e planejados". E assim temos agido desde 4 de setembro de 1973 como coordenadora do MARGS. E, desde 14 de maio de 1975, estamos sob a eficiente e brilhante direção de dr. Luiz Inácio Medeiros.

Contamos para execução de nossas atribuições, com os grupos de pessoal, material, finanças e serviços gerais.

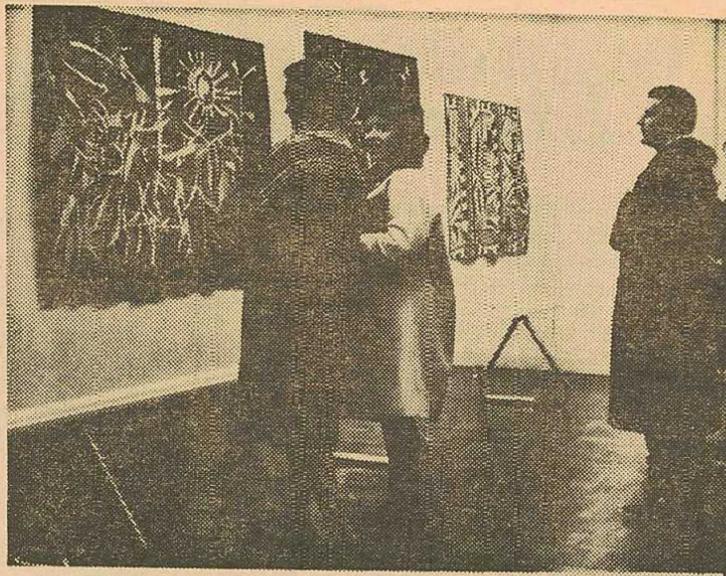
Entre as principais atribuições dos referidos grupos de trabalho cabe citar: controle da vida funcional do pessoal do MARGS, levantamentos periódicos do material, recebimento, guarda e distribuição de material e correspondência, informação de processos, organização e execução de trabalhos de maçonografia, elaboração do orçamento, coordenação das atividades de conservação, manutenção, segurança, vigilância e serviços burocráticos em geral.

Atualmente desenvolvem atividades como estagiárias quatro universitárias subvencionadas pelo MUEDES (Mov. Universitário de Desenv. Ec. e Social), em convênio com o DAC-SEC.

Nair Silva de Carvalho



O Teatro São Pedro foi o primeiro prédio a abrigar o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, que lá permaneceu durante 16 anos



No "foyer" do centenário Teatro São Pedro, a asal de exposições do MATGS

O MARGS Ontem e Hoje

A Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado foi criada pela Lei nº 2345 de 29 de janeiro de 1954. Através de sua Diretoria de Artes foi prevista a criação de um Museu de Arte no Estado, como organismo necessário à preservação e divulgação do nosso patrimônio artístico e cultural.

Foi a receptividade do Governador Ildo Meneghetti, aliada à sua compreensão das necessidades culturais do Estado, que garantiram o êxito dessa iniciativa. A realização deste empreendimento coube ao Secretário da Educação e Cultura, Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha e seu sucessor, Dr. Ariosto Jaeger. Era então Diretor da Divisão de Cultura, o Prof. Ênio de Freitas e Castro, e Diretor da Diretoria de Artes o Prof. Ado Malagoli, designado desde o início para organizar e dirigir o Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

Tendo como local a Casa das Molduras, em 1955 foi realizada a primeira mostra promovida pelo MARGS. A mostra, intitulada "Exposição de Arte Brasileira Contemporânea", englobava trinta e três pintores de várias tendências e propiciava o contato do público com as atividades artísticas desenvolvidas em outros centros do País.

Dois anos mais tarde, foi oficialmente aberta a sala de exposições no "foyer" do Teatro São Pedro, local designado para sede provisória da instituição. Tratando-se de um museu rio-grandense, esta inauguração foi marcada com a apresentação retrospectiva de Pedro Weingartner, considerado um dos mais autênticos artistas plásticos do Rio Grande do Sul.

No Teatro São Pedro, o Museu permaneceu durante dezesseis anos. Com a restauração do Teatro, foi transferido, provisoriamente, para o Edifício Paraguai, na Avenida Salgado Filho, local também pequeno para o crescente volume de trabalho do MARGS. Foi então que o Decreto Federal nº 73.789 de 11 de março de 1974, autorizou a instalação do Museu de Arte do Rio Grande do Sul no prédio da Delegacia Estadual do Ministério da Fazenda.

Somente este ano, entretanto, e graças ao especial interesse do Delegado Estadual do Ministério da Fazenda, Carlos Alberto Peracchi Barcellos, foi possível a transferência do MARGS para sua sede definitiva.

O início da mudança processou-se em maio e, em julho, todos os Núcleos já se encontravam em funcionamento na nova casa. Até às vésperas de sua inauguração, o prédio sofreu reformas, visando sua adaptação às novas funções de um verdadeiro centro de artes.

Agora, com sua espaçosa sede, localizada bem no centro da cidade, junto à Praça da Alfândega, e contando com pessoal técnico especializado, o MARGS tem amplas possibilidades de se tornar um verdadeiro centro de ação cultural e educativa na comunidade, cumprindo sua tarefa como ins-

tituição museológica do mundo moderno.

SEUS DIRETORES

Desde o início de suas atividades, o MARGS contou com o trabalho e a dedicação de nomes ilustres que contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento das artes plásticas e da cultura no Rio Grande do Sul.

Ado Malagoli — Organizador e primeiro Diretor, escolheu a primeira sede do Museu e preparou uma sala de exposições adequada. Iniciou o acervo, convidou artistas de renome nacional e internacional para exporem suas obras na capital gaúcha e programou inúmeras outras atividades culturais. Conservador, pintor e restaurador, Malagoli permaneceu à testa do Museu de Arte de 1954 até 1959.

A relação dos nomes que sucederam Malagoli na direção do MARGS é a seguinte:

Glênio Bianchetti — Pintor, desenhista, gravador e professor. Um dos fundadores do Clube de Gravura de Porto Alegre e de Bagé. Foi diretor do Museu de Arte a partir de 1960.

Francisco Stockinger — Pintor, gravador e escultor. Um dos fundadores do Atelier Livre da Prefeitura Municipal, dirigiu o Museu de Arte de 1963 a 1964, retornando à direção em março do ano de 1967.

Carlos Scarinci — Professor de filosofia e crítico de arte. Dirigiu o MARGS em novembro de 1964, continuando na direção até 1967.

Gilberto Morás Marques — Arquiteto, foi diretor do MARGS de 1968 até janeiro de 1972.

Antônio Hohlfeldt — Jornalista e professor, foi diretor do Museu de Arte de fevereiro de 1972 até 30 de junho do mesmo ano.

Armando Almeida — Pintor, desenhista, gravador e professor, dirigiu o Museu de Arte de julho de 1972 até fevereiro de 1973.

Flávio Rocha — Pintor, dirigiu o MARGS de março de 1973 até dezembro do mesmo ano.

Kurt G. Schmeling — Arquiteto e professor, foi diretor do Museu de Arte de dezembro de 1973 até abril de 1974.

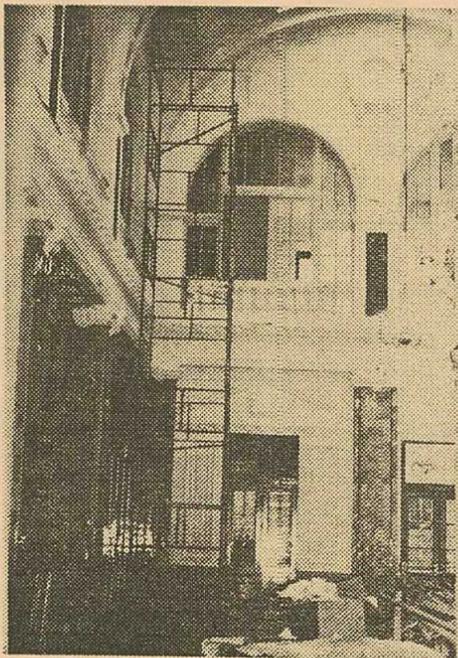
Plínio César Bernhardt — Pintor, desenhista, gravador e professor, dirigiu o MARGS de abril de 1974 até maio de 1975.

Luiz Inácio Franco de Medeiros — Advogado e colecionador de arte, atual diretor do MARGS, reorganizou o Museu, criando os Núcleos que hoje o compõem: Núcleo Administrativo, Núcleo do Acervo, Núcleo da Galeria, Núcleo de Documentação e Pesquisa e Núcleo de Extensão. Graças ao apoio do Departamento de Assuntos Culturais da SEC, iniciou a restauração das obras do Acervo. Tendo como meta prioritária a transferência do Museu de Arte do Rio Grande do Sul para o prédio da Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda, vendo hoje esse objetivo alcançado, com a inauguração das novas instalações do MARGS.



Na Salgado Filho, a entrada para o Salão principal de exposições

Aspectos de uma mostra na sede da Salgado Filho, vendo-se ao fundo "A Dama de Branco", de Arthur da Costa Tomotheo, importante obra pertencente ao Museu.



O prédio da nova sede recebendo as reformas necessárias para adaptar-se às funções de Museu

Exposição de Desenho Industrial Gaúcho

“A sociedade de consumo está chegando ao Brasil que, ainda, na sua diversidade, possui estágios dos mais primitivos em termos de desenvolvimento. O Rio Grande, que sempre teve na atividade agropastoril a base de sua economia, também tem seu processo industrial acelerado. Não queremos julgar o fato, mas apenas, constatando-o, exami-

nar a relação existente entre arte e indústria, entre tecnologia e criação do belo.

A “Bauhaus” marcou no Ocidente o início da atuação artística na produção industrial, buscando, com o múltiplo, atingir à massa. A forma e sua funcionalidade, objetivos de um bom desenho industrial, revelam o grau de civilização do homem. Essa preocupação tem motivado industriais de visão

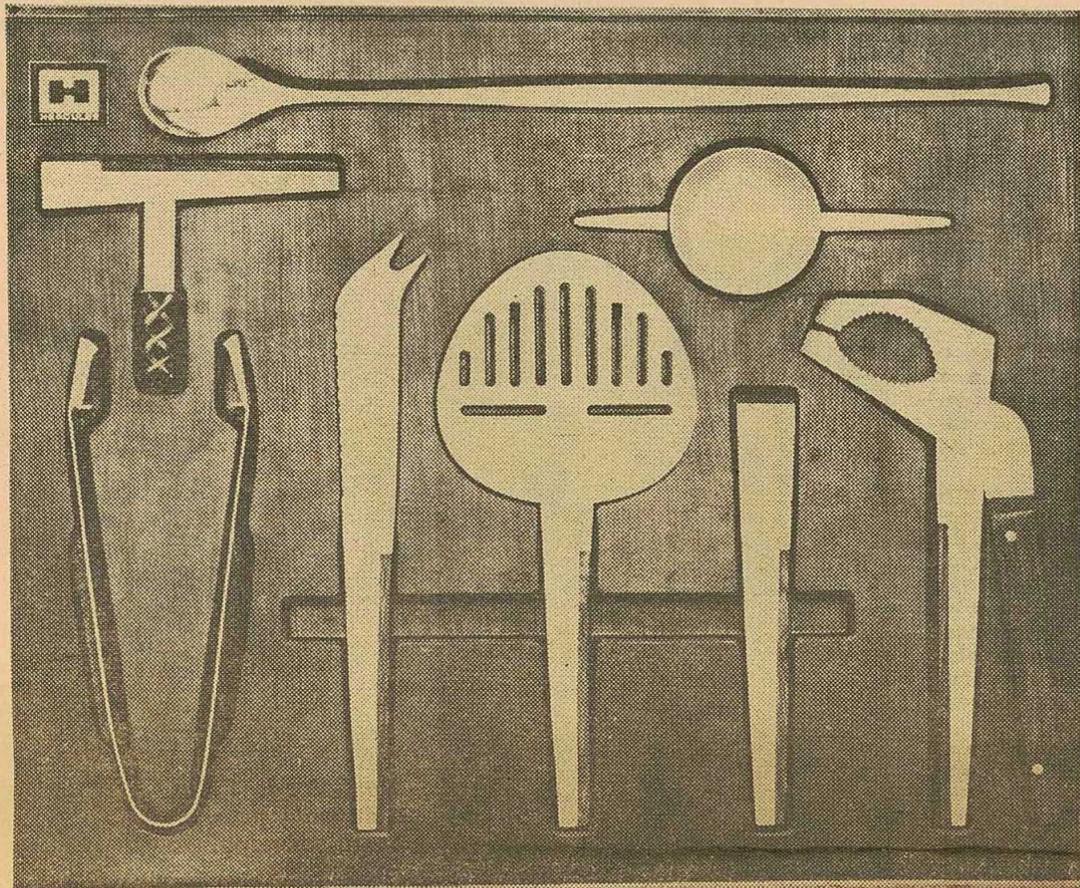
a descobrir e valorizar artistas que criam um desenho nosso de valor e qualidade.

O MARGS, que se propõe ser uma casa de cultura voltada para a comunidade que a sustenta, homenageia, com esta primeira exposição de desenho industrial gaúcho, aos artistas e às indústrias que, compreendendo a importância da invenção tecnológica, os apoiaram. Complementam a expo-

sição trabalhos de programação visual de alguns artistas que dão à mesma uma amplidão de “design”.

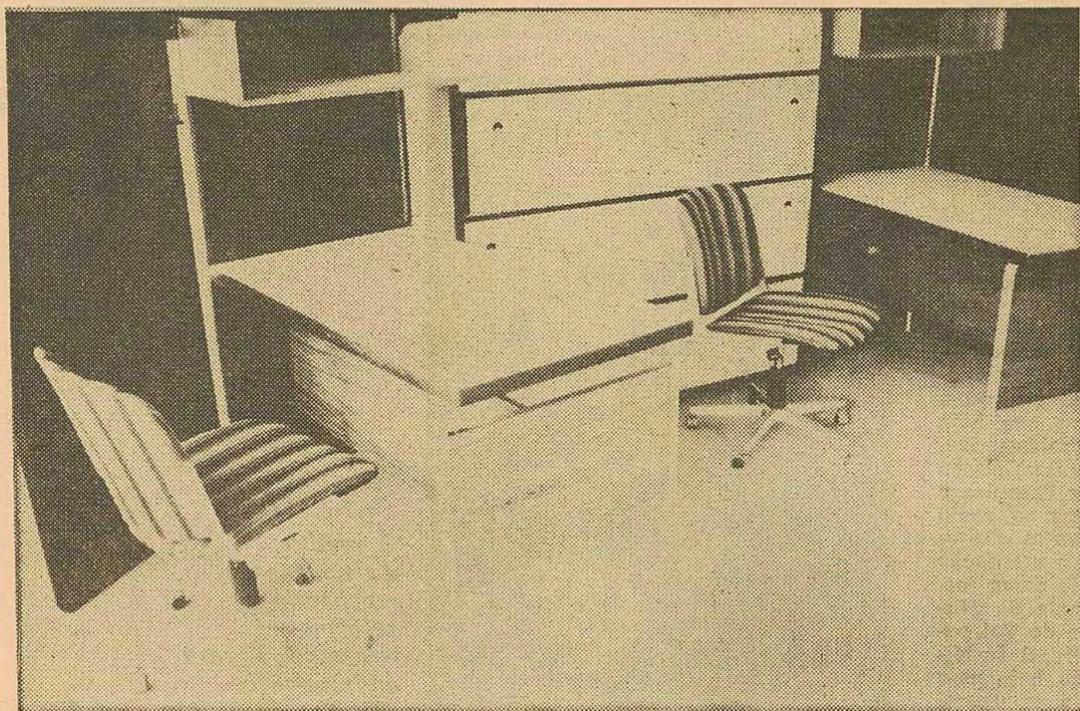
Que esta mostra sirva de estímulo e exemplo a todos os que, diuturnamente, criam novas riquezas na produção e comercialização do Rio Grande”.

— Texto de apresentação do catálogo da exposição



Desenho Industrial da Zivi Hércules criado por José Carlos M. Bonancini e Ivan Ptzhold

Jarra da Termolar, criação de José Carlos Bornancini e Nelson I. Petzhold, em exposição na sala do Desenho Industrial, no MARGS



Dos arquitetos Sérgio Parnagnari e Ivano Sanguinetti é o “Núcleo Poriaemrional de Reuniões” de Manlio Gobbi representando o Desenho Industrial na exposição do Museu

Luis Inácio! Aquela Abração Paulo Scherer.



englobando

PAULOSCHERER

FESTAS E INAUGURAÇÕES DESTES ÚLTIMOS DIAS

- Realmente como acontece no segundo semestre, são dezenas de convites que chegam semanalmente movimentando em muito a vida de todos os colonistas. Vamos a eles...
- Em comemoração aos dez anos de fundação do Lions Club de Novo Hamburgo Courocap, dando continuidade às festividades, nesta última terça-feira foram convidados a participar do referido clube de serviço o casal Iris e Lauro Dias. No mesmo acontecimento foram homenageados Sônia e Astor Hanz (Governador 72/73 do distrito L-7) e Doroti e Gastão Cassel (ex-presidente).
- Na quinta-feira, nosso Estado recebia o tão esperado Museu de Arte, órgão do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura, situado à praça Barão do Rio Branco, ocupando o antigo prédio da Delegacia Fiscal, construído há 50 anos, e que se constituiu, juntamente com o edifício dos Correios e Telégrafos, em um conjunto arquitetônico que se destaca no centro de Porto Alegre. Na inauguração do MARGS se faziam presentes entre outros o governador e sra. Silval Guazzelli, Ernesto Frederico Scheffel, Luis Carlos Lisboa, Lea e Arthur Guarisse, Astrid Hermann. Todos recepcionados por Luis Inácio Franco de Medeiros, um gentlemann.
- Entre os inúmeros presentes na inauguração da Clínica Medisinos estavam Lea e dr. Walter

Einweihung des neuen Museu de Arte

Am 26. Oktober fand die offizielle Eröffnung des MARGS (Museu de Arte do Rio Grande do Sul) an der Praça Rio Branco unter dem Vorsitz des Gouverneurs Sinval Guazzelli und seiner Frau Dna. Ecléa statt. Anwesend bei der Feierlichkeit waren staatliche und staedtische Behoerdenvertreter der Gauch-Hauptstadt, Vertreter des konsularischen Korps und viele Kunst- und Kulturfreunde.

In dem prachtvollen Gebaeude der ehemaligen «Receita Federal» untergebracht, hat das MARGS jetzt Raeumlichkeiten, die den 620 Kunstwerken von in- und auslaendischen Kuenstlern den entsprechenden Rahmen verleihen.

Der Direktor Luiz Inácio Medeiros, der das Museum seit 1975 leitet, sprach sich sehr befriedigt aus, dass er sein Ziel erreicht habe und dem Publikum nun einen besseren Platz zur Foerderung der bildenden Künste bieten kann.

Der Besuch des MARGS ist fuer jeden von auswaerts kommenden Gast in Porto Alegre unbedingt zu empfehlen.

Deutsche Zeitung - Paulo - 4.11.78



Gouverneur Guazzelli und Frau Ecléa sowie der Staatssekretaer fuer Kulturangelegenheiten beim Durchschneiden des Bandes.



Die anwesenden Vertreter der Landesregierung lassen sich vom Museumsdirektor Inacio Medeiros die neuen Ausstellungsraeume der MARGS zeigen.

EDIÇÃO ESPECIAL

Boletim



INSTITUTO CULTURAL BRASILEIRO NORTE - AMERICANO

ANO XXXI PORTO ALEGRE 1978 N.ºs 4 e 5





Indiscutivelmente o acontecimento marcante ocorrido no presente ano foi a inauguração da sede própria do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, que veio enriquecer substancialmente a vida cultural da cidade.

A concretização desse objetivo só foi possível graças ao esforço, idealismo e persistência do jovem Diretor do MARGS, Luiz Inácio Medeiros, que tem se notabilizado como um dos mais ardorosos defensores da **arte** no Rio Grande do Sul.

Para o Boletim Luiz Inácio fala sobre o MARGS e sua importância no cenário cultural porto-alegrense:

"O MARGS passou a ser o maior Museu do Estado e pretende ser uma casa aberta a manifestações plásticas contemporâneas, à música e ao ballet, oferecer cursos, ser um centro de Documentação. Acho que a data de 26 de outubro ficará como um marco no panorama plástico do Estado. Além das atividades normais de exposição permanente do acervo e exposições temporárias, o Museu pretende também continuar com projetos que já vem desenvolvendo junto a fábricas, FEBEM, Hospital São Pedro e outras entidades que atendem a classes menos favorecidas. Em síntese, pretende ser um Museu dinâmico. Além disso, a preocupação com o patrimônio artístico fora de nossas coleções, com os monumentos públicos, com prédios de real valor arquitetônico será atividade constante. O Museu deve ser expressão e análise da comunidade que o sustenta. O Museu quer significar para Porto Alegre e para o Rio Grande do Sul um centro sério, dinâmico e eficiente de cultura. Além do trabalho interno, que é árduo, das promoções permanentes, teremos algumas exposições destinadas a grande repercussão, como parte do Acervo da Sul America de Seguros, do pintor Manuel Cargaleiro (de Portugal), uma retrospectiva de desenhos de Iberê Camargo. Mas o grande objetivo do Museu é multiplicar por dez seu número de visitantes e frequentadores, contribuindo assim para a melhoria do nosso nível cultural.

Pessoalmente a convivência diária com colegas, artistas, é extremamente criadora, já que todos estão sempre buscando aperfeiçoamento e novas formas de expressão. Realizo-me pessoalmente em poder colaborar com a cultura de nosso Estado e já que não sou artista, procuro encurtar as distâncias que entre nós existem, entre o povo e a arte. Esse elitismo prejudica a ambos artistas e povo. Acho que a sede conseguida e o trabalho de restauração e instalação realizados agradaram. Isso me alegra, pois foi uma e tapa vencida."





PORTO ALEGRE

Terra-Gente

EMPRESA PORTOALEGRENSE DE TURISMO S/A

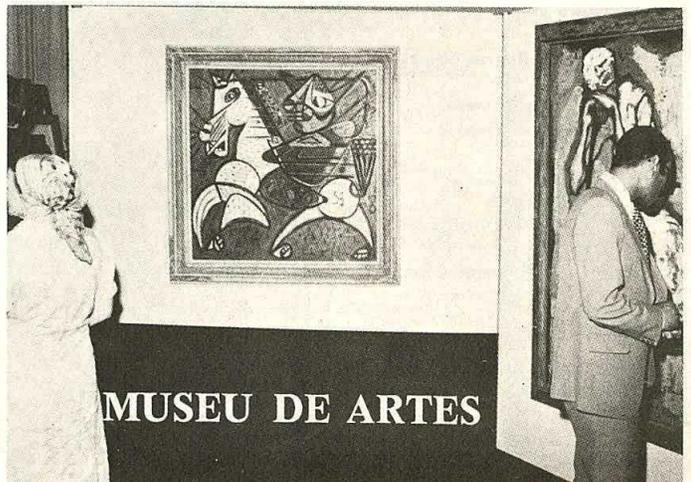
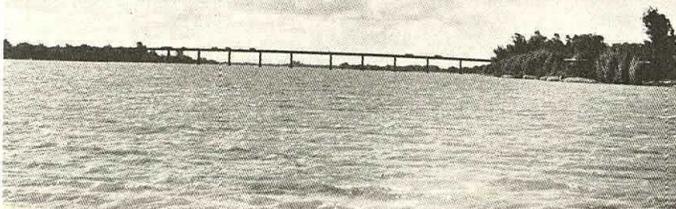
ANO I - Nº 5 Out/Nov 78



QUANDO OS JACARANDÁS FLORESCEREM, ESTEJA CONOSCO EM PORTO ALEGRE

Com esta frase, do médico Mário Rigatto, foram convidados os participantes do IV Congresso Brasileiro de Pneumologia, realizado em outubro em Porto Alegre. Pela sua beleza, os jacarandás de Porto Alegre já serviram de tema a escritores e poetas gaúchos. Nesta temporada do ano, a cidade fica mais alegre com suas flores azuis violáceas.

AS ILHAS DO GUAÍBA





SUCESSO EM SÃO PAULO E BRASÍLIA

Os hotéis de Porto Alegre já estão interessados em promover também aqui um Jantar de Estância, a exemplo do que foi feito em São Paulo e Brasília nos dias 21 e 25 de outubro.

Esta é a primeira reação positiva à investida da Epatur para promover a culinária pastoril do Rio Grande do Sul, através de trabalho coordenado pelo estúdio gaúcho, Paixão Cortes. Até agora um Estado conhecido pelo churrasco e o carreteiro, decidiu-se mostrar que há outras comidas típicas da região, inclusive dentro do padrão internacional.

Os dois jantares promovidos pela Epatur seguiram a mesma orientação. Primeiro no Brásilton Hotel, de São Paulo, e depois no Clube da Aeronáutica, em Brasília, a promoção se caracterizou pela alta qualidade. Ambiente à luz de velas, serviço à francesa apresentado por maitres vestidos a rigor, os pratos gaúchos foram servidos dentro do estilo internacional mais apurado, reservado às cozinhas mais selecionadas.

O cardápio elaborado pela comitiva gaúcha constou de Matambre Encilhado à Rio-Grandense, Caldo de Puchero à Fronteira, Cordeiro à Minuano, Ambrosia de Laranja e doces de Pelotas, como sobremesa. Os convidados também saborearam cachaça de butiá de aperitivo e degustaram vinho de Viamão. Durante os jantares, a apresentação dos conjuntos "Os Gaúchos", "Os Tropeiros" e "Oigalê Che", com as músicas Rancho de Estrada, Velha Gaita e Gauchinha Bonita, além das danças Pezinho, Chimarrita, Carreirinho, Tatu de volta no meio e a Chula. O recitador Marco Aurélio Campos, Rafael do Bandônion e o cantor Gilberto Amaral também participaram da promoção.

Os dois jantares tiveram sucesso total e, em Brasília, os organizadores foram obrigados a aumentar em 150 o número de talheres, inicialmente previsto para 300.

Uma rede de hotéis de Porto Alegre está interessada em promoção semelhante aqui. Uma boa indicação para o objetivo do Jantar de Estância, realizado para promover o outro lado da cozinha gaúcha junto ao público multiplicador, formado por agentes de viagem, transportadores e os próprios hoteleiros. É através deles, segundo a estratégia da Epatur, que a empresa alcançará a finalidade de "divulgar os pratos típicos para ordenar e promover a oferta".

O sucesso alcançado nestas duas experiências da Epatur e promovidas com a colaboração da Vasp, levaram a Empresa Portoalegrense de Turismo a ampliar esta primeira etapa de promoção da culinária gaúcha. Já estão sendo mantidos contatos com o governo da Bahia para a realização em Salvador de mais um Jantar de Estância.

MUSEU DE ARTES

Em nova sede, mais uma atração para os turistas

A inauguração oficial da nova sede permanente do MARGS ocorreu no dia 26 de outubro. Paralelamente à mostra do acervo, o saguão foi local para a apresentação do balé de Ilse Simon.

Uma das galerias do segundo andar abriga a I Exposição do Desenho Industrial Gaúcho, incluindo desde carrocerias de ônibus até talheres, contando com a participação de oito artistas — entre os quais Norberto Bosetti, único brasileiro incluído no acervo do MAM, de Nova Iorque — e 11 empresas — entre elas a Zivi, a Eberle e a Marco Polo. A outra galeria do andar superior mostra o III Salão de Cerâmica do Rio Grande do Sul.

O MARGS está aberto diariamente, das 10 às 17 horas. Funcionará também aos sábados e domingos, porque deve se constituir em importante centro de atração turística.

Quando o MARGS ainda funcionava na Av. Salgado Filho, até o final do primeiro semestre deste ano, em salas pequenas, a visitação média era de 1.500 pessoas por mês. Com a instalação do Museu na sede definitiva, a intenção é atingir o nível de 12 mil visitantes mensais, até o final de 1979.

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul já está instalado na sua sede permanente, concretizando a meta prioritária de Luiz Inácio Franco de

Medeiros, seu diretor desde 1975. A utilização do antigo prédio da Delegacia Fiscal, na Praça da Alfândega, foi autorizada pelo Decreto Federal nº 73.789, de 11 de março de 1974. De lá para cá, com vistas à mudança, que se atrasou um pouco porque autarquias ainda funcionavam no local, o MARGS foi reorganizado. Sob orientação do diretor, foram efetuadas reformas na nova sede — limitadas à pintura e retirada de paredes divisórias e tetos falsos — e tomadas medidas de prevenção contra incêndios, roubos e depredações.

Luiz Inácio de Medeiros acha importante que "quem lida com órgãos públicos tenha em mente uma relação entre custo de uma melhoria e o real benefício que proporciona. Não se pode gastar o dinheiro público para usufruto de uma minoria".

As reformas do MARGS foram feitas sem recorrer extraordinariamente ao auxílio oficial e a partir de iniciativas próprias, como a realização de cursos e, mais recentemente, do Leilão de Arte, em setembro, que significou uma renda de Cr\$ 287 mil para o museu.

INSTALAÇÕES

A nova sede do MARGS tem área total de 3 mil m², incluindo 30 salas. O prédio, em estilo neo-clássico

alemão, foi mandado construir pelo Ministério da Fazenda, em 1873. Seu autor foi o arquiteto Adolpho Gundlach, com a colaboração do escultor Alfred Adloff.

Na parte térrea, haverá espaço suficiente para várias atividades, como atendimento a escolas da comunidade, ateliers de pesquisa e criatividade de grupos de crianças e artistas, auditório para palestras, cursos, cinema, audiovisuais, salas de serigrafia, laboratório fotográfico, atelier de restauração e oficina de marcenaria.

No primeiro andar, serão aproveitados 835 m² para exposição permanente do acervo, em seções de escultura, pintura, gravura, desenho, cerâmica e tapeçaria. Haverá bar e loja para atendimento dos visitantes.

No segundo andar, com espaço de 220 m², funcionarão duas galerias para exposições temporárias e sala para arte popular e artesanato.

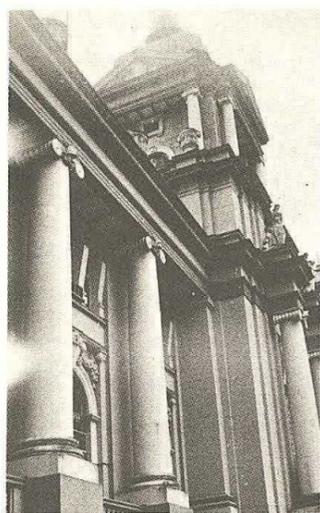
DESELITIZAÇÃO

O objetivo de toda a atividade do MARGS, segundo Luiz Inácio de Medeiros, "é a deselitização da arte", porque "um museu não é um lugar de coisas e gente velha", mas sim "um centro dinâmico e irradiador de cultura".

O MARGS deverá ser "cada vez mais aberto à comunidade que o criou" e continuará desenvolvendo as experiências iniciadas em 78 em atividades como O Museu vai à Indústria — reunindo artistas e operários — e O Artista vai à Escola — dedicada aos estudantes de 2º grau.

ACERVO

O acervo do MARGS foi inicia-



do por Ado Malagoli, seu primeiro diretor, quando o museu ainda funcionava no "foyer" do Teatro São Pedro (onde permaneceu 16 anos).

A criação do museu foi prevista pela Lei nº 2.345, de 29/01/54, que criou o Departamento de Assuntos Culturais da SEC. A primeira mostra do MARGS foi realizada em 1955, na Casa das Molduras.

Atualmente, o acervo do MARGS — que breve aparecerá em novo catálogo — ultrapassa 600 peças, quando há três anos não atingia 300. Seu valor aproximado é de 70 milhões de cruzeiros, com uma representação mais expressiva de artistas gaúchos.

OS JACARANDÁS DE PORTO ALEGRE

Até o final de novembro, a Praça da Alfândega, um dos pontos mais tradicionais e conhecidos de Porto Alegre, estará mais florida. Pois é justamente nesta época que das árvores de jacarandá brotam flores, tornando mais bonita esta árvore majestosa e de grande valor ornamental. Pela sua beleza, os jacarandás plantados em Porto Alegre, em especial os da Praça da Alfândega, já serviram de tema a escritores e poetas gaúchos, entre eles Érico Veríssimo, Mário Quintana e o jornalista Antônio Carlos Ribeiro, louvador freqüente das sombras que a árvore proporciona, na sua coluna dominical do Correio do Povo.

Originária do Peru, classificada cientificamente em dois gêneros, *Dalbergia* e *Machaerium*, da família

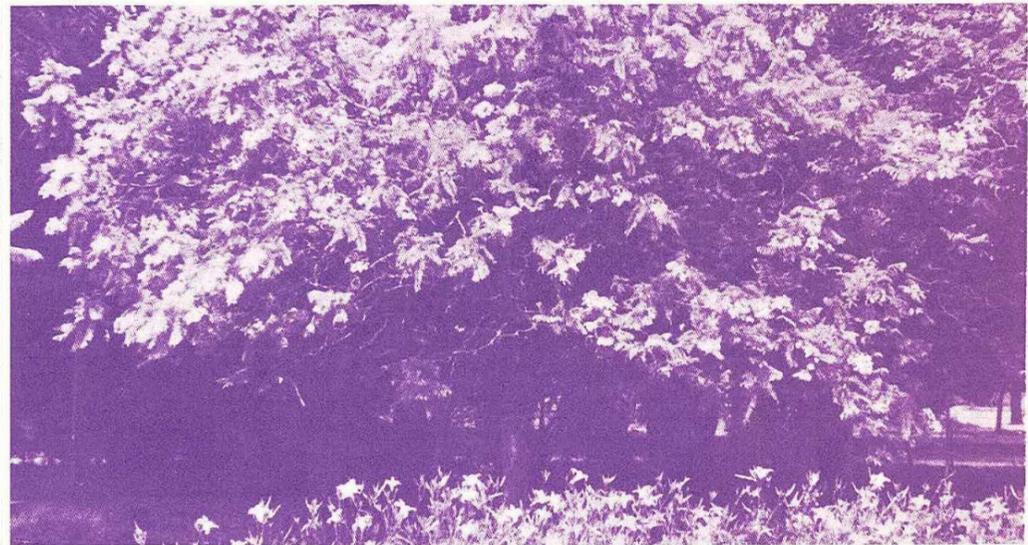
das Leguminosas, o jacarandá é uma árvore tipicamente sul-americana.

Pode ser encontrada com facilidade na Argentina, Bolívia e Brasil, onde é considerada madeira-de-lei. Assim, tanto serve para dar sombra aos porto-alegrenses, como é utilizada na fabricação de móveis e objetos decorativos. Principalmente o jacarandá preto, cujas maiores plantações se concentram na Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro e, com menos freqüência, Minas Gerais.

Como suporta bem as baixas temperaturas, o jacarandá é uma das árvores mais plantadas nas cidades do interior do Rio Grande. Tem grande valor decorativo, por sua abundante folhagem e período de floração extenso. Atinge, em média,

10 metros de altura, quando bem cuidada. As das vias públicas, em geral, atingem proporções menores, pois ficam expostas a condições ambientais menos favoráveis, como descargas de veículos, gases químicos e outros tipos de poluição.

A semente do jacarandá brota com facilidade, não exige grandes cuidados quando a árvore é plantada. Seu ciclo corresponde mais ou menos ao seguinte: depois de brotar, as folhas aparecem, os ramos crescem durante o verão. Mantém as folhas até o fim de agosto e começo de setembro. A brotação tem início no final de setembro e princípio de outubro. E suas flores grandes, vistosas, azuis violáceas, aparecem em outubro, persistindo em dezembro até o final da primavera.



FESTIVAL DE COROS



Quase três mil pessoas no espetáculo final

A Alleluia, de Haendel, marcou o emocionante final do Festival Internacional de Coros, cantada pelos integrantes dos 12 corais que participaram da noite de encerramento, em 17 de outubro.

O último espetáculo do VI Festival Internacional de Coros teve um público de quase 3 mil pessoas, sem contar as que não puderam entrar. Esse sucesso é surpreendente para uma promoção sem similar no mundo e que começou despretensiosamente, há 16 anos.

O presidente da Associação do Festival de Coros do Rio Grande do Sul, Dante Barone, lembra que tudo começou em 1963, "quando resolvemos fazer uma apresentação para obter um órgão para a igreja de Nossa Senhora de Lourdes. Convocamos, através dos jornais, os grupos corais que quisessem participar, jamais supondo que a afluência seria tão grande e que resultaria no primeiro festival".

Com o apoio de muitas entidades oficiais e turísticas, a Associação do Festival de Coros é responsável por toda a organização do encontro musical. O planejamento de um festival inicia logo que o anterior acaba. Cerca de 2 mil cartazes alusivos à promoção são enviados a todos os grupos corais do mundo. Dante Barone afirma que "é impossível acertar a participação de todos os que se inscrevem. Às vezes chegam a ser 300 grupos. Garantimos hos-

pedagem e alimentação a todos os corais participantes, mas o problema de alguns deles, de países mais distantes, é a passagem".

Os corais vindos do exterior permanecem sob os cuidados da Associação e da empresa de Turismo Guaíba. Sem se limitar a apresentações no Festival, eles são levados a outros públicos, em promoções, hospitais, penitenciárias e solenidades.

A Fase Regional realizou-se de 6 a 8 de outubro, com a participação de 27 grupos locais, dos quais os 12 melhores ganharam passagem para a segunda fase. A votação é feita de modo peculiar: os espectadores elegem seus favoritos em cupons que acompanham cada ingresso. Para facilitar a apuração, cada coral é identificado por uma palavra que consta do programa.

A Fase Internacional realizou-se entre 12 e 17 de outubro, com a participação de 36 grupos, dos quais 16 gaúchos, sete brasileiros e 13 vindos da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia e Uruguai.

A noite final incluiu um concerto da OSPA, que contou com quatro corais na apresentação da Nona Sinfonia, de Beethoven. O excesso de público para este concerto atrasou seu início das 18h 30min para as 19h, e atrasou também o início da apresentação dos 12 corais do encerramento, que

iniciou às 21h e só terminou de madrugada à 1h 30min, com casa superlotada até o fim.

O destaque absoluto da noite foi o Coral de Cali, da Colômbia. No palco às escuras, seus 90 integrantes surgiram portando velas acesas e cantando, em português, *Negrinho do Pastoreio*, complementado pelo *Negrinho* colombiano e com um integrante representando a personagem. O Coral de Cali teve de fazer muitos números extras, solicitado pelo público que aplaudia de pé e rendia homenagem à excepcional solista Zoraida Guedes, que interpretou *Las Virgenes del Sol* e *Sinfonia em Si*.

A apresentação mais simpática, criativa e genuinamente brasileira foi do *Madrigal do Recife*, que cantou o folclore nordestino e até dançou frevo, sob a regência do maestro Beltrão. Outro grupo muito criativo que participou do Festival foi o *Arte Vocal*, de Ribeirão Preto, São Paulo, que incluiu muito de humor no arranjo *Coca-Cola* — um número crítico à publicidade e ao consumo desenfreado.

Os demais grupos vocais que participaram da noite, também, aplaudidos entusiasmadamente, foram os Corais de *Cannelloni* e *Monteverdi*, do Uruguai; o *Coral Polifônico de Santa Fé*, Argentina; o *Ars Nova* e o Coral de Belo Horizonte, de Minas Gerais; o *Coral 25 de Julho*, de Novo Hamburgo, o *Coral da Faculdade Canoense* e o *Coral da UFRGS*, gaúchos.